

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO**

ADRIANE IAROCZINSKI

**A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO ESCOLAR E VIOLÊNCIA INFANTO-
JUVENIL NO CONTEXTO DE AÇÃO DO PROGRAMA DA
PATRULHA ESCOLAR EM PONTA GROSSA-PR.**

PONTA GROSSA-PR

2009

ADRIANE IAROCZINSKI

**A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO ESCOLAR E VIOLÊNCIA
INFANTO-JUVENIL NO CONTEXTO DE AÇÃO DO PROGRAMA DA
PATRULHA ESCOLAR EM PONTA GROSSA-PR.**

Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva

PONTA GROSSA-PR

2009

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Processos Técnicos BICEN/UEPG

- I11r Iaroczinski, Adriane
 A relação entre o espaço escolar e violência infanto-juvenil no
 contexto de ação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa -
 Pr. / Adriane Iaroczinski. Ponta Grossa, 2009.
 107 f.
 Dissertação (Mestrado em Geografia - Área de concentração :
 Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Orientadora: Profa. Dra. Joseli Maria Silva
1. Violência Infanto-Juvenil. 2. Espaço escolar. 4. Patrulha
 Escolar. I. Silva, Joseli Maria. II. T

CDD: 362.7

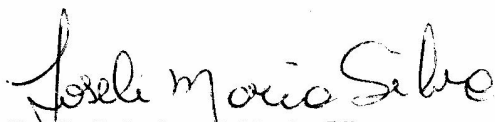
TERMO DE APROVAÇÃO

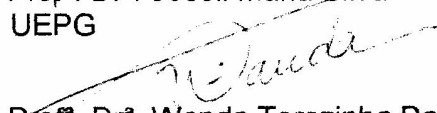
ADRIANE IAROCZINSKI

**“A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO ESCOLAR E VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL
NO CONTEXTO DE AÇÃO DO PROGRAMA DA PATRULHA ESCOLAR EM
PONTA GROSSA - PR”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador


Prof.^a. Dr.^a. Joseli Maria Silva
UEPG


Prof.^a. Dr.^a. Wanda Terezinha Pacheco
UNICENTRO


Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky
UEPG

Ponta Grossa, 29 de maio de 2009

Dedico este trabalho à minha família em especial aos meus irmãos Teófila, João, Celso e a minha querida e amada mãe Adélia, pela coragem e energia que me ensinaram a enfrentar desafios.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em especial a minha orientadora a Professora Dra. Joseli M. Silva por sua dedicação e paciência comigo, por suas honrosas contribuições de conhecimentos que me transmitiu, pela orientação deste trabalho que marcou minha formação. Obrigada, de todo o meu coração.

Agradeço a Universidade Estadual de Ponta Grossa, instituição que me possibilitou a concluir o curso de pós-graduação.

Agradecimentos especiais ao Primeiro Batalhão da Polícia Militar do Paraná – Programa da Patrulha Escolar, instituição que possibilitou o acesso às fontes de pesquisa e auxiliou na discussão dos dados obtidos.

Agradeço aos representantes das escolas que me receberam em seus estabelecimentos e possibilitaram o desenvolver das minhas pesquisas e observações.

Também gostaria de agradecer aos membros da banca, por participarem e opinarem neste trabalho dando suas honrosas contribuições.

Gostaria de agradecer aos meus amigos da universidade, em especial ao Alides B. Chimin Jr. e ao Rodrigo Rossi pelas contribuições e idéias que trocamos no GETE – Grupo de Estudos Territorial.

Agradeço ao apoio da família, que sem vocês não chegaria até aqui.

Enfim, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho. Obrigada.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender a relação entre o espaço escolar e violência infanto-juvenil no contexto de ação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR. A violência infanto-juvenil é heterogênea, havendo elementos constitutivos desta espacialidade diferencial a serem explorados. Assim, sob esta concepção, tem-se por objetivo compreender o espaço escolar e sua relação com a violência infanto-juvenil a partir da implantação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR. A apreensão da organização do espaço como produto social tem se constituído por um longo percurso de investigação entre os geógrafos. Neste contexto, as abordagens vinham privilegiando o estruturalismo entre as classes sociais e a lógica da acumulação do capital pautado, na teoria marxista. Apesar do avanço das idéias defendidas pelas correntes do pensamento geográfico alguns elementos como as categorias crianças e adolescentes nem sempre existiram, foram construídas historicamente em suas realidades sociais. A violência escolar infanto-juvenil ancora um processo que inclui a diversidade cultural e as condições sócio-econômicas, os quais contribuem na produção do espaço. O espaço geográfico produzido por indivíduos marginalizados socialmente, que estão fora de um padrão cultural seguido por uma sociedade, são negligenciados e ausentes como atores que promovem a reprodução do espaço social. Tais elementos se tornam importantes para se considerar de forma acentuada num estudo científico. É nesta perspectiva que a proposta de pesquisa enfatiza o segmento social infanto-juvenil como atores sociais transformadores do espaço através da dinâmica da violência escolar. Torna-se, portanto, de grande relevância pesquisar sobre a violência infanto-juvenil no espaço escolar visto que remete a uma discussão sobre o papel da escola na sociedade e o papel do Estado enquanto regulador das relações sociais presentes no espaço escolar, os quais são partes integrantes da dinâmica sócio-espacial e também como fonte organizadora das consciências sociais. Utilizando-se da pesquisa quantitativa e qualitativa, buscou-se na coleta de dados, observações a campo e entrevistas exploratórias com os atores sociais com propósitos de investigação por meio de suas concepções e percepções a respeito da violência escolar. Essas metodologias empregadas permitiram chegar a um resultado abrangente que proporcionou nortear o objeto de estudo desta pesquisa para melhor compreensão desse fenômeno. Com os resultados quantitativos foram identificadas as escolas com os maiores índices de violência registrados pelo Programa da Patrulha Escolar, o que possibilitou a construção do perfil dos atos violentos cometidos e sofridos pelo grupo social infanto-juvenil e com os resultados qualitativos viabilizou diagnosticar e compreender a expressividade da violência escolar, a partir da visão dos agentes sociais responsáveis neste processo, educadores, policiais e alunos, caracterizando suas avaliações e suas ações implementadas diante da problemática da violência escolar.

Palavras-chave: Violência Infanto-Juvenil; Espaço Escolar; Patrulha Escolar.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand the relationship between the school space and infanto-youthful violence in the context of the action the Patrol School Program in Ponta Grossa-PR. The infanto-youthful violence is heterogeneous with the constituent elements of the spatial differential to be explored. Thus, under this concept has been the objective of understanding the school and its relationship with the children and youth violence from the implementation of the Program of Patrol School in Ponta Grossa-PR. The seizure of the organization as a social space has been made by a long road of research among geographers. In this context, the approaches had the privilege structuralism between social classes and the logic of capital accumulation based in marxist theory. Despite the progress of the ideas advocated by the current thinking of some elements such as geographic categories children and adolescents do not always existed, historically have been built in their social realities. The infanto-youthful violence ancora a process that includes cultural diversity and the socio-economic conditions, which contribute in the production of space. The geographic space produced by socially marginalized people, who are out of a pattern followed by a cultural society, are neglected and absent as actors that promote the reproduction of social space. These elements become important to consider so severe a scientific study. And it is in this perspective that the proposed research emphasizes the social segment for children and youth, as social actors processors through the dynamics of the area of school violence. It is therefore of great importance to research on infanto-youthful violence, as it refers to a discussion on the role of schools in society and the role of the State as regulator of social relations in the school, which are parts of the dynamic socio-spatial organization and also as a source of social consciousness. Using the quantitative and qualitative research sought to data collection, the field observations and interviews with actors exploratory purposes with social research through their ideas and perceptions about the school violence. These methods employed led to a result that allowed comprehensive guide the object of study of this research to better understand this phenomenon. With the quantitative results indicated the schools with the biggest indices of violence registered by the Patrol School Program that enabled the construction of the profile of the violent acts committed and suffered by infanto-youthful the social group and with the qualitative results made possible to diagnosis and to understand the expressiveness of the pertaining to school violence, from the vision of the responsible social agents in this process, educators, policemen and pupils, characterizing its evaluations and its action implemented ahead of the problematic one of the pertaining to school violence.

Key-words: Infanto-Youthful Violence; School Space; Patrol School Program.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cartograma de concentração da moradia de adolescentes envolvidos em ocorrências registradas a partir das escolas públicas, pela Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR, 2005 – 2007 e população de baixa renda de 2000.....	31
Figura 2 - Cartograma da divisão de áreas atendidas pelo Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa – PR, entre 2005 e 2007.	39
Gráfico 1 - Resultado das revistas preventivas nas 44 escolas em Ponta Grossa-PR no ano de 2005, realizado pela Patrulha Escolar.....	40
Gráfico 2 - Resultado das revistas preventivas nas 44 escolas em Ponta Grossa-PR até junho de 2006, realizado pela Patrulha Escolar.....	40
Figura 3 - Cartograma da concentração de ocorrências de conflito com a lei entre os adolescentes a partir das escolas públicas, registrado pela Patrulha Escolar em Ponta Grossa – PR, 2005 – 2007 e população de baixa renda 2000.....	43
Gráfico 3 - Total de escolas/colégios, número de ocorrências e pessoas envolvidas.....	45
Gráfico 4 - Total de pessoas envolvidas em atos infracionais.....	45
Gráfico 5 - Total de autores envolvidos nas ocorrências.....	46
Gráfico 6 - Total de vítimas envolvidas nas ocorrências.....	46
Gráfico 7 - Total dos maiores registros de atos infracionais nas 38 escolas/colégios estaduais de Ponta Grossa-PR, no período de 2005-2007.....	47
Gráfico 8 - Total dos registros de atos infracionais nas 38 escolas/colégios estaduais de Ponta Grossa-PR, no período de 2005-2007.	48
Gráfico 9 - Total dos registros dos atos infracionais nas 38 escolas/colégios estaduais de Ponta Grossa-PR, no período de 2005-2007.	49
Gráfico 10 - Total de registros dos atos infracionais nas 38 escolas/colégios estaduais de Ponta Grossa-PR, no período de 2005-2007.	50
Gráfico 11 - Escolas com maior número de ocorrências registradas no período de 2005- 2007 pela Patrulha Escolar	50
Gráfico 12 - Total de colégios com maiores registros de ocorrências e pessoas envolvidas, no período de 2005-2007.....	51
Gráfico 13 - Total e características das pessoas envolvidas nos colégios com maiores registros de ocorrências no período de 2005-2007.....	52

Gráfico 14 - Total de autores envolvidos nos colégios com maiores registros de ocorrências no período de 2005-2007.....	52
Gráfico 15 - Total de vítimas envolvidas nos colégios com maiores registros de ocorrências no período de 2005-2007.....	53
Gráfico 16 - Presença de armas na escola	72
Gráfico 17 - Entrou com armas na escola.....	72
Gráfico 18 - Presença de drogas na escola	73
Figura 4 - Cartograma da localização do Colégio Estadual Regente Feijó e de locais de referência entre os adolescentes.	79
Figura 5 - Cartograma da localização do Colégio Estadual Senador Correia e de locais de referência entre os adolescentes.	80
Figura 6 - Cartograma da localização do Colégio Estadual Professor João Ricardo Von Borell Du Vernay e de locais de referência entre os adolescentes.	81
Figura 7 - Cartograma da localização do Colégio Estadual Professor Dr. Colares e de locais de referência entre os adolescentes.....	83
Figura 8 - Cartograma da concentração de ocorrências registradas pela Polícia Militar de adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei em colégios estaduais de Ponta Grossa – PR, entre 2005-2007	105
Figura 9 - Cartograma da concentração de ocorrências registradas pela Polícia Militar de adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em colégios estaduais de Ponta Grossa – PR, entre 2005-2007	106
Figura 10 - Cartograma da distribuição das escolas estaduais de Ponta Grossa – PR.	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Censos populacionais da cidade de Ponta Grossa-PR, no período de 1940-2007.	28
Tabela 2 - Ocorrências por escolas e as características dos envolvidos no período de 2005-2007.....	51
Tabela 3 - Número total e distribuição das naturezas de atos de violências nos colégios com maiores registros de ocorrências entre 2005-2007.....	54
Tabela 4 - Providências tomadas pelo Programa da Patrulha Escolar aos atos de violência, entre 2005-2007.....	55
Tabela 5 - Relação de escolas e percepção da violência segundo os policiais atuantes no Programa da Patrulha Escolar.....	60
Tabela 6 - A qualidade das relações sociais presentes no contexto intra-escola.....	68
Tabela 7 - As relações sociais entre estudantes e policiais da Patrulha Escolar.....	70
Tabela 8 - Ocorrências registradas pelo Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa entre 2005 e 2007.....	101
Tabela 9 - Número total e distribuição dos atos infracionais.....	103

LISTA DE SIGLAS

BOs - Boletins de Ocorrências.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

PEC - Programa da Patrulha Escolar Comunitária.

PMPR - Polícia Militar do Paraná.

PPPs - Projetos Político Pedagógicos.

SANBRA - Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro.

SEED - Secretaria do Estado de Educação.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - ESPAÇO ESCOLAR E VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL	18
1.1 O ESPAÇO ESCOLAR E A VIOLÊNCIA NA CONFIGURAÇÃO DA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL	18
1.2 ESPAÇO ESCOLAR COMO INSTITUÍDO E INSTITUINTE DA VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL.....	24
1.3 DESIGUALDADES DO ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA - PR E OCORRÊNCIAS REGISTRADAS PELA PATRULHA ESCOLAR A PARTIR DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO.....	27
CAPÍTULO 2 - AS RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA, A PATRULHA ESCOLAR E A VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL	34
2.1 O PAPEL DO ESTADO ENQUANTO REGULADOR DAS RELAÇÕES SOCIAIS PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR.....	35
2.1.1 Atuação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR.....	38
2.2 O PERFIL DOS ATOS VIOLENTOS COMETIDOS E SOFRIDOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES REGISTRADOS PELO PROGRAMA DA PATRULHA ESCOLAR E SUA LOCALIZAÇÃO ESPACIAL.....	41
2.3 AS RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA E A PATRULHA ESCOLAR NA VISÃO DOS POLICIAIS.....	56
2.3.1 As Relações entre a Escola e a Patrulha Escolar na Visão dos Educadores.....	62
CAPÍTULO 3 - ESPAÇO ESCOLAR COMO ELEMENTO DE ENCONTROS E CONFLITOS SOCIOESPACIAIS NA INSTITUIÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA	67
3.1 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE RELAÇÕES SOCIAIS CONFORME A VIVÊNCIA DO GRUPO SOCIAL INFANTO-JUVENIL.....	67
3.2 A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO PROMOTOR DA VIOLÊNCIA.....	71
3.3 EXPERIÊNCIAS INFANTO-JUVENIS: ESPAÇO ESCOLAR COMO INSTITUIDOR E INSTITUINTE DA VIOLÊNCIA URBANA.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90

ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS POLICIAIS DA PATRULHA ESCOLAR.....	95
ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS PELAS ESCOLAS	96
ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DAS ESCOLAS.	97
ANEXO 4 - TABELA DAS OCORRÊNCIAS REGISTRADAS PELO PROGRAMA DA PATRULHA ESCOLAR EM PONTA GROSSA-PR, ENTRE 2005-2007.....	101
ANEXO 5 - TABELA DO NÚMERO TOTAL E DISTRIBUIÇÃO DOS ATOS INFRACINAIS.....	103
ANEXO 6 - CARTOGRAMA DA CONCENTRAÇÃO DE OCORRÊNCIAS REGISTRADAS PELA POLÍCIA MILITAR, DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO EM CONFLITO COM A LEI EM COLÉGIOS ESTADUAIS DE PONTA GROSSA-PR.....	105
ANEXO 7 - CARTOGRAMA DA CONCENTRAÇÃO DE OCORRÊNCIAS REGISTRADAS PELA POLÍCIA MILITAR, DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO EM CONFLITO COM A LEI EM COLÉGIOS ESTADUAIS DE PONTA GROSSA-PR.....	106
ANEXO 8 - CARTOGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS ESTADUAIS EM PONTA GROSSA-PR.....	107

INTRODUÇÃO

“A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para se descobrir verdades parciais.” (LAKATOS, 1987, p. 15).

A pesquisa desenvolvida aborda as relações entre a violência infanto-juvenil e o espaço escolar em Ponta Grossa – PR, no período de 2005 a 2007, levando em consideração que a escola é parte integrante do espaço urbano, um local de encontros e sociabilidades que compõe a vida cotidiana das cidades.

Compreender a violência presente no cotidiano escolar significa contemplar suas especificidades e relações que ultrapassam os limites formais do espaço físico do edifício escolar. A escola, nessa pesquisa, é compreendida como parte integrante do contexto histórico, social e espacial a qual pertence, participando ativamente na composição dos fenômenos sociais de forma relacional, como produto e como elemento da realidade sócio-espacial. Entender a escola como um elemento que se constrói juntamente com as vidas de homens e mulheres é promover a concepção de um espaço escolar que pode ser transformado continuamente por elementos constituintes da sociedade.

Nesse sentido, quando a sociedade passa por transformações sociais, o espaço escolar também se transforma. A violência urbana crescente passa a fazer parte do cotidiano escolar e a escola é um dos componentes dos cenários de atos violentos advindos de um espaço social desestruturado e fragilizado. A escola, contudo, não é apenas vítima da violência, mas também pode ser um de seus elementos promotores, dependendo das políticas públicas que passem a dirigir o cotidiano das práticas nesse ambiente.

Desta forma, confrontar-se com a compreensão da origem dos comportamentos agressivos e violentos existentes nas instituições de ensino e ao mesmo tempo propor, a partir desta análise, um amplo mapa de investigação que abarque a variedade de fatores que convergem nessas situações de conflito é uma tarefa de cunho proeminente, pois, o tema da violência no contexto escolar tem uma repercussão sobre a vida das pessoas, que por sua vez, enfrentam essa situação de difícil resolução.

Pesquisas realizadas por Abramovay (2002) em parceria com o Conselho Editorial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil, que contemplou as principais capitais brasileiras, apontam que os atos violentos cometidos nas escolas estão associados a fatores de ordem familiar, de problemas relativos à convivência

com colegas, desigualdades de condições socioeconômicas e situações psicológicas particulares.

O considerável aumento da dinâmica da violência escolar vivenciada nas escolas públicas brasileiras tem despertado atenção dos órgãos ligados ao Estado, desde instituições de ensino, até os órgãos de repressão policial, de segurança pública e de direitos humanos, evidenciando um movimento social que procura caminhos de transformação da realidade presente.

O debate da relação entre violência e escola, segundo Guimarães (1996) tem sido encaminhado em torno de concepções de caráter normativo e confrontativo que direcionam a dinâmica do cotidiano escolar. A escola mantida dessa forma passa a ser um campo de tensões sociais. Se em sua dinâmica normativa, a escola não tolera diferenças e padroniza a vida de alunos, professores e diretores através de regras disciplinares, estas nunca são plenamente aceitas e ocorrem os confrontos de grupos que criam resistências às dinâmicas normativas impostas. Assim, a escola é um espaço complexo e exige investigações capazes de compreender as dinâmicas sociais que se entrecruzam e disputam as posições de poder inerentes a ela.

Esta pesquisa visa contribuir para inteligibilidade da complexa relação entre violência e escola, trazendo para a discussão os componentes desse fenômeno, evidenciando as interações entre o espaço escolar e o espaço urbano, tendo como recorte as escolas da rede pública estadual da cidade de Ponta Grossa - PR. Além disso, traz a abordagem de sujeitos pouco explorados no campo da ciência geográfica brasileira - os integrantes da população infanto-juvenil¹. Assim, investigar a violência presente no espaço escolar abre um caminho de compreensão desse segmento social como agente ativo na produção do espaço da referida cidade.

Para operacionalização desta pesquisa foi estabelecido como objetivo geral: compreender o espaço escolar e sua relação com a violência infanto-juvenil a partir da implantação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR. Esse subdivide em três objetivos específicos que se relacionam entre si. O primeiro visa construir o perfil da violência infanto-juvenil relacionada ao espaço escolar no contexto de atuação do Programa da Patrulha Escolar. O segundo analisa o espaço escolar na interação com o contexto sócio-espacial do qual faz parte, a fim de estabelecer as relações entre estas diferentes escalas. Já o

¹ O Estatuto da Criança e do Adolescente no seu artigo 2º, *do título I das Disposições preliminares*, considera criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos e, adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

terceiro objetivo centrou-se na compreensão de como os alunos concebem as relações sociais que produzem o espaço escolar, de forma a captar suas percepções espaciais do fenômeno da violência.

Os procedimentos operacionais para viabilizar o cumprimento dos objetivos traçados visaram à coleta de dados quantitativos sobre a violência escolar, realizada através dos boletins de ocorrências do 1º Batalhão da Polícia Militar do Paraná – Programa da Patrulha Escolar Comunitária – PEC, durante o período de 2005 a 2007. O recorte temporal 2005-2007 justifica-se pela implantação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa. O fenômeno da violência infanto-juvenil é antigo, como apontados por Spósito (2001), Charlot (2002) e Polato (2007), que evidenciam em seus estudos da violência escolar as transgressões dos atos violentos cometidos. Contudo, o tratamento dado ao fenômeno passa a ser diferente a partir da implantação do Programa da Patrulha Escolar. Se, num primeiro momento, problemas de atos violentos eram de responsabilidade das autoridades escolares até 2005, embora alguns policiais fizessem à ronda ao entorno das escolas sem intervenções internas, o problema passa a ser compreendido de responsabilidade social e com a atuação direta da força policial. Essa nova forma de abordagem dos atos violentos e dos envolvidos gera uma nova configuração no fenômeno, no qual novos papéis institucionais são redefinidos havendo campos de atuações comuns, contraditórios, complementares que também são resignificados pelos próprios alunos infratores. Portanto, esse recorte é significativo no sentido de evidenciar o contexto de relações sócio-espaciais que envolvem a escola e o espaço urbano.

Outro caminho metodológico adotado foi o desenvolvimento de sessões de observações da dinâmica das escolas selecionadas como amostra. A seleção se deu em função dos resultados estatísticos da análise quantitativa que apontavam as escolas: Colégio Estadual Senador Correia, Colégio Estadual Regente Feijó, Colégio Estadual Professor João Borell Du Vernay e Colégio Estadual Professor Dr. Colares, como sendo os locais de maior número de ocorrências registradas. Realizou-se também entrevistas com policiais do Programa da Patrulha Escolar, educadores e alunos, conforme os roteiros de entrevistas nos anexos 1, 2 e 3. Optou-se pela entrevista semi-estruturada, por ser este um instrumento que, além de valorizar a presença do pesquisador, possibilita a espontaneidade de relatos de experiências por parte dos entrevistados.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro realiza uma discussão sobre os elementos fundamentais que estruturam o objeto de pesquisa: o espaço escolar, a violência e a população infanto-juvenil. A abordagem conceitual e os recortes que estruturam a investigação são evidenciados no sentido de delimitar as bases teóricas e apresentar as

especificidades das desigualdades do espaço urbano de Ponta Grossa-PR e as ocorrências registradas pela Patrulha Escolar, a partir da rede pública estadual de ensino. No segundo, são analisadas as relações entre a escola, o Programa da Patrulha Escolar e os atos de violência registrados pelo referido Programa. Nesse capítulo, é evidenciado o papel do Estado e das regulações e normas presentes no espaço escolar que o diferenciam de outros espaços da cidade. Além de apresentar o perfil dos atos violentos e as características dos envolvidos, registrado pelo Programa da Patrulha Escolar, são também evidenciados os conflitos e as colaborações que se estabelecem entre os setores de segurança pública e educacional. O terceiro capítulo contempla a percepção dos próprios alunos e suas interpretações da violência sofrida e cometida no desenrolar das relações interpessoais vividas no cotidiano da escola.

A pesquisa realizada não esgota o tema, pelo contrário, abre outros caminhos de investigações no campo da geografia para possibilitar a inteligibilidade do fenômeno da violência infanto-juvenil presente do espaço escolar que atinge a sociedade com um todo.

CAPÍTULO 1

ESPAÇO ESCOLAR E VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL

Este capítulo contempla uma discussão sobre os elementos essenciais que estruturam o objeto de pesquisa: o espaço escolar, a violência e a população infanto-juvenil. A abordagem conceitual e os recortes que estruturam a pesquisa são evidenciados no sentido de delimitar as bases teóricas e apresentar as especificidades do espaço da cidade de Ponta Grossa-PR.

1.1 O ESPAÇO ESCOLAR E A VIOLÊNCIA NA CONFIGURAÇÃO DA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL

A escola é uma instituição que possibilita, em princípio, o acesso à aprendizagem e socialização aos indivíduos de forma democrática, promovendo condições para as pessoas viverem melhor e integrarem-se a sociedade. No entanto, a escola vem se tornando um espaço de conflitos e, portanto, se descaracteriza como um espaço de atração, interesse e prazer para crianças e adolescentes.

A teoria crítica educacional discutida por Saviani (1991), afirma que a escola evoluiu ao longo de sua história, mas ainda se mantém a concepção filosófica da educação com o principal objetivo de formar cidadãos para atender ao mercado capitalista, deixando a desejar uma formação mais humanista, livre, autônoma e democrática.

Historicamente a base da educação de crianças, adolescentes e jovens são tarefas que a sociedade atribui à família e à escola. Entretanto, o diálogo entre estas duas esferas tem sido cada vez mais difícil e os resultados do distanciamento entre elas se manifestam em forma de violência física, sexual, moral e psicológica. De um lado, a escola tem agido de forma a desconsiderar sua inter-relação espacial e social em relação aos grupos sociais que fazem parte dela e, de outro lado, as famílias abdicam-se da relação de co-responsabilidade social na formação de um espaço escolar que propicie processos educativos capazes de promover a preparação de crianças e adolescentes para a vida cidadã.

O fenômeno da violência escolar tem sido tratado como de alta complexidade e não

deve ser compreendido de forma simplista, no sentido de classificar os atos violentos como indisciplinas que devem ser apenas reprimidas, mas compreender suas manifestações como forma de compreensão de um fenômeno social mais amplo que implica retomar a concepção de escola como um elemento ativo na sociedade. A escola pode ser reprodutora de violências cotidianas, contudo, também carrega em si o potencial de transformações sociais, já que no espaço escolar, cada vez mais, se convive com as diferenças culturais, econômicas e sociais.

Os estudos sobre o tema da violência nas escolas levam em consideração as transformações sociais ocorridas no Brasil que ampliou o acesso à educação das chamadas camadas populares e isso provocou uma forte diversificação da população escolar. As diferenças têm sido tratadas de forma a desaparecerem do espaço escolar. A Revista Educação Brasileira (1988, p. 18) apresenta um artigo argumentando que a escola está organizada de forma a manter a homogeneização da sociedade, pois, "quanto mais igual, mais fácil de dirigir". Para garantir a homogeneidade social, a escola tem se utilizado de mecanismos normativos generalizantes como decretos e diretrizes que escamoteiam a diversidade social presente nas escolas que deflagram muitos conflitos.

A rede educacional tem como fundamento a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, que no seu Art. 2º afirma: "A educação, dever da família e do Estado, inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Contudo, a perspectiva universalizante deve ser mediada por especificidades que estão presentes na escala dos Estados e municípios. Assim, de forma concorrente, se alinham a escala da União, Estados e Municípios a responsabilidade de organizar o sistema educacional de forma colaborativa que envolva, de um lado, aspectos comuns da sociedade brasileira, mas de outro, especificidades das escalas locais que devem estar expressas nos Projetos Político Pedagógicos (PPPs). O Ministério da Educação afirma que nem todas as escolas abrangem um mesmo perfil de público, pois possuem características culturais e localizações geográficas diversas e são as escolas que devem, a partir de suas especificidades, desenvolverem práticas pedagógicas adequadas às necessidades da sociedade local em que está inserida.

Mesmo frente a esta demanda por parte do Ministério da Educação, as escolas acabam negligenciando esta oportunidade de realizar seu planejamento específico e realizar ações de forma conjunta com a comunidade escolar e, na maior parte das vezes, desenvolvem ações normativas e legalistas, sem refletir sobre seu papel social e seu papel na gestão de conflitos e tensões. A instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência, dos conflitos que acontecem na sociedade. É importante argumentar que as escolas

também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina.

O resgate das pesquisas que abordam o tema da violência escolar como em Spósito (2001), Charlot (2002), Cardia (1997) e Abramovay (2002), apontam que as escolas públicas são as que mais vivenciam experiências de agressões físicas, depredações, vandalismos e negligência do papel familiar no processo educativo de crianças e adolescentes. Cardia (1997) aponta que as famílias numerosas e o pouco tempo disponível dos pais para dedicarem-se à educação dos filhos, colocam a escola como instituição responsável pelo processo educativo, sem possuir as reais condições que isso implicaria.

As escolas da rede pública de ensino se caracterizam por possuírem classes superlotadas, horários compartimentados por disciplina e, portanto, alta rotatividade de professores durante um só turno e que, raramente, oferecem um contra-turno escolar para desenvolvimento de atividades lúdicas, desportivas e reforço em termos de conteúdo. Mesmo assim, os professores, segundo Cardia (1997, p. 26), constroem sua percepção de seus alunos, “na visão dos professores, os seus alunos apresentam um comportamento agressivo, intolerante, apático e de baixa auto-estima” e ainda alertam que esses jovens apresentariam dificuldades no relacionamento com o outro, o que dificulta os relacionamentos interpessoais necessários ao processo educativo.

O desgaste das relações interpessoais que envolvem o processo educativo tem sido alertado por Spósito (2001) que argumenta a necessidade da violência escolar ser tratada de forma mais relevante nos sistemas educacionais brasileiros, levando em consideração a degeneração das relações que se estabelecem na comunidade escolar e que afeta a qualidade de ensino como um todo.

A violência escolar, contudo, não é uma característica apenas da sociedade brasileira. O tema afeta outras escalas, como afirma Spósito (2001). No contexto da América Latina, a mesma autora traz exemplos da violência escolar noticiados em jornais da Argentina, com “[...] a queima de documentos escolares (sobretudo boletins), roubo de móveis, depredações, tentativas de incêndio em escolas da grande Buenos Aires.” (SPÓSITO, 2001, p. 3)

A autora afirma que, embora a violência esteja presente em vários outros países, seus elementos específicos devem ser estudados a partir de cada dinâmica social. A sociedade brasileira apresenta particularidades a serem investigadas, sendo este um desafio aos pesquisadores brasileiros.

A violência é um fenômeno complexo dificilmente definido a partir de categorias explicativas isoladas. Contudo, Spósito (2001, p. 3) exprime seu significado como sendo “todo ato que implica na ruptura de um nexos social pelo uso da força” e, sendo assim,

instaura-se a impossibilidade da relação social em torno de conflitos a serem tratados de forma comunicativa e dialógica.

São muitas as facetas da violência que podem ser vividas nos espaços escolares. Abramovay (2002) diferencia a violência a partir de duas formas distintas, a física e a simbólica. A violência física é caracterizada por agressões, roubos, assaltos etc. A violência simbólica é baseada por abuso do poder, mediante o uso de símbolos de autoridade, verbal praticada por humilhações, palavras grosseiras entre outros e institucional cometida por atos de marginalização e discriminação.

A própria noção do que seja a violência depende de elementos definidos em tempos e espaços distintos, assim como a forma de sua expressão. Bourdieu e Passeron (1975) trazem reflexões quanto à violência simbólica e afirmam essa ser caracterizada por práticas sutis e cotidianas desenvolvidas nas salas de aula que veiculam o racismo ou a intolerância. A violência simbólica é tema também tratado por Charlot (2002) e argumenta que a violência pode ser produzida dentro de seu espaço “uma violência simbólica institucional, que os próprios alunos sofrem através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam.” (CHARLOT, 2002, p. 3)

Além disso, há diversos usos da palavra violência para caracterizar determinados atos que muitas vezes estão associados à indisciplina e vice-versa. Atos podem ser classificados como produtos usuais de transgressões de alunos às regras disciplinares e, muitas vezes, tolerados por educadores como inerentes ao seu desenvolvimento, podem também ser sumariamente identificados como violentos. Da mesma forma que condutas violentas, envolvendo agressões físicas, podem ser consideradas pelos atores envolvidos, episódios rotineiros ou meras transgressões às normas do convívio escolar, portanto, há necessidade de que as escolas definam e normalizem condutas - violentas ou indisciplinadas - por parte dos atores envolvidos: professores, alunos, funcionários, pais, entre outros.

Pesquisadores como Abramovay (2002), Debarbieux e Blya (2002) abordam a violência escolar como um fenômeno que já compõe o cotidiano da escola nos dias atuais. Abramovay (2002, p. 78) afirma que “a escola não seria mais representada como um lugar seguro de integração social, de socialização, não é mais um espaço resguardado, ao contrário tornou-se cenário de ocorrências violentas”.

Apesar disso, a escola ainda tem como função promover a criança e o adolescente ao direito à educação, preparo para ao exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

Enquanto instituição educacional, a escola deve ser considerada em seu aspecto social, o local privilegiado, não só para novas aprendizagens escolares, mas também para aprendizagem sociais que incluem o relacionamento social e dessa forma implica, inevitavelmente, passar por situações de conflitos com as pessoas envolvidas na comunidade escolar e saber como lidar com elas da melhor maneira possível. Entretanto, isto vem sendo um dos pontos cruciais para os educadores nas diversas modalidades que apresentam os fatores que levam à violência entre os indivíduos que freqüentam a escola.

A Revista Educação Brasileira de 1988 argumenta que a violência na escola não é um fato recente e que já no século XIX houve registros de ocorrências em algumas escolas do antigo segundo grau, hoje ensino médio. No período contemporâneo, a década de 80 é apontada pelos autores Abramovay (2002), Debarbieux e Blya (2002) como sendo um período em que se observou o crescimento da violência no país, envolvendo também as escolas. Contudo, a violência referente às escolas era retratada como externas que incidiam sobre as escolas que reivindicavam melhores condições de segurança diante dos assaltos, furtos e invasões para roubo da merenda escolar e de alguns equipamentos. Além disso, apontavam problemas relativos ao ambiente externo como a falta de iluminação das ruas que traziam riscos aos deslocamentos dos alunos, principalmente no período noturno. A violência propriamente escolar estava mais associada à depredação e ao vandalismo.

Para Charlot (2002), os atos de vandalismo sempre foram atribuídos à conduta de uma minoria delinqüente, que habitava o bairro, mas estava fora da escola. Dessa forma, o tema da violência era submetido a um tratamento que enfatizava sua dupla marginalidade: marginais/delinqüentes eram os protagonistas e, por decorrência, nas interpretações dominantes o próprio fenômeno não se inscrevia no centro da vida escolar, exprimia uma agressão externa, um subproduto marginal ao conjunto das práticas escolares.

Assim, a violência na escola e a violência da escola retratada nas diferenças apontadas por Charlot (2002) envolvem uma política educacional que considere os limites de atuação das equipes educacionais e de outras instituições sociais mais amplas como da segurança pública, de assistência social e de direitos humanos. A escola é ainda, segundo Castejón (1992, p. 30) “uma instituição em que se cristaliza uma imagem de sociedade idealizada, expurgada dos conflitos que marcam o mundo real das relações sociais, e com isso, certamente ela contribui muito mais para a preservação da sociedade como está do que para a mudança”.

A escola como produtora de violência é uma abordagem ainda rara no contexto acadêmico, conforme argumentos de Polato (2007). Essa perspectiva leva a consideração das

condutas de toda comunidade escolar.

[...]a violência não é só o que está do lado de fora, também pode ser produzida dentro e pela escola. A violência não é casual, mas socialmente construída e, por isso, pode ser previsível. No ambiente escolar, o que pode dar origem a problemas mais sérios é a manutenção de um clima hostil, em que prevalecem incivildades cotidianas e violências simbólicas. É quando ninguém se respeita, há desordens, grosserias e gritos. (POLATO, 2007, p 1)

Além disso, a autora alude ao fato de que tal perfil de relações se instaure com naturalidade entre alunos, professores e diretores, considerando “preocupante que muitos desses atores considerem esses casos normais ou sequer os reconheçam” (POLATO, 2007, p.1). Esta autora evidencia em sua pesquisa que a violência está presente em escolas em que há “a indisciplina e o sistema de punições, a indiferença dos professores frente a todos os casos de violência, a má qualidade do ensino, a falta de recursos físicos e humanos e a relação de autoridade entre professores e alunos”.

A escola, além de ser espaço de aquisição do conhecimento científico, é o espaço de emergência de conflitos e tensões que permeiam as relações educativas. Os atos de violência podem ser compreendidos como mais uma das expressões dos conflitos de uma sociedade injusta na distribuição de benefícios sociais e direitos dos cidadãos.

Contudo, não há uma causalidade simplista da relação entre pobreza e violência. Segundo Spósito (2001) as regiões mais pobres do país não são as que expressam maiores índices de violência. Para esta autora a violência na escola ocorre por “uma determinada exacerbação da desigualdade social, a extrema distribuição desigual da renda ao lado da convivência no mesmo espaço de dois mundos - excluídos e incluídos.” Entretanto, Peralva (1995) alerta para a banalização da violência em nossa estrutura social, argumentando que:

[...] países caracterizados não só pela desigualdade, mas pela existência de elites que privatizam a esfera pública e reiteram em suas práticas a ausência de direitos, fortalecendo a impunidade e corrupção dos governantes - tende a ser uma sociedade que produz, ao mesmo tempo, a cultura da violência e a sua banalização (PERALVA, 1995, p. 2).

Outro argumento da impossibilidade de associação direta entre pobreza e violência é apresentado por Spósito (2001, p. 8), alertando que “a violência nas escolas se dá, sobretudo, em áreas urbanas e não é restrita aos bairros periféricos”. Em sua concepção, podem ser registrados episódios em áreas centrais, onde ocorre a depredação de bens públicos e edifícios históricos que abrigam escolas estaduais.

Se a associação entre violência e pobreza não pode ser realizada, acredita-se que a

associação entre a escola pública e a população das camadas sociais mais pobres é fundamental. A escola pública ainda é um espaço principal na estruturação da vida de grande parcela da população brasileira. Ela é o espaço de esperança de inclusão e de construção social de valores humanos que operam a vida cotidiana. É na escola pública que milhares de crianças e adolescentes de baixa renda, realizam encontros, definem suas identidades sociais e desenvolvem seus valores e crenças. Assim, há de se considerar a escola como espaço potencial de transformação social, contudo, as análises sobre a violência que permeiam o cotidiano escolar devem avançar no sentido de compreender a realidade escolar imbricada com a diversidade, os conflitos e tensões que fazem parte da cidade de forma relacional.

1.2 ESPAÇO ESCOLAR COMO INSTITUÍDO E INSTITUINTE DA VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL.

O espaço escolar compõe a cidade, assim como por ela é composto. São escalas de análise que se inter-relacionam e produzem simultaneamente a sociedade.

Segundo Soja (1993, p.101),

[...] o espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras estruturas sociais resultantes da transformação de determinadas condições inerentes ao estar vivo, exatamente da mesma maneira que a história humana representa transformação social do tempo.

Santos (1996) discute o conceito de formação sócio-espacial, considerando que a sociedade só se torna concreta através do espaço, de um sistema de objetos e ações. Para análise do espaço, o autor cria as seguintes categorias de análise: forma, função, estrutura e processo. No caso da análise do espaço escolar, a forma é o aspecto físico da instituição escolar. A função é o papel que a sociedade atribui à escola, possui uma relação não linear das relações que se constroem no cotidiano escolar. A estrutura constitui-se na lógica das relações sociais que dá sentido a instituição escolar e o processo é o movimento dessas mesmas relações, envolvendo a simultaneidade de todas as categorias.

Assim, no espaço escolar, enquanto uma criação social se faz de relações e funções próprias definidas socialmente que possibilita e viabiliza funções específicas da ordem estatal, contraditoriamente constrói uma função limitada à vida cotidiana. Diante dessa concepção, o

espaço escolar pode ser compreendido como um ambiente que também é produzido e construído socialmente.

Para Alves e Pretto (1999 p. 29), “[...] a palavra escola, em grego, significa o lugar do ócio e surge, na Idade Média, para atender a demanda de uma nova classe social que não precisava trabalhar para garantir a sua sobrevivência, mas que necessitava ocupar o seu tempo ocioso de forma nobre e digna”.

Segundo esses autores, ao longo da história o significado de escola se tornou um lugar de necessidades e obrigações na obtenção de informação e capacitação para o mercado de trabalho. Estes autores argumentam que a figura da escola na vida social de crianças e adolescentes tem sido um lugar de cumprimento de obrigações conforme o interesse da sociedade e, sendo assim, passa a ser desprazerosa e angustiante levando a geração de conflitos inexplicáveis que vão sendo suscitados no cotidiano.

As escolas públicas se caracterizam por uma estrutura determinada pela esfera do Estado, o qual visa o cumprimento de suas leis e normas vigentes por intermédio de órgãos centrais responsáveis pela regulamentação, fiscalização, administração e organização. Sendo assim, o espaço escolar se diferencia do espaço no qual está inserido, pois, no seu interior existem regras de funcionamento pautadas numa proposta educacional que segue as linhas estruturais do poder regulador. Por outro lado, a escola é também um espaço de lutas e os conflitos produzidos podem ser fontes de transformação social.

Entender a escola como um espaço social é um componente básico que contribui significativamente para a prática do papel da escola contemporânea. A sociedade atual exige, para o mercado de trabalho, mão-de-obra qualificada para suprir as necessidades de diversos setores de sua economia. Portanto, cabe à escola um papel importante de qualificar os sujeitos. Essa perspectiva tecnicista, a qual visa uma educação como instrumento do capital, apresenta versões diferentes que ajudam a aumentar as diferenças sociais, pois, se a escola aparece como uma instituição única, os sistemas de ensino possuem características que levam aos diferentes resultados “entre a formação científica e humanista para as elites e o treinamento técnico voltado para o trabalho destinado às classes populares” (MOCHCOVITCH, 1990, p. 49).

A oposição à noção tecnicista da escola se faz na compreensão de que a escola é parte integrante da dinâmica sócio-espacial e organizadora das consciências. De acordo com Gandin (1997, p. 9) “a escola é um espaço como outros (partido, sindicato, comunidade de base) no acontecimento da luta social, nela também pode produzir-se e/ou analisar-se o conflito que é a fonte de transformação”.

O sentido da escola, segundo Saviani (1991), deve superar o papel de apenas servir como instrumento da classe dominante que acaba por ser responsável pela marginalização de parte da sociedade e argumenta que a teoria crítica tem um papel fundamental na luta por construir uma escola como fator de superação da dominação. Concretiza sua idéia defendendo uma escola que possibilite e forneça escolhas ao sujeito de forma livre e consciente de seu tempo, espaço e sociedade. Neste aspecto que Franco (1987, p. 56) também defende suas idéias ao afirmar que “o papel precípua da escola é a transmissão de conhecimentos, não conhecimentos enciclopédicos, abstratos, mas conhecimentos vivos e concretos, indissolivelmente ligados às experiências de vida dos alunos e as exigências históricas da sociedade presente”. Partindo destas concepções teóricas, que proporciona o compreender da responsabilidade da escola em desenvolver a sua função social, no exercício da ética, do diálogo e da formação da cidadania.

O espaço escolar é mais do que uma local no qual se educam as crianças e adolescentes, é no espaço escolar que se vive à vida repleta de expectativas, frustrações, afetos, medos, desejos, amores e é ainda através da vivência escolar que ocorrem os encontros de diferentes culturas e valores que cada sujeito traz de seus espaços de moradia. Nesse sentido, o espaço escolar torna-se complexo porque, embora seja parte integrante do espaço da cidade, tem algumas peculiaridades que o torna particular. Essa particularidade é mencionada por Marra (2007), que considera a escola como uma instituição que agrega grupos sociais diferenciados voltados para objetivos que devem ser seguidos de forma comum e está organizada em torno de normas de funcionamentos que devem ser acatados. A mesma autora argumenta também que quando reconhecemos que a escola é também um espaço de violência contribuimos para o que ela chama de “romper com a idéia de instituição como um espaço resguardado, destinado somente à aprendizagem de conhecimentos e à formação da pessoa [...], antítese, portanto, da violência”. É no jogo entre as escalas do espaço urbano e do espaço escolar que se constrói uma dinâmica específica de relações sociais, pois, conforme Corrêa (2000, p. 44) “o espaço geográfico é multidimensional” e é esta a característica que modela os conflitos que ocorrem na vivência escolar.

O espaço escolar compreendido por esta pesquisa é instituinte e instituidor das sociabilidades cotidianas que envolvem inúmeras características também presentes na sociedade ambiente. Assim, uma sociedade marcada por conflitos, desigualdades e violência institui uma escola com tais características. A escola pode ser vítima, mas também promotora da violência e esta ambigüidade está presente em sua existência institucional.

A escola é componente da violência presente na sociedade, conforme aponta

Fernández (2005). Contudo, ela parece oferecer algumas fronteiras que a violência não conseguiu conquistar plenamente e nesse sentido, a escola pode ser compreendida também como um espaço de resistência e transformação social.

Isabel Fernandez (2005) enfatiza que a escola, apesar da presença de estudantes com dificuldades de comportamento, é algo que se deve ao próprio contexto sociocultural ou familiar, e que tem um papel importante na convivência neste eixo de relações que por vezes se torna conflituoso.

O espaço escolar, portanto, apresenta-se altamente complexo e contraditório. Promove a violência em seu papel intrínseco à cidade cada vez mais fragmentada, segregada, injusta e insegura. Mas, paradoxalmente, pode ser o espaço da geração de novas perspectivas de enfrentamento à desagregação social e construção de dinâmicas sociais mais justas e solidárias. Compreender os conflitos sociais que emergem do espaço escolar é parte desta construção.

1.3 DESIGUALDADES DO ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA - PR E OCORRÊNCIAS REGISTRADAS PELA PATRULHA ESCOLAR A PARTIR DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO.

Ponta Grossa-PR se configura atualmente como uma cidade média com marcas de expansão do tecido urbano relacionadas com o próprio desenvolvimento da sociedade capitalista. A cidade tem seu aprofundamento de desigualdades sociais associado ao histórico de um processo econômico caracterizado pela transição de um modo de produção baseado na pecuária e na agricultura para a produção agroindustrial.

O primeiro momento caracterizou-se por um núcleo urbano associado à rota tropeira. De acordo com Ribeiro (1989) a ocupação do território paranaense e da cidade de Ponta Grossa ocorreu através do desenvolvimento da atividade pecuária como economia complementar principal e a exploração do ouro do território brasileiro. A atividade pecuária atendia à necessidade de ocupação territorial, garantindo a posse de terras litigiosas e, além disso, abastecia as zonas mineradoras com gado, tanto para o transporte como para a alimentação. Assim como vários núcleos urbanos da região como Lapa, Campo Largo, Palmeira, Castro, Piraí do Sul, Jaguariaiva, Itararé e Ponta Grossa se estabeleceram como pontos da rota de transporte do gado sulino à Feira de Sorocaba em São Paulo e daí às Minas

Gerais.

O segundo momento importante para o crescimento do tecido urbano de Ponta Grossa foi à implantação da ferrovia São Paulo – Rio Grande, em 1896, que permitiu a ligação entre o sudeste e o sul do Brasil e determinou grande parte da configuração urbana da cidade de Ponta Grossa. A localização da ferrovia contribuiu para que o município de Ponta Grossa sempre estivesse ligado aos grandes acontecimentos da história paranaense e brasileira, favorecendo a difusão de informações para todos os outros locais do país. Chaves (1998) argumenta que Ponta Grossa, ao constituir um importante entroncamento ferroviário, obteve rápido crescimento urbano e uma forte diversificação étnica de sua população. No final do século XIX, começa a ocorrer o aumento da migração européia composto principalmente de poloneses, italianos, alemães, austríacos e russos. De acordo com Ditzel e Sahr (2001, p.39) “no período de 1877 a 1878 chegaram ao município 2.381 russos-alemães”. Os imigrantes, embora de início tenham ingressado na agricultura, vão se inserindo em outras atividades como as olarias, marcenarias, casas de fundição e setores comerciais.

Gonçalves e Pinto (1983, p. 46) também afirmam que o sistema ferroviário “contribuiu para a urbanização do município ao influenciar a estrutura econômica da cidade e a própria dinâmica de ocupação e organização do espaço urbano”. A chegada da ferrovia, no final do século XIX, resulta na dinamização dos rumos da cidade e traz uma nova dimensão social. O contato com os grandes centros econômicos do país determina Ponta Grossa a modificar seu tradicional aspecto campeiro e a ingressa num acelerado processo de modernização urbana que se consolida na primeira metade do século XX.

A população urbana de Ponta Grossa já era expressiva e superior à população rural já na década de 40. Contudo, as transformações mais contundentes se deram segundo Franco e Pereira (2008, p. 3) no período correspondente ao “processo de modernização da agricultura brasileira que se iniciou em meados dos anos de 1960, consolidando-se na década de 1970”. A aceleração do padrão de crescimento da população urbana pode ser verificada na tabela a seguir:

Tabela 1 – Censos populacionais da cidade de Ponta Grossa-PR, no período de 1940-2007.

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO TOTAL
1940	30.220	11.021	40.608
1950	43.486	11.757	55.243
1960	78.557	12.332	90.889
1970	113.074	13.866	126.940

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO TOTAL
1980	172.946	13.701	186.647
1991	221.671	12.313	233.984
2000	226.683	6.933	273.616

Fonte: IBGE (2000); IPARDES (1997).
Org. IAROCZINSKI, A.

O terceiro momento da expansão do tecido urbano de Ponta Grossa está associado à transformação da sua base produtiva de desenvolvimento econômico. Ponta Grossa passou a abrigar grandes empresas agroindustriais como a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA) e Cargill, especializadas no refino da soja, a Cooperativa Batavo especializada em laticínios e outras empresas de fiação e tecelagem, curtimento de couros, etc. O desenvolvimento da base produtiva agroindustrial provocou uma alteração das relações de trabalho e da dinâmica de crescimento da cidade que passou a abrigar grande parte da população oriunda do campo e também novos contingentes populacionais.

O aumento da população urbana gerou, conseqüentemente, a expansão do tecido urbano. Se, por um lado, o crescimento populacional gerou demandas pela terra urbana, por outro, a ação de agentes produtores do espaço urbano acelerou o processo de expansão com conseqüente aumento da valorização fundiária e imobiliária, conforme Paula (2001). Este autor evidencia a rápida aceleração do tecido urbano e as condições precárias de oferta de serviços e infra-estruturas urbanas.

Segundo Villaça (1998), o espaço urbano é uma mercadoria, um todo concreto que reflete a união de todos os valores de uso urbano. Entretanto, como mercadoria, não está acessível a todas às pessoas. Para Corrêa (2000) o espaço urbano é reflexo e condicionante da sociedade e revela em sua estrutura material a desigualdade que cada segmento social possui no acesso à cidade.

O aprofundamento das desigualdades espaciais provocadas pelos interesses imobiliários e fundiários, acompanhado da incapacidade do Estado em promover bens e serviços urbanos compatíveis com as demandas sociais crescentes acarretou, segundo Löwen (1990), a expansão de áreas de ocupação irregular, expressando o aprofundamento da apropriação do espaço urbano pelos interesses capitalistas e a exclusão de parte da população urbana do acesso à moradia e dos bens e serviços urbanos. A forte diferenciação entre as áreas que compõem o espaço urbano intensificam os processos de segregação urbana, como argumenta O'Neill (1983).

O espaço urbano de Ponta Grossa caracteriza-se atualmente por fortes desigualdades

socioespaciais, como pode ser visto no estudo realizado por Nascimento (2008) que evidencia as diferenças internas da cidade a partir da análise de índices de exclusão/inclusão. Sua pesquisa demonstrou que a concentração de serviços e bens urbanos é diretamente proporcional às áreas mais valorizadas e ocupadas por uma população de maior rendimento. Aponta também que os setores censitários mapeados apresentam 62,1% de exclusão social e apenas 37,9% de inclusão social.

Além de mercadoria, o espaço urbano é espaço de lutas entre os mais diversos grupos sociais que compõem a cidade, como lembra Corrêa (2000). As lutas se revelam tanto no acesso à cidade, como nos conflitos inerentes da vivência cotidiana, pautada por projetos de vida, sonhos e expectativas. Santos (1987, p. 81) argumenta que o espaço é elemento fundamental da existência humana e que “cada homem vale pelo lugar onde está: seu valor como produtor, consumidor e cidadão que depende de sua localização no território”. Entretanto, esta localização a que se refere o autor não é um ponto cartesiano e sim a referência espacial do entrecruzamento de relações sociais, políticas e econômicas à que o sujeito está atrelado.

Nesse sentido, as desigualdades de toda ordem presentes em Ponta Grossa - PR são fundamentais para compreender a fragmentação do tecido urbano e social que tem como ponto de encontro o espaço escolar. É no espaço escolar que pessoas oriundas dos mais diferentes contextos de existência se encontram, vivem e deflagram os conflitos de que trata esta dissertação.

Na figura 1 o cartograma apresenta três distribuições espaciais de elementos que podem ser analisados de forma complementares: A distribuição espacial das famílias de baixa renda é difusa, já a distribuição dos locais de moradia dos adolescentes envolvidos em infrações registradas nos boletins da Patrulha Escolar apresenta uma distribuição com áreas de concentração que não possuem uma coincidência exata com as áreas de famílias de baixa renda. Há algumas áreas coincidentes entre os dois elementos representados no cartograma, mas há áreas que apresentam um padrão espacial de oposição. Isso permite afirmar que a pobreza é um fator que não pode ser concebido de forma isolada na explicação da violência. Outro elemento representado é a distribuição das escolas com os mais altos índices de infrações que estão localizadas, justamente nas áreas de concentração de moradia de pessoas envolvidas nas infrações.

Concentração da moradia de adolescentes envolvidos em ocorrências registradas a partir das escolas públicas pela Patrulha Escolar em Ponta Grossa – PR, 2005 – 2007 e população de baixa renda de 2000.

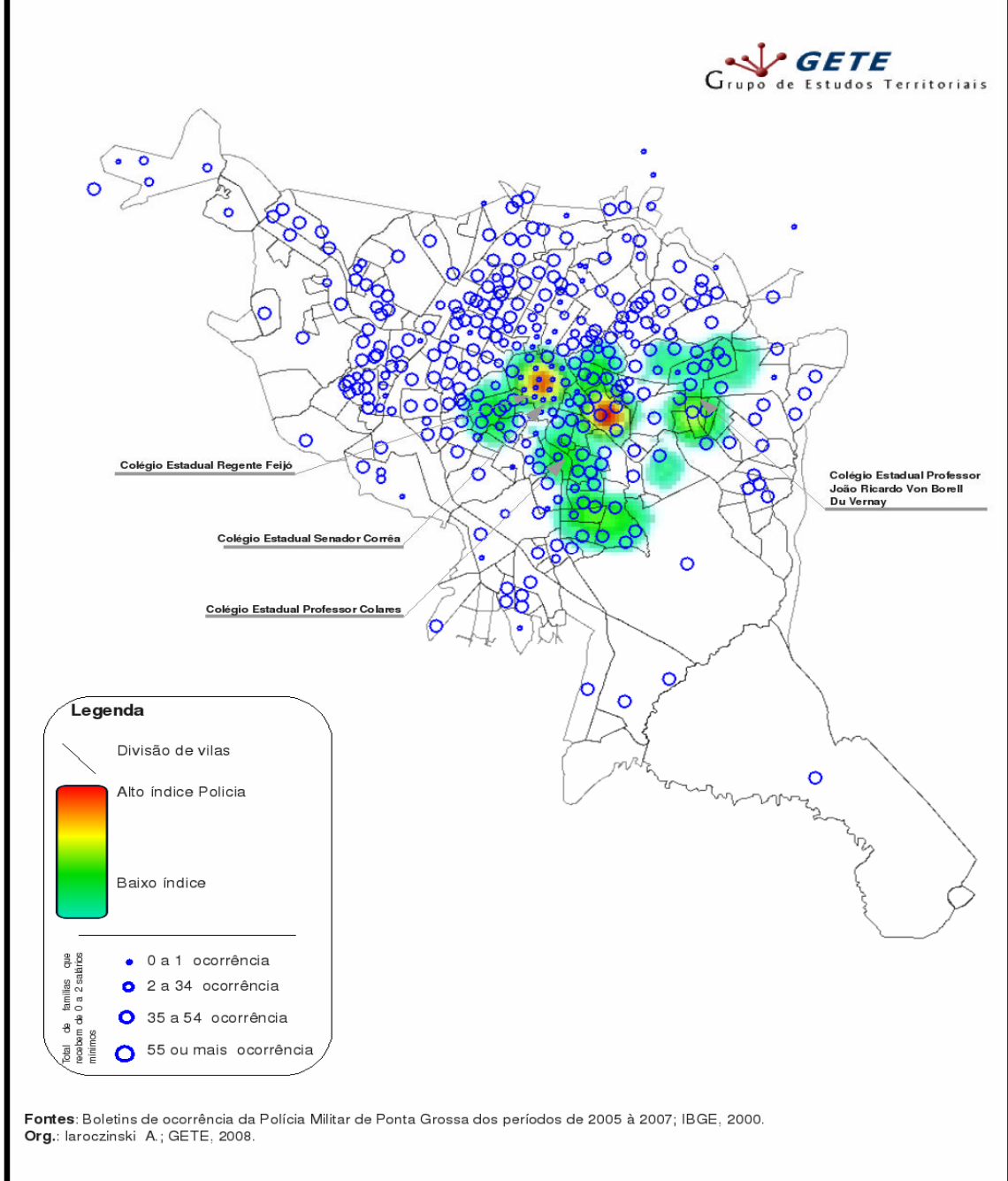


Figura 1 – Cartograma da concentração da moradia de adolescentes envolvidos em ocorrências registradas a partir das escolas públicas, pela patrulha escolar em Ponta Grossa/PR, 2005 – 2007 e população de baixa renda de 2000.

Embora a malha urbana de Ponta Grossa seja extensa, pode-se dizer que há escolas por todos os pontos da cidade. O direito universal de acesso à educação acabou por promover uma rede de escolas públicas que se espalham pela estrutura urbana desigual, envolvendo a gestão

de diferentes escalas de Estado, municipal, estadual e federal. Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2007 (IBGE) e do Censo Educacional (2007), a rede escolar de Ponta Grossa é formada por 236 escolas. Destas, 119 são geridas pelo governo municipal, 45 pelo estadual, 1 pelo federal e 71 pelo setor privado. A rede abriga um total de 80.575 alunos e 4.406 docentes. Esta pesquisa enfoca a rede estadual de ensino, gerida pelo governo do Estado do Paraná que é formada por 44 escolas, conforme a figura 10 do anexo 8, e abriga uma população de 32.226 alunos e 1.684 professores.

O grupo social formado por alunos professores e administradores convive cotidianamente na escola. As pessoas, ao viverem o espaço escolar, experienciam relações que ultrapassam suas funções formais, conforme exige a instituição escolar. Elas trocam afetividades, deflagram conflitos e vivenciam emoções de toda a ordem que ultrapassam uma convivência funcional e formal. Para Pinheiro (1997), os atos violentos muitas vezes refletem a atitude de comunicar à sociedade a degradação social e comunitária. Como resultado da degradação da qualidade de vida existem locais da cidade que se tornam propícios à violência, principalmente em pontos onde não há infra-estrutura urbana. O autor argumenta que os jovens urbanos, em especial os da periferia, vivem entre a cultura de consumo e da violência que, juntas, promovem padrões de formações identitárias conflituosas. O crime funciona como “encanto” e o tráfico de drogas acaba por se tornar, além do meio econômico que supre as necessidades de consumo, experiências de poder junto aos demais jovens. A fase de juventude, segundo Tibas (2005), está intimamente ligada à formação de identidade, à afirmação pessoal e à busca por pertencimento e, estes elementos acabam por constituir também o espaço escolar, tornando-o cada vez mais complexo.

Hall (1998) chama a atenção para o fato de que a violência e a criminalidade surgem como os instrumentos de rompimento de barreiras sociais, mesmo que a aproximação seja negativa como, por exemplo, os medos que os adolescentes causam em pessoas que jamais viram, podem dar a sensação de poder e retomam a composição de uma identidade². O autor ressalta ainda, que a percepção da violência é influenciada por fatores como escolaridade, renda, valores sociais e individuais e, nesse sentido, a violência pode ser diferentemente sentida pelos grupos sociais.

Segundo Da Matta (1982), em geral, os estudantes das instituições de ensino mantidas

² Para o autor a identidade se modifica de acordo com o modo como o sujeito é tratado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida, torna-se politizada, descrito como a passagem de uma política de identidade (de classe) para uma política da diferença.

pelo governo são oriundos de meios sociais nos quais a possibilidade de imersão no universo da violência é muito maior, uma vez que o contato com formas marginais de viver é muito próximo. De outro lado, a classe social alta, também sofre com a imersão da violência urbana e se previne de mecanismos de segurança, tais como alarmes, carros blindados, circuitos internos de filmagem entre outros e que encontram na rede escolar privada mais segurança ao separar seus filhos da pobreza³, enquanto aqueles que vão para a escola pública têm que conviver com o encontro das diferenças.

Enfim, este capítulo discutiu a conexão entre o espaço escolar e o espaço urbano, centradas nos atos de violência deflagrados por adolescentes e jovens urbanos. Embora a escola se constitua num espaço específico, no qual pessoas devem desempenhar papéis formais de alunos, professores e administradores, é impossível separar as transformações sociais do espaço escolar. Assim, o aprofundamento das desigualdades sociais e do acesso aos bens e serviços urbanos, bem como fragmentação do tecido social que compõem as relações que fundam o espaço escolar, constituindo-o em um local de encontro de diferentes grupos. O espaço escolar, portanto, é complexo e aberto, já que são as relações socioespaciais que o compõem e a escola tanto pode reforçar as injustiças e exclusões sociais como pode ser um espaço de transformação da condição de grupos sociais já tão fragilizados em sua condição cidadã.

³ Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz/Universidade para a Paz das Nações Unidas, 2002, p.40.

CAPÍTULO 2

AS RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA, A PATRULHA ESCOLAR E A VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL.

No capítulo anterior foi realizada uma discussão que evidencia o problema da violência escolar como algo complexo que envolve relações que extrapolam as vivências formais de caráter funcional que a Escola tradicionalmente desempenha. A visibilidade dos personagens que agem violentamente, em geral, é focada nos adolescentes, considerados indisciplinados e até mesmo infratores e, muito pouco se explora o conjunto de relações que envolvem o fenômeno da violência escolar, composto também por educadores e agora, por policiais. As tradicionais funções dos educadores são colocadas em cheque e o Estado, por sua vez, preocupado com a disseminação de comportamentos cada vez mais perigosos, desenvolve ações que impõem mais um personagem em cena no trato da violência escolar, a ação policial.

A entrada da polícia nos procedimentos a serem desenvolvidos para minimizar a violência escolar implica novas relações que, nem sempre, são harmoniosas e traz elementos a serem discutidos pela sociedade. Assim, este segundo capítulo dedica-se a explorar as relações que se estabelecem entre educadores e policiais, bem como a caracterização dos atos violentos que foram cadastrados pelo Programa da Patrulha Escolar desenvolvido pelo Governo do Estado do Paraná desde 2005.

Os dados que baseiam a análise seguiram dois métodos distintos, porém, complementares entre si. Os dados que constam nos Boletins de Ocorrências da Polícia Militar - Programa da Patrulha Escolar - foram tratados estatisticamente, a fim de criar um perfil geral de atos violentos que a polícia registrou e conhecer as características básicas dos adolescentes envolvidos em tais registros, bem como retirar uma amostra das escolas que merecem maior aprofundamento de análise qualitativa. Os registros documentais realizados pela polícia revelam uma classificação da realidade social, ou seja, os atos que os policiais consideram dignos de serem registrados como infrações.

A abordagem das relações dos policiais e dos educadores envolvidos com o problema

da violência escolar foi realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas⁴, conforme os roteiros de entrevistas nos anexos 1 e 2, com pedagogas e diretores de escolas, bem como com os policiais participantes do Programa da Patrulha Escolar no ano de 2007. As falas foram transcritas e tratadas de forma qualitativa, o que envolveu procedimentos mais complexos de análise, bem como a exploração de um método capaz de revelar categorias discursivas que estruturavam o depoimento das pessoas entrevistadas. A pesquisa social traz consigo valores e preferências que orientam o pesquisador a refletir sobre seu objeto de pesquisa atrelado ao contexto histórico de uma sociedade específica carregada de simbologias e fenômenos complexos que, muitas vezes, não são vistos e observados numa objetividade específica. As informações das subjetividades encontradas na pesquisa qualitativa promovem, segundo May (2004, p. 145), “compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas” e ainda permite que “as pessoas respondam mais nos seus próprios termos do que nas entrevistas padronizadas” (MAY, 2004, p.146). O conteúdo obtido pelas entrevistas foi analisado pelo método de análise de discurso que possibilitou construir uma tendência de compreensão da realidade estudada a partir de categorias de sentido.

2.1 O PAPEL DO ESTADO ENQUANTO REGULADOR DAS RELAÇÕES SOCIAIS PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR.

Com as preocupações constantes do crescente aumento da dinâmica da violência escolar, o governo do Estado do Paraná criou, em 2004, o Programa da Patrulha Escolar Comunitária desenvolvido pela Polícia Militar. O projeto é iniciativa da Polícia Militar do Estado do Paraná em consonância com as Instituições de Ensino dos vários municípios do Estado, que tem por objetivo minimizar os impactos da violência nas escolas públicas paranaenses, partindo dos conhecimentos da própria comunidade escolar.

A Polícia Militar do Paraná (PMPR) é a instituição estadual especializada nas questões de segurança, sendo que seus oficiais e soldados recebem formação própria para este fim. A estrutura do Programa é formada pela Coordenação Estadual (Casa Militar) dirigida por um

⁴ Triviños (1987, p. 46), afirma que “a entrevista semi-estruturada em geral, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e em hipóteses que interessam à pesquisa e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas [...]”.

Capitão; pela Coordenação Operacional que é organizada pela Polícia Militar do Paraná administrado por um Major conjuntamente com um representante da Secretaria do Estado de Educação (SEED); e por Oficiais de ligação nas Unidades da PMPR que são coordenadores dos pólos de atuação do Programa. Desta união nasceu a Patrulha Escolar Comunitária – PEC-, que visa assessorar os estabelecimentos de ensino para restabelecer e manter “a ordem e a segurança”. Para as fases iniciais da implantação do Programa nas escolas organizam seus trabalhos em cinco etapas.

Na primeira etapa visa-se a análise das instalações físicas, com orientações, em suas estruturas (muros, alarmes, entrada dos alunos, bolsões - espaços livres com acesso próximo a escola -, entre outros) e utilização geral que possam proporcionar a segurança das pessoas que freqüentem o estabelecimento. Na segunda etapa é realizado o diagnóstico da realidade própria de cada comunidade escolar através da aplicação de dinâmicas aos pais, professores, funcionários e alunos de cada escola, que ao final indicará o compromisso de cada segmento e determinará o plano de ação e de palestras necessários para a mudança da realidade encontrada ao início dos trabalhos. Na terceira etapa é caracterizado o desenvolvimento do plano de ação e providências a serem implementadas. Já a quarta etapa visa à execução do plano de ação, palestras com os pais, alunos, funcionários, direção e professores abordando assuntos como ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), orientação de segurança, cidadania, auto-estima, prevenção contra as drogas, aspectos pedagógicos e treinamentos aos funcionários. Na última etapa ocorre a elaboração do plano de segurança pela comissão representativa de todos os segmentos da comunidade escolar, descrevendo e registrando todas as providências a serem tomadas para atingir as melhorias almejadas, objetivando algumas prioridades como patrulhamento diferenciado, interação com a comunidade, policiais com funções de aconselhamentos, de mediar conflitos e assessorar os diretores.

A Patrulha Escolar Comunitária está implantada nos municípios de: Curitiba, Colombo, São José dos Pinhais, Rio Branco do Sul, Itaperuçu, Campina Grande do Sul, Quatro Barras, Campo Largo, Campo Magro, Araucária, Fazenda Rio Grande, Piraquara, Pinhais, Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu, Cascavel, Guarapuava e Ponta Grossa, totalizando aproximadamente 390 Policiais Militares entre oficiais e soldados.

Para que pudessem fazer parte deste grupo de atendimento, esses grupos foram especialmente treinados para este fim e se dedicam exclusivamente às escolas desses municípios. Inicialmente, a prioridade de atendimentos são as escolas estaduais públicas pela gravidade de situações encontradas. Para os coordenadores do Programa, há dualidade de funções: prioritariamente preventiva e em segundo repressiva, a Patrulha Escolar Comunitária

somente atingirá plenamente o seu objetivo preventivo quando as medidas repressivas não mais se fizerem necessárias e salientam que mesmo as medidas repressivas são planejadas de forma a serem educativas no mesmo contexto das preventivas. O programa consiste na segurança e assessoramento aos dirigentes escolares no que tange à repressão a atos infracionais por parte do grupo social na faixa etária infanto-juvenil.

A Patrulha Escolar Comunitária é uma iniciativa na qual o Policial Militar se aproxima da Comunidade Escolar, desempenhando o seu trabalho, pois tem como objetivo conhecer de perto os problemas que afetam a escola e sua comunidade, assessorando a comunidade escolar a encontrar os caminhos da segurança, seja através de trabalhos de reflexão, palestras e organização para a ação.

Desta forma, tem como pretensão auxiliar na busca das soluções dos problemas da comunidade, de modo que juntos possam caminhar proporcionando a melhoria da qualidade de vida. Deixando à disposição da comunidade escolar o contato telefônico para emergências em casos de violência.

A Patrulha Escolar Comunitária é a alternativa que a PMPR encontrou para assessorar as comunidades escolares na busca de soluções para os problemas de segurança encontrados nas escolas. Problemas esses que se faziam presentes em quase todos os estabelecimentos de ensino que determinavam comprometimento na segurança dos alunos, professores, funcionários e nas instalações físicas dos estabelecimentos.

Para os dirigentes do Programa da Patrulha Escolar os problemas mais comuns encontrados foram:

- Instalações físicas inadequadas: As estruturas físicas das escolas em geral não eram planejadas para o número de alunos que atendiam e de profissionais envolvidos no processo educativo, para atender a comunidade e para preservar a segurança das pessoas que a freqüentam, com instalações sem planejamento quanto ao cuidado com as vizinhanças atuais ou futuras, a falta de conhecimento sobre a segurança e também inexistência de instalações adequadas ao funcionamento dos estabelecimentos de ensino com segurança.
- Distâncias físicas entre escola, educadores e administradores: A escola não acompanhou o desenvolvimento de sua comunidade, sendo comum, que os administradores e educadores não residam ou nem ao menos convivam ou conheçam a cultura da comunidade onde atuam.
- Atitudes isoladas dos segmentos sociais em busca de soluções: Diante das dificuldades encontradas nas escolas para se manter, restabelecer ou conquistar o

fator segurança, há iniciativas isoladas, por parte da escola, comunidade e Patrulha Escolar nas soluções dessas. Essas atitudes segundo os dirigentes da Patrulha Escolar se não forem tratadas conjuntamente e com o mesmo objetivo, as respostas e soluções serão demoradas e quem sofre é o coletivo.

- Arena de conflitos interpessoais e intergrupais: A escola é o centro das aglomerações e das movimentações de pessoas nos horários de seu funcionamento. Com essas características passa a ser arena de muitos conflitos, principalmente aqueles que para se solucionarem ou mesmo se fortalecerem necessitam de opiniões externas. Assim, encontravam-se nas escolas pessoas com interesses de afirmar lideranças ou derrubar outras e de resolverem conflitos. Para a Patrulha Escolar, esses fatores levaram ao registro de ocorrências como ameaças e agressões físicas nas imediações e dentro dos estabelecimentos de ensino sendo estes, alguns dos fatores quando não administrados a contento, levam ao sentimento de insegurança e a acontecimentos que demonstram a violência no ambiente escolar.

A Polícia Militar e Secretaria do Estado de Educação, em função dos problemas detectados, uniram-se no desenvolvimento de ações com intuito de solucioná-los, partindo do conhecimento da própria comunidade escolar. Dessa forma, o papel do Estado enquanto regulador de segurança no ambiente escolar através de seus órgãos reguladores tem por objetivo a participação efetiva de todas as autoridades locais juntamente com a comunidade escolar nas decisões, nas medidas tomadas e no compromisso das instituições sociais com suas funções e responsabilidades no desempenho de suas ações no enfrentamento da violência escolar.

As ações conjuntas preconizadas pelo programa, contudo, são fruto de relações que nem sempre seguem a lógica programada pelo projeto original e analisar tais relações é de fundamental importância, a fim de detectar lacunas, insucessos e formas de encontrar melhores alternativas de ação social para a melhoria da qualidade de vida e educação nas escolas.

2.1.1 Atuação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR.

No município de Ponta Grossa-PR o atendimento da Patrulha Escolar é dividido em quatro áreas monitoradas por equipes de policiais que realizam patrulhamentos rotineiros no entorno das escolas e, quando há necessidade, desenvolvem ações em seu interior.

As áreas Nova Rússia, Oficinas, Centro e Uvaranas, são monitoradas por dezesseis policiais que compõem o Programa e realizam intervenções em um determinado número de escolas e seu entorno como pode ser observado no cartograma abaixo.

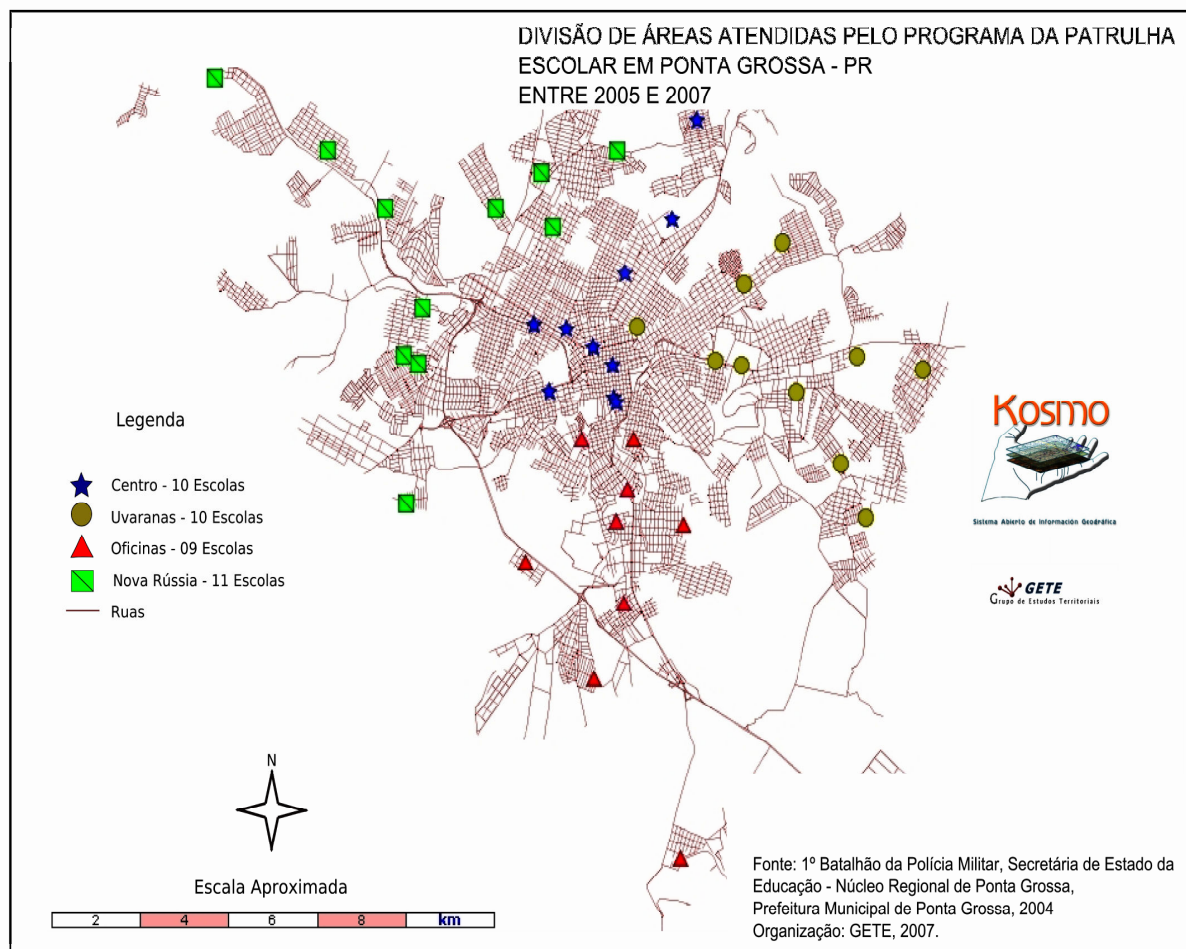


Figura 2 - Cartograma da divisão de áreas atendidas pelo Programa da Patrulha escolar em Ponta Grossa – PR, entre 2005 e 2007.

Entre 2005 e 2006, o Programa da Patrulha Escolar realizou nas quarenta e quatro escolas públicas da cidade de Ponta Grossa-PR, as chamadas revistas preventivas, que consistiu em realizar uma operação surpresa durante a qual os alunos e seus pertences foram revistados, em geral, nas salas de aula ou dependências internas. O gráfico 1 apresenta as ocorrências verificadas neste primeiro período de ação da Patrulha Escolar, onde foram apreendidos produtos tóxicos, armas de fogo e armas brancas.

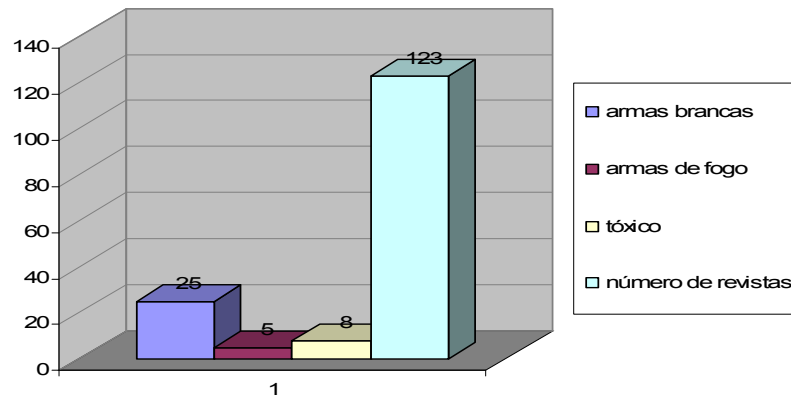


Gráfico 1 – Resultado das revistas preventivas nas 44 escolas em Ponta Grossa-PR no ano de 2005, realizado pela Patrulha Escolar.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar – 2005.
Org. IAROCZINSKI, A. (2007).

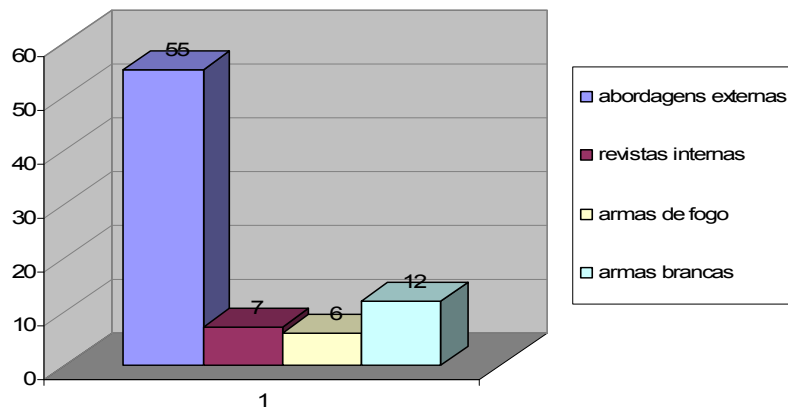


Gráfico 2 – Resultado das revistas preventivas nas 44 escolas em Ponta Grossa-PR até junho de 2006, realizado pela Patrulha Escolar.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar – 2006.
Org. IAROCZINSKI A., (2007).

Quando comparados os dados dos gráficos 1 e 2, observa-se que a apreensão de produtos tóxicos desaparece no segundo ano de desenvolvimento do programa, mas é constante ainda o porte de armas de fogo e armas brancas, considerado ato infracional grave. Segundo os dados analisados, não levam a uma avaliação otimista quanto parece e afirmam que as escolas ainda não estão livres das drogas. O desaparecimento dos produtos tóxicos

apreendidos deve-se a dois fatores principais. Primeiro, porque as revistas realizadas de surpresa durante o ano de 2005 geraram a apreensão das mercadorias dos traficantes que, segundo eles, estão utilizando novas táticas, como a venda nos arredores da escola. Além disso, a apreensão dentro do prédio escolar declinou porque as abordagens internas também diminuíram. Na fase atual, considerando o ano de 2007, as revistas somente são realizadas mediante o acionamento prévio por parte das instituições de ensino.

Ao analisar os pressupostos do papel do Estado, enquanto regulador de segurança nas escolas representado pelo Programa da Patrulha Escolar, que visa o desempenho de ações coletivas entre seus órgãos Estatais (Secretaria, Instituições Escolares e Polícia Militar) não ocorre a contento. Desde a institucionalização da Patrulha Escolar em 2004 e sua atuação no município de Ponta Grossa, o seu acolhimento e aceitação nas escolas não são homogêneos, há várias resistências ao Programa por parte de professores e diretores das escolas, o que dificulta um trabalho conjunto em combate à violência, conforme depoimento do policial em entrevista realizada em 11/09/07, “precisa de mais comprometimento, por que existe certa resistência da polícia na escola em aceitar o serviço do policial”.

2.2 O PERFIL DOS ATOS VIOLENTOS COMETIDOS E SOFRIDOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES REGISTRADOS PELO PROGRAMA DA PATRULHA ESCOLAR E SUA LOCALIZAÇÃO ESPACIAL.

O primeiro momento da investigação partiu do levantamento documental junto ao órgão oficial da Polícia Militar do Paraná – Patrulha Escolar. A pesquisa documental permite ao pesquisador escavações e evidências para o entendimento de seu objeto de pesquisa, também permite fazer comparações como afirma May (2004, p. 206) “entre as interpretações dos eventos feitas pelo observador e aquelas registradas nos documentos relacionados ao mesmo”. A fonte documental permite compreender a maneira como os eventos são construídos fornecendo informações que possam ser investigados com mais profundidade. Para a utilização deste método segundo May (2004) é necessário serem estabelecidos problemas de relevância, alcance e relações entre o evento pesquisado, entretanto não como auto-evidentes, mas como parte das maneiras como a verdade é processada. A fonte documental utilizada nesta pesquisa foi o levantamento e análise dos Boletins de Ocorrências (BOs) Policiais, para compreensão e investigação da relação entre o espaço escolar e

violência infanto-juvenil no contexto de ação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR.

Os dados obtidos da fonte documental do Programa da Patrulha Escolar, através dos registros dos boletins de ocorrências são considerados como oficiais, não apenas como verdades absolutas, mas que podem se contrapor com outras fontes de investigação como a escola, através da percepção dos agentes sociais que a compõem como os professores, alunos, pedagogos, diretores etc. O levantamento documental foi realizado no 1º Batalhão da Polícia Militar do Paraná em Ponta Grossa-PR. Foram analisados 541 boletins de ocorrências oriundos das ações do Programa da Patrulha Escolar, abrangendo o período de 2005 a 2007. Deste universo foram considerados 375 boletins, os demais foram desprezados. A desconsideração dos boletins para a construção dos perfis da violência deve-se ao fato de que os policiais acabam atendendo alguma emergência que ocorre próxima à viatura que, muitas vezes, não está relacionada às escolas.

Dos boletins analisados, conforme a tabela 8 do anexo 4, construiu-se o perfil da distribuição espacial das ocorrências registradas pela Patrulha Escolar nas escolas públicas do município de Ponta Grossa-PR. Na figura 3 o cartograma apresenta a localização espacial da concentração das infrações registradas a partir da fonte policial e a localização da população de baixa renda na cidade de Ponta Grossa, a partir do censo IBGE 2000.

Concentração de ocorrências de conflito com a lei entre os adolescentes a partir das escolas públicas registrado pela Patrulha Escolar em Ponta Grossa – PR, 2005 – 2007 e população de baixa renda de 2000.

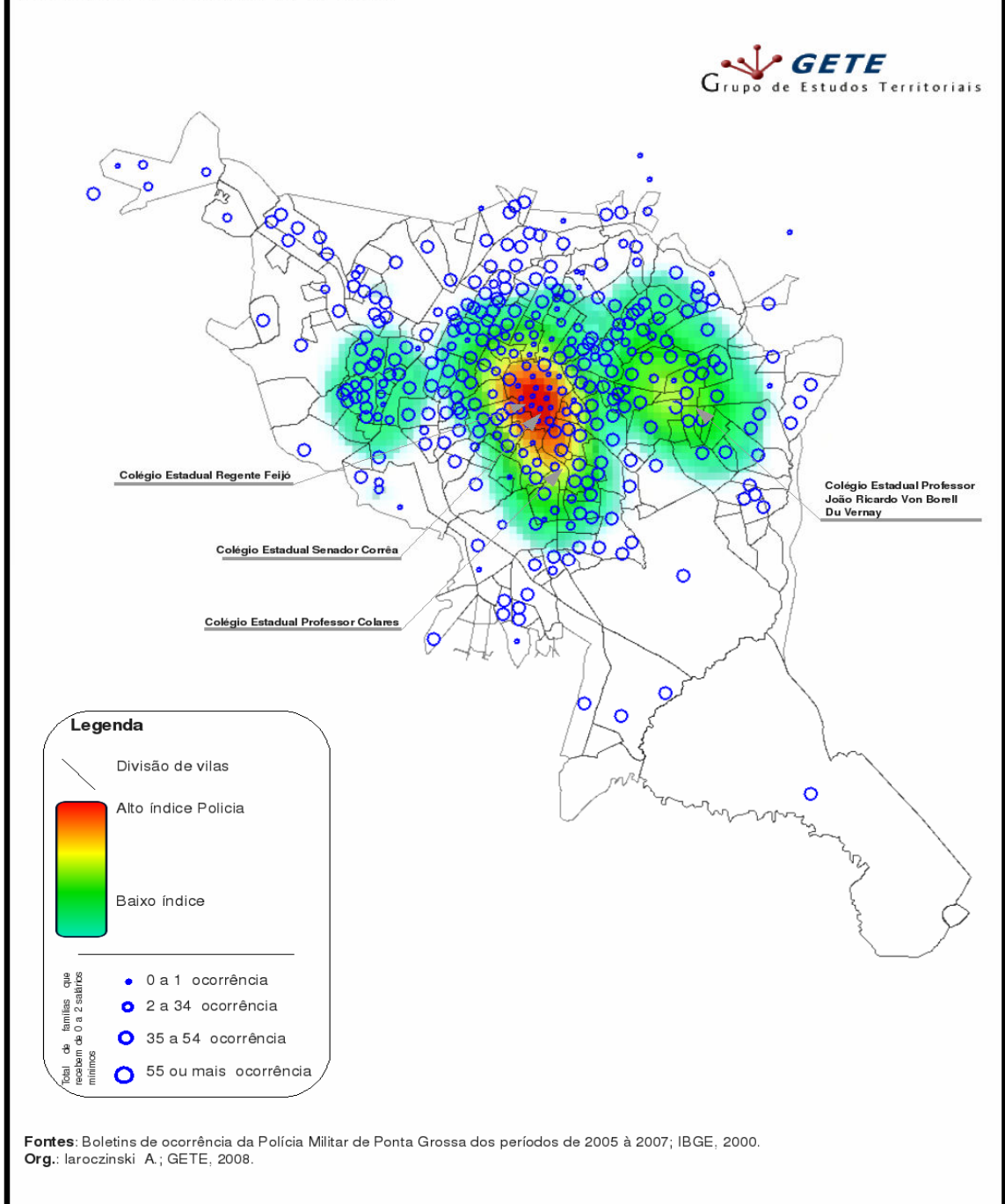


Figura 3 - Cartograma da concentração de ocorrências de conflito com a lei entre os adolescentes a partir das escolas públicas, registrado pela Patrulha Escolar em Ponta Grossa – PR, 2005 – 2007 e população de baixa renda 2000.

A análise da distribuição espacial dos dois fenômenos revela que não há coincidência direta entre a localização de famílias de baixa renda e a localização de ocorrências policiais,

como já citado anteriormente. Contudo, o mapa evidencia que a concentração de atos violentos se dá em áreas já bastante urbanizadas, nas quais, estão localizadas as escolas de nível médio. As escolas de nível médio, ao contrário das escolas de nível básico e fundamental, atendem uma população que não está próxima das áreas de vizinhança e exige o deslocamento de alunos pelo espaço urbano. Assim, o mapa revela que a localização da escola de nível médio é fator preponderante na concentração dos atos violentos registrados pelo Programa da Patrulha Escolar que envolve na sua maioria, pessoas com idade entre 15 e 17 anos. Ou seja, as escolas que possuem alunos apenas de nível fundamental e básico, mesmo localizada em áreas carentes, não apresentam a mesma concentração.

Os dados revelam que as quatro escolas que apresentaram os índices maiores dos registros de atos violentos no período de 2005-2007 fornecem as duas modalidades de ensino (Fundamental e Médio) distribuídos nos três períodos: manhã, tarde e noite. Contudo, as pessoas envolvidas estão na fase de adolescência.

Esta especificidade permite compreender a partir da discussão do conceito de escola analisados nesta pesquisa como vistos em Marra (2007), Gandin (1997), Fernandez (2005) e Spósito (2001) que analisam a escola como uma instituição que agrega grupos sociais diferenciados e que compõem uma dinâmica específica de relações sociais. As escolas estaduais do município de Ponta Grossa localizadas na área central da cidade fornecem o Ensino Médio e Profissionalizante fator que promove o deslocamento de adolescente de seus bairros onde não há estas modalidades de ensino, tornando essas escolas como o ponto de encontro de grupos sociais com culturas, condições sócio-econômicas e localidade de moradias diversas que compõem as relações sociais que modelam os conflitos que ocorrem na vivência escolar.

O gráfico 3 tomando como base o universo de 38 escolas presentes nos registros da Polícia Militar – Programa da Patrulha Escolar -, evidencia que o número de ocorrências gera quase o dobro de pessoas envolvidas. Assim, os atos refletem os conflitos interpessoais.

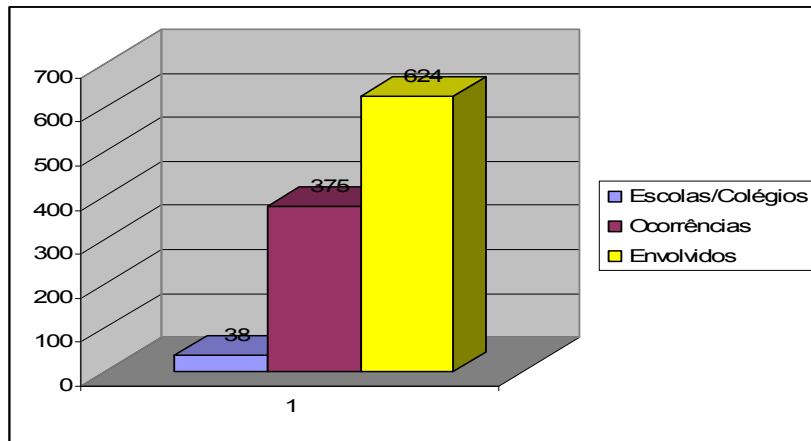


Gráfico 3 – Total de escolas/colégios, número de ocorrências e pessoas envolvidas.
 Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
 Org. IAROCZINSKI A. (2008)

Do total de pessoas envolvidas em atos de violência no espaço escolar observa-se que o número de alunos do sexo masculino é maior do que o feminino, com uma diferença de 136, como pode ser verificado no gráfico 4. Isso implica uma média de 10 ocorrências por escola registradas pelo Programa da Patrulha Escolar.

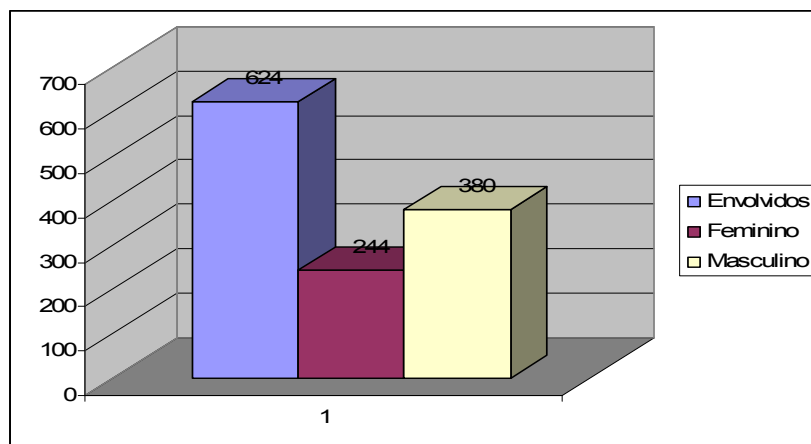


Gráfico 4 – Total de pessoas envolvidas em atos infracionais.
 Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
 Org. IAROCZINSKI A., (2008)

Os gráficos seguintes, 5 e 6, evidenciam as diferenças de atuação dos envolvidos nos atos infracionais por sexo. A proporção das pessoas do sexo masculino figura com mais expressão como autores dos atos infracionais e as do sexo feminino estão mais relacionadas à posição de vítima. A espacialização da concentração das ocorrências por sexo podem ser também observados nos cartogramas dos anexos 6 e 7.

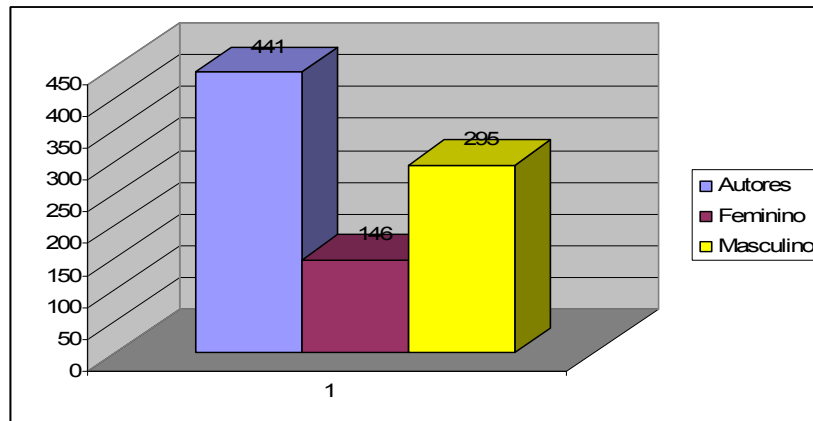


Gráfico 5 – Total de autores envolvidos nas ocorrências.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
Org. IAROCZINSKI A. (2008)

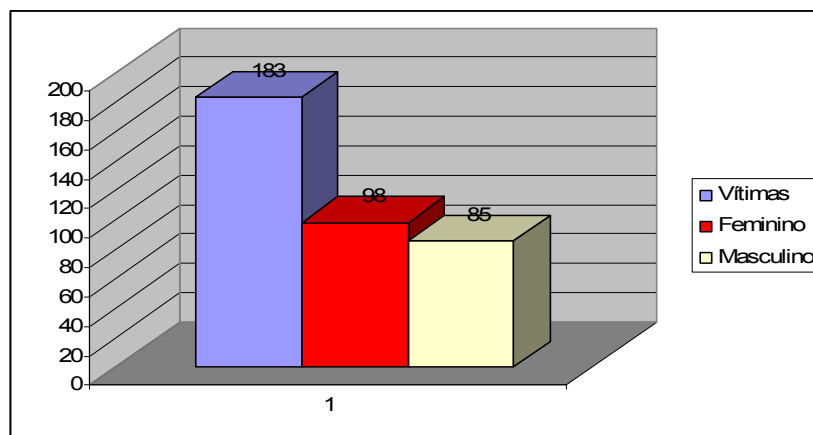


Gráfico 6 – Total de vítimas envolvidas nas ocorrências

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
Org. IAROCZINSKI A., (2008)

A análise dos boletins de ocorrências indicou o perfil dos atos violentos sofridos e cometidos pelo grupo social infanto-juvenil, como apontados na tabela 9 do anexo 5. O número total das naturezas dos atos de violência registrados pela Patrulha Escolar no período de 2005-2007, podem ser observados nos gráficos que seguem abaixo.

O gráfico 7 apresenta os maiores índices de ocorrências registradas por tipo de atos infracionais cometidos. Entre eles, destacam-se as vias de fatos (ação que pratica a violência contra alguém, porém, são consideradas ações leves), em segundo lugar estão às lesões corporais com graves consequências físicas (hematomas, ferimentos, arranhões etc.), em terceiro estão às ameaças que podem gerar agressões físicas levando à lesão corporal. Em quarto lugar figuram os furtos simples de objetos roubados no interior das escolas e conforme os boletins analisados o que mais se destaca é o roubo de celulares, seguido de materiais

didáticos, dinheiro e pertences pessoais.

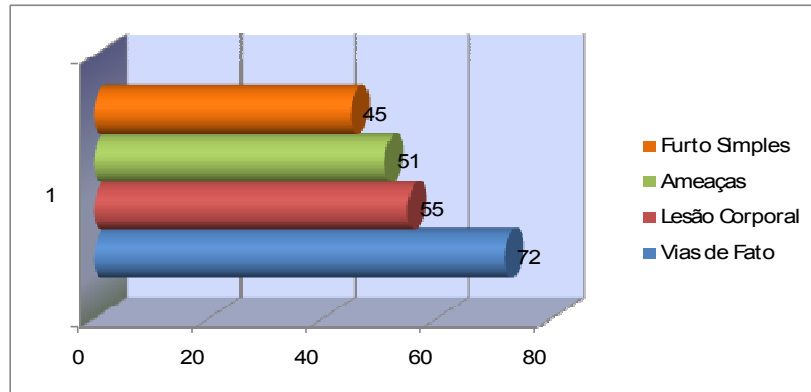


Gráfico 7 - Total dos maiores registros de atos infracionais nas 38 escolas/colégios estaduais de Ponta Grossa-PR, no período de 2005-2007.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
Org. IAROCZINSKI A., (2008)

O gráfico 8 apresenta os 25 registros de ocorrências de “Danos ao Patrimônio Público”. Segundo os relatos registrados nos boletins de ocorrências é caracterizado pela depredação das estruturas físicas das escolas como pichamentos de paredes no pátio interno e externo, carteiras e cadeiras quebradas, portas e fechaduras violadas, quadros riscados, vidros quebrados, entre outros. A depredação está associada aos atos de intimidação cometidos por alunos que gazeiam aulas e que arremessam pedras, pedaços de madeiras entre outros objetos para chamar atenção de alunos ou professores como demonstração de força que estão também ligados aos conflitos, brigas, ameaças e desentendimentos ocorridos. Os “Desacatos as Autoridades” estão presentes em 23 registros de ocorrências, representando ameaças, humilhações, palavras grosseiras, etc., referidos verbalmente a professores, pedagogos, diretores, agentes de apoio (zeladoras e merendeiras) e agentes administrativos. Em terceiro lugar aparecem os “Furtos Qualificados”, com 21 registros. O furto qualificado se difere do furto simples, pois o primeiro é seguido de depredação e violação das estruturas-físicas das escolas. Os furtos qualificados são relativos aos fios da rede elétrica, aparelhos de TVs, DVDs, merendas escolares e materiais de escritório.

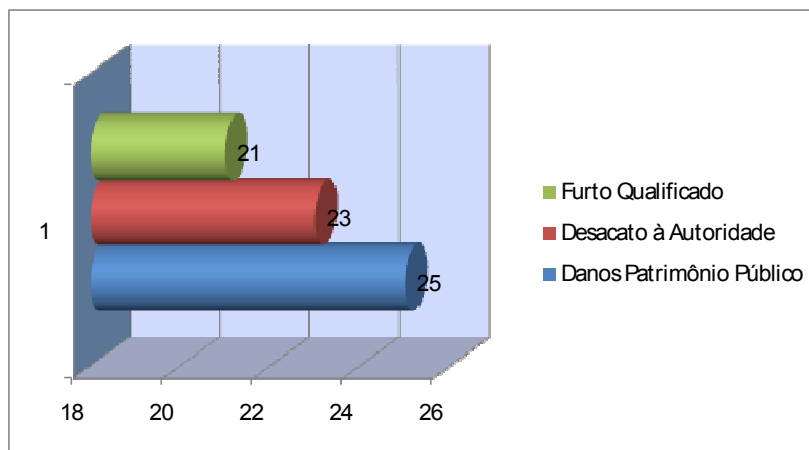


Gráfico 8 – Total dos registros de atos infracionais nas 38 escolas/colégios estaduais de Ponta Grossa-PR, no período de 2005-2007.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.

Org. IAROCZINSKI A, (2008)

Os dados representados no gráfico 9 são relativos à “Perturbação da Tranquilidade”, com 19 registros. Segundo os boletins de ocorrências, são cometidos por alunos que faltaram aulas ou ex-alunos que permanecem na frente da entrada principal das escolas, nos horários de entrada, saída e intervalos e utilizam aparelhos de som em alto volume e algazarras para chamar a atenção das pessoas que se encontram dentro do espaço escolar. Em segundo lugar, com 16 ocorrências, estão os “Encaminhamentos Assistenciais”. Este perfil de ocorrência refere-se à atuação dos policiais que encontram grupos de alunos que faltaram às aulas e estão em lugares próximos ou distantes das escolas, em praças ou em estabelecimentos como bares consumindo bebidas alcoólicas e fumando. Em geral, as pessoas são encaminhadas aos pais e/ou encaminhadas para os Conselhos Tutelares ou a Delegacia de Adolescentes. Em terceiro lugar, com 15 registros de ocorrências, estão as apreensões de “Armas Brancas”. São armas brancas as facas, punhais, canivetes, objetos pontiagudos e cortantes construídos manualmente com materiais como madeiras e giletes. Em quarto lugar, com 15 registros, figuram a “Embriaguez”. Esse registro refere-se aos alunos que se apresentam embriagados no espaço escolar.

Os “Fatos não Constatados” que aparecem no gráfico são solicitações da intervenção da Patrulha Escolar. Contudo, os policiais do programa não encontram constatações de infrações, pois até o deslocamento da viatura em direção à escola, os infratores acabam se dispersando e os policiais permanecem no local para fazer o patrulhamento no entorno da escola. Nestes casos no boletim de ocorrência consta o depoimento do fato ocorrido de quem acionou a Patrulha Escolar.

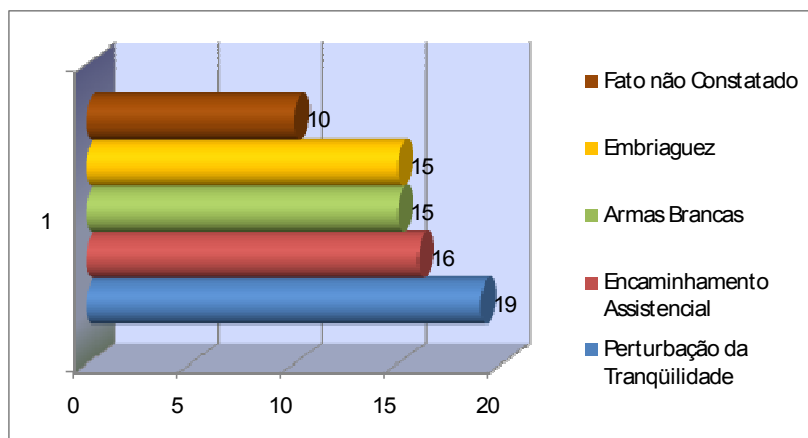


Gráfico 9 – Total dos registros dos atos infracionais nas 38 escolas/colégios estaduais de Ponta Grossa-PR, no período de 2005-2007.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.

Org. IAROCZINSKI A., (2008)

O gráfico 10 apresenta os atos infracionais considerados graves pela Patrulha Escolar, como porte de “Armas de Fogo” com 7 registros e “Tráfico de Drogas” com 1 registro. Com 9 ocorrências apontaram o “Consumo de Bebida Alcoólica”. Essa infração se diferencia da “Embriaguez” apresentada no gráfico 9. Enquanto a embriaguez se dá pelo estado da pessoa que se apresenta no espaço escolar, o consumo de bebida alcoólica caracteriza-se pelo ato de ingestão dentro da escola. Segundo os relatos nos boletins de ocorrências os alunos entram com garrafas de bebidas camufladas nas bolsas ou roupas e ingerem a bebida em momentos de distração dos professores ou nos intervalos das aulas. O ato infracional “Porte de Substâncias Tóxicas”, com 9 registros, para os policiais este tipo de infração se diferencia do “Tráfico de Drogas”, pois o porte significa a apreensão de pequenas quantidades para posterior uso próprio e, portanto a pessoa envolvida é usuária e não traficante. O “Uso de Substâncias Tóxicas”, com um total de 8 registros, esse ato infracional é caracterizado pelo flagrante de uso de substâncias. Com 8 registros aparecem as Rixas, que constituem em rivalidades constantes que se estabelecem entre as pessoas. Podem ser de origens nos próprios bairros de moradia, nas danceterias e entre grupos de diferentes escolas. O encontro para “resolver” os conflitos é, em geral, em frente às escolas. Mas há rixas registradas no interior das escolas, envolvendo rivalidades entre alunos e grupos de alunos de diferentes séries que acabam em agressões físicas. Também com 8 registros estão os “Danos ao Patrimônio Particular” que envolvem a depredação de casas localizadas ao entorno das escolas, de veículos de professores, diretores e pedagogos estacionados na parte interna ou externa das

escolas. Os “Artefatos Explosivos” aparecem com 6 registros e caracterizam pela explosão ou não de bombas caseiras, colocadas em áreas de maior circulação da escola como os banheiros. Com 5 registros, apontam os “Atos Obscenos”, que são insinuações sexuais entre casais. As “Abordagens aos Suspeitos”, com 4 registros, que se referem às ações policiais de averiguação em que não se comprova a infração.

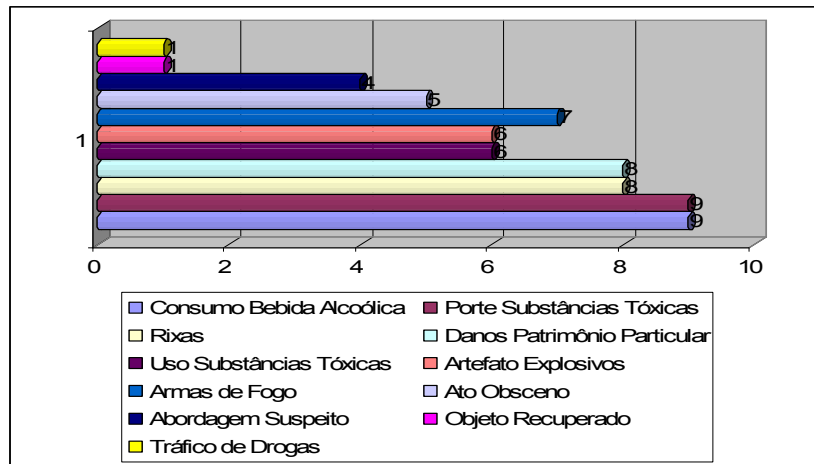


Gráfico 10 - Total de registros dos atos infracionais nas 38 escolas/colégios estaduais de Ponta Grossa-PR, no período de 2005-2007.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007. Org. IAROCZINSKI A., (2008)

Após analisados todos os dados de forma conjunta envolvendo as 38 escolas, foram selecionadas quatro escolas com maior registro de ocorrências de atos de violência: Colégio Estadual Senador Correia, Colégio Estadual Regente Feijó, Colégio Estadual Prof. João Ricardo Von Borell Du Vernay e Colégio Estadual Professor Colares como pode ser visualizado no gráfico 11.

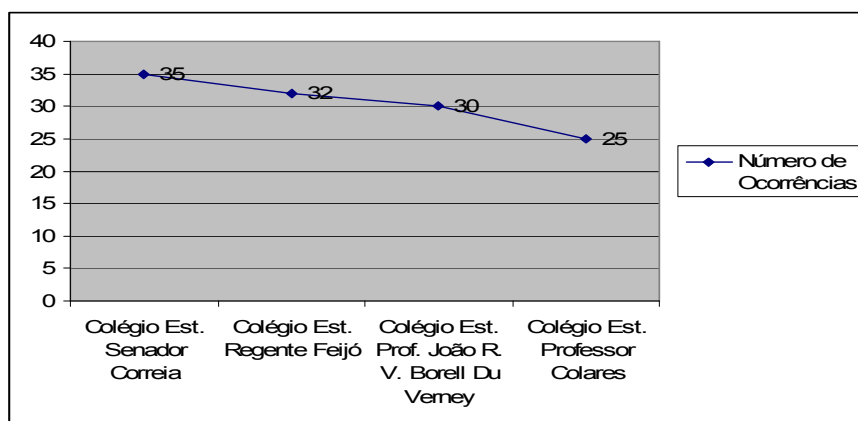


Gráfico 11 – Escolas com maior número de ocorrências registradas no período de 2005- 2007.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007. Org. IAROCZINSKI A., (2008)

As características do perfil dos envolvidos nas ocorrências registradas nos quatro colégios com maiores números de registros podem ser visualizadas na tabela 2 e nos gráficos 12 e 13. Os quatro colégios apresentam uma distribuição homogênea em termos de quantidade de ocorrências, com exceção do Colégio Estadual Professor Dr. Colares. Também há um equilíbrio no que diz respeito aos totais de pessoas envolvidas nos atos infracionais. Contudo, as diferenças podem ser encontradas quando comparados os universos feminino e masculino e o papel que as pessoas envolvidas desempenharam nos atos violentos.

Tabela 2 – Ocorrências por escolas e as características dos envolvidos no período de 2005- 2007.

Escolas/Colégios	Nº	Totais	F*	M**	Autor	F*	M**	Vítima	F*	M**
Ocorrências		Envolvidos								
Colégio Est. Senador Correia	35	57	26	31	47	19	28	10	7	3
Colégio Est. Regente Feijó	32	47	26	21	30	12	18	17	14	3
Colégio Est. Prof. João R. V. Borell Du Vernay	30	57	21	36	40	12	28	17	9	8
Colégio Est. Professor Dr. Colares	25	46	15	31	37	12	25	9	3	6
TOTAL	122	207	88	119	154	55	99	53	33	20

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.

Org. IAROCZINSKI A., (2008)

*F - Feminino

**M – Masculino

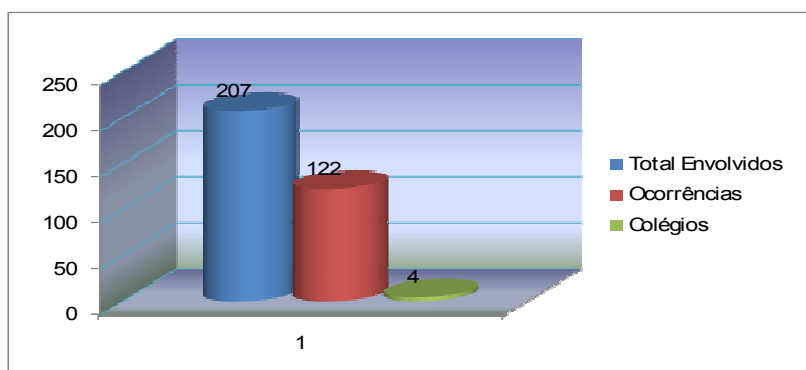


Gráfico 12 - Total de colégios com maiores registros de ocorrências e pessoas envolvidas, no período de 2005-2007.

Fonte: Polícia Militar – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.

Org. IAROCZINSKI A., (2008)

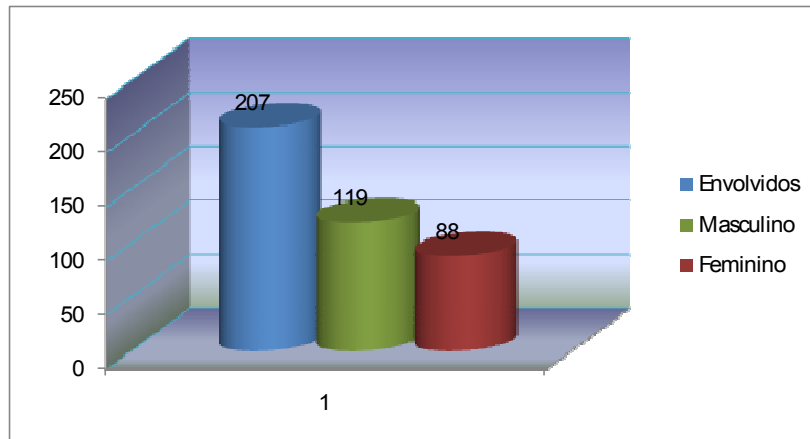


Gráfico 13 – Total e características das pessoas envolvidas nos colégios com maiores registros de ocorrências no período de 2005-2007.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
Org. IAROCZINSKI A., (2008)

O desempenho do universo masculino é mais significativo como autor dos atos violentos, como observado no gráfico 14, e as vítimas são mais representadas pelo universo feminino (gráfico 15). Assim, a violência é um fenômeno que atinge meninos e meninas de forma diferenciada.

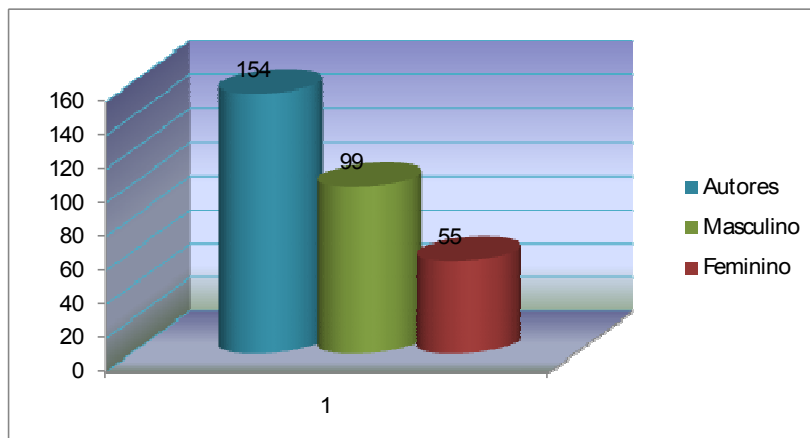


Gráfico 14 – Total de autores envolvidos nos colégios com maiores registros de ocorrências no período de 2005-2007.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
Org. IAROCZINSKI A., (2008)

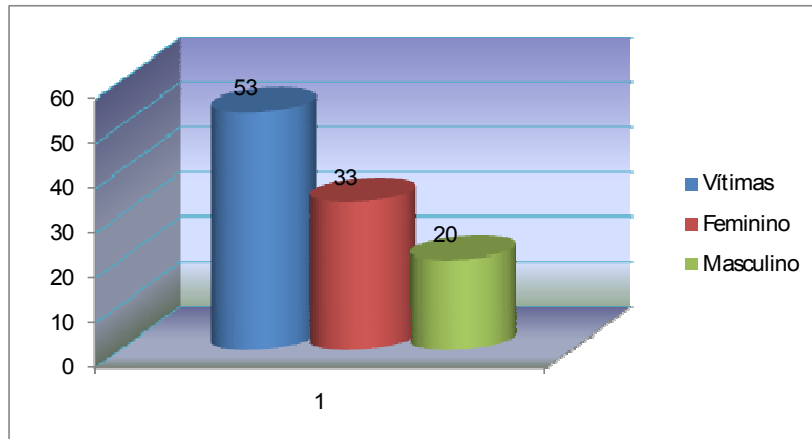


Gráfico 15 – Total de vítimas envolvidas nos colégios com maiores registros de ocorrências no período de 2005-2007.

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.

Org. IAROCZINSKI A., (2008)

A natureza dos atos violentos presentes nos colégios que se destacam em número absoluto de ocorrências pode ser visualizada na tabela 3. Os atos mais comuns são vias de fato (agressão física sem ferimentos visíveis), lesão corporal (agressão física com ferimentos visíveis), ameaça, furto simples e qualificado e danos ao patrimônio público. Os atos infracionais considerados mais graves como armas brancas e de fogo, uso e porte de substâncias tóxicas, ainda aparecem nas estatísticas da Polícia Militar.

Tabela 3 - Número total e distribuição das naturezas de atos de violências nos colégios com maiores registros de ocorrências entre 2005-2007.

Escolas/Colégios	NºA	V. F.	L. C.	R. A.	D. A.	F.N. C.	A. C.	F. S.	E. F.	A. F.	O. R.	A. S.	A. B.	C.B. A.	D.P. Pu.	E. A.	P.S. T.	P. T.	F. Q.	U.S. T.	A. O.	D.P. Pa	A. E.	T. D.
Colégio Est. Senador Correia	37	4	5	0	4	2	4	7	1	0	0	0	1	0	2	2	1	0	3	1	0	0	0	0
Colégio Est. Regente Feijó	34	6	2	2	2	2	1	4	1	0	0	0	3	0	1	2	1	4	1	1	0	0	1	0
Colégio Est. Pro. João Ricardo V. Borell Verney	33	3	3	0	3	0	2	5	0	1	0	0	0	0	3	2	0	3	4	1	2	0	1	0
Colégio Est. Professor Dr. Colares	29	11	3	1	1	0	4	1	1	0	1	0	0	1	3	0	1	0	0	0	0	0	1	0
TOTAL	133	24	13	3	10	4	11	17	3	1	1	0	4	1	9	6	3	7	8	3	2	0	3	0

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.

Org. IAROCZINSKI A., (2008)

LEGENDA - TABELA Nº. 2			
Nº. N. A.	Número Natureza dos Atos	A.B.	Armas Brancas
V.F.	Vias de Fato	C.B.A.	Consumo Bebia Alcoólica
L.C	Lesão Corporal	D.P.Pu.	Danos Patrimônio Público
R.	Rixa	E.A.	Encaminhamento Assistencial
D.A	Desacato à Autoridade	P.S.T.	Porte Substâncias Tóxicas
F.N.A	Fato Não Constatado	P.T.	Perturbação da Tranquilidade
A	Ameaça	F. Q.	Furto Qualificado
F.S.	Furto Simples	U.S.T.	Uso de Substâncias Tóxicas
E.	Embriaguez	A.O.	Ato Obsceno
A.F	Armas de Fogo	D.P.Pa.	Danos Patrimônio Particular
O.R.	Objeto Recuperado	A.E	Artefatos Explosivos
A.S.	Abordagem ao Suspeito	T.D	Tráfico de Drogas

Org. IAROCZINSKI, A., (2008)

A tabela 4 apresenta as Providências tomadas pelos policiais integrantes da Patrulha Escolar no período de 2005-2007. Ao observar a tabela verifica-se que as providências mais comuns foram a “Orientação às Partes” que é caracterizada por aconselhamentos às pessoas envolvidas, seguido de “Policimento/Presença” e “Abordagem/Averiguação”.

A “Prisão” é a providência menos comum realizada pelos policiais, representando apenas 6 casos. “Apreensões dos Menores” constataram-se em 83 registros e nestes casos, o adolescente pode ser levado direto aos pais/responsáveis ou ser repassado para outros órgãos e instituições como ocorreu em 64 do total dos registros de “Repasse para outro órgão”. A providência “Advertência” apareceu em 71 registros e as consideradas entre as mais graves a “Apreensão de armas brancas e de fogo” apresentarem 22 ações tomadas.

Tabela 4 – Providências tomadas pelo programa da patrulha escolar aos atos de violência, entre 2005-2007.

Providências	Número Total
Prisão	6
Apreensão menor	83
Abordagem/averiguação	195
Advertência	71
Repasse para outro órgão	64
Orientação às partes	237
Policimento presença	222
Termo circunstanciado	8
Objetos recuperados	10
Apreensão de armas (brancas/fogo)	22
Apreensão de tóxicos	9
Prestação de apoio	7
Busca de pessoa/objeto	9
TOTAL GERAL	943

Fonte: Polícia Militar – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
Org. IAROCZINSKI, A., (2008)

Os dados da Patrulha Escolar revelam que os crimes considerados mais graves como porte de armas e de substâncias tóxicas possuem uma pequena representatividade no universo de infrações registradas. As modalidades que se sobressaem estão relacionadas com a violência física que, em geral, o corpo de educadores não consegue controlar ou intervir. Quando se toma por base os procedimentos adotados pelos policiais no encaminhamento das ocorrências tornam-se expressivas as providências de caráter repressivo como a “apreensão de menor” e “abordagem para averiguação”. As providências de caráter menos repressivo que é “orientação às partes” e “policimento de presença” também são bastante comuns, contudo, cabe questionar, em que medida os policiais podem construir significações fora das representações de repressão, já que o Programa da Patrulha Escolar preconiza uma atuação policial que prioriza a sua integração à comunidade escolar. A atuação participativa dos componentes da comunidade escolar é bastante difícil, já que educadores e policiais constituem universos de formação intelectual e profissional bastante distinto, embora estejam no momento atuando sobre um mesmo problema social, a violência escolar.

2.3 AS RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA E A PATRULHA ESCOLAR NA VISÃO DOS POLICIAIS.

O discurso policial sobre as razões do aumento da violência urbana e do crescente envolvimento de jovens e adolescentes em atos infracionais fundamenta-se no ambiente privado da família. Do total de evocações a respeito desse tema, 53,84% referiram-se à desestruturação familiar. A desestruturação familiar é compreendida pelos policiais como sendo a ausência do padrão de família formada pela presença do pai e da mãe e traz como justificativa o uso de substâncias alcoólicas ou químicas e uma distorção da conduta moral materna. Como por exemplo, pode ser observado pelo trecho da entrevista que segue.

Quando perguntamos para alguns alunos que apresentam problemas para a escola, observo a desestrutura familiar, ou mora só com a mãe, com uma tia ou tio, ou só com os irmãos. Observamos que o papel do pai e da mãe são poucos que têm e com isso não tem uma base e apoio familiar, ou quando tem os próprios pais são problemáticos, por exemplo, pai alcoólico ou usa drogas ou a mãe é prostituta. (Entrevista realizada com PM3⁵ em 18/07/07).

O discurso policial que justifica o aumento da violência também traz, com 26,92% das evocações, a falha dos pais pela falta de limites colocados às vontades dos filhos. Para PM4 se os pais não conseguem controlar e impor limites aos seus filhos a escola sozinha, sem apoio dos pais, não consegue. Apenas 12,55% das evocações apontaram para as condições sócio-econômicas relacionados à falta de recursos e 6,69% das falas afirmaram que a educação não é função da escola e sim da família. Enfim, os policiais possuem uma visão do aumento da violência centrada na família e que a escola possui a função clássica do aprendizado de conteúdos. A família, segundo o discurso policial, é concebida de forma isolada, o elemento fundamental do problema da violência de adolescentes. A visão estrutural, da família submergida em relações sociais complexas, da distribuição de riquezas, da falta de emprego, do aumento de mulheres que sozinhas sustentam suas famílias e da ausência do Estado no cuidado da infância, não são temas presentes no discurso policial.

Quando solicitados a avaliar o programa do qual fazem parte, os policiais se

⁵ Com o objetivo de proteger as identidades das fontes entrevistadas, optou-se em utilizar códigos fictícios em abreviaturas acompanhadas por um número: PM1, PM2, PM3 e PM4.

manifestaram positivamente em 35,73% do total das evocações, dizendo que o programa é importante, mas comentaram sobre os problemas na execução cotidiana das ações da polícia junto às escolas em 28,57% das evocações, chamando a atenção para indefinição dos papéis institucionais a serem desenvolvidos por parte do corpo policial e do corpo de educadores na resolução de atos infracionais. O trecho de entrevista a seguir é exemplar do teor do discurso dos policiais: “O Programa da Patrulha Escolar é bom, mas não acho que isso vai resolver, estão confundindo muito o trabalho do policial com o trabalho de pedagogo, não somos pedagogos não temos esse papel.” (Entrevista com PM4 em 25/09/07).

Na avaliação dos policiais, há uma dependência da Patrulha Escolar por parte da escola, conforme 21,42% das evocações. Essa dependência se reflete na segurança que o programa passa às escolas que podem contar a qualquer momento com o atendimento dos policiais, disponibilizando um contato telefônico direto com a Central de Atendimento da Patrulha Escolar em casos de emergências. A parceria entre o Programa da Patrulha Escolar e a escola, objetivo fundamental do programa é citado em apenas 7,14% das evocações. A transformação da visão da comunidade em relação aos policiais, considerando-os como agentes de confiança, também é de apenas 7,14% do total das evocações presentes no discurso policial relativos à avaliação do programa desenvolvido pelo governo do Estado.

A auto-avaliação dos policiais dos seus desempenhos apresenta uma estrutura discursiva em que 50% das evocações são positivas e apenas em 12,5% delas, são expressas características de negatividade e, em geral, atreladas às estruturas mais amplas que não dependem de si próprios, como a falta de efetivo policial e a alta rotatividade de pessoal nas áreas de atuação, como evidenciado no trecho da entrevista que segue.

Existem trocas de efetivos e isso acaba acarretando no desempenho das atividades, pois um policial que já é conhecido na área que atende conhece bem as problemáticas da comunidade e da escola e sabe como lidar com a direção da escola, isso torna mais fácil o desenvolvimento do trabalho. (Entrevista com PM1 em 11/09/07).

A avaliação de seu próprio desempenho baseia-se, em 37,5 % das evocações, em suas dificuldades de desenvolver um papel para o qual não se sente preparado. O policial recebe uma formação e participa de um universo simbólico em que a ação repressiva é preponderante. O programa, contudo, define uma linha de ação em que os policiais são exigidos a ter comportamentos que fogem às regras apreendidas na polícia, já profundamente arraigadas. Segundo eles, há casos em que suas ações são parecidas com a de psicólogos, assistentes sociais e da própria família. Enfim, entre o planejamento do programa e sua

execução, os policiais sofrem com a ambigüidade dos papéis que devem desempenhar.

A relação entre a patrulha escolar e as escolas é considerada positiva em 69,2 % das evocações. Os apontamentos positivos se referem às situações em que houve um entendimento por parte de policiais e educadores da definição e limites de ações a serem desempenhas por ambos e a função de proteção do ambiente escolar é a marca de seu discurso. Já em 30,80% das evocações são citadas as resistências na relação, geralmente por parte da escola que, segundo eles, não quer admitir problemas ali existentes e procuram resolver de forma isolada.

No universo das avaliações negativas são constatadas várias características diferentes como a negligência das direções das escolas, o despreparo dos educadores, a incompreensão por parte dos educadores daquilo que é apenas indisciplina e o que é um ato infracional, rotatividade de diretores responsáveis pelas escolas e, por fim, a camuflagem de problemas existentes por parte das escolas. Deste conjunto de problemas referenciados, dois deles reúnem a maior parte das evocações, com 33,33% apontaram para o caráter negativo estando relacionada à negligência da atuação da direção como pode ser observado no trecho de entrevista abaixo:

Cada escola possui sua particularidade, sua estrutura e o público que a recebe, cada diretor desenvolve seu trabalho impondo regras ou não varia do estilo profissional. Se não existir controle desanda, até por que existe escola que a violência é grande, devido à negligência da direção. Onde existe a direção atuante a violência tende a diminuir. A violência geralmente é ao entorno mais fácil de resolver, mas quando existe dentro e não houver um interesse por parte da direção da escola, torna-se mais difícil, começa com as mínimas exigências como a cobrança de uniformes e dos horários de entrada e saída, há escolas que não se preocupam com essa parte. (Entrevista com PM1 em 11/09/07).

O outro fator que concentra 33,33% das evocações negativas é o despreparo dos profissionais de educação em enfrentar as dificuldades encontradas em relação à violência na escola. Na concepção do entrevistado PM4, que além de policial possui formação na área de licenciatura, avalia que a ausência de temas sobre a violência escolar no currículo de formação de professores é um problema que se reflete na prática profissional posterior. Em geral, os profissionais da educação não sabem como enfrentar ou agir diante dos atos de violência dos seus alunos.

Observa-se, portanto, que a relação entre a escola e a patrulha escolar estrutura-se no eixo de identificação da incapacidade dos profissionais da educação em cumprir “sua parte”, conforme as entrevistas realizadas. A parte que cabe aos educadores é compreendida como obtenção da capacidade de gestionar os problemas de relacionamentos, construção de limites

e sabedoria para recorrer à polícia apenas em casos em que ocorrem infrações. Além disso, quando provocados a refletir as potencialidades que a escola possui no combate à violência, os policiais se limitam a enumerar a necessidade de implementação de mecanismos de controle e regulação como exigência do uso de uniformes e controle de horários, além de alertarem para a necessidade de infra-estrutura de segurança como muros e alarmes, aliados ao aumento de rigor e atuação por parte dos diretores.

Na visão dos policiais, há uma forte ambigüidade na forma em que os alunos reagem à sua presença na escola. As evocações positivas se revelaram em 53,33% do total. Os aspectos positivos são relacionados à cumplicidade, apoio e compreensão entre a comunidade e os policiais. Nesta relação de cumplicidade há fatos de relatos, por parte da comunidade aos policiais, que envolvem situações de denúncias de vendas de drogas e porte de substâncias entorpecentes. A bipolaridade entre proteção e medo está presente na figura do policial citado em 46,67% das evocações. É importante ressaltar que não houve relatos de natureza puramente negativa da reação dos alunos à presença policial na escola.

Quando questionados sobre o perfil de intervenção junto aos alunos, os policiais relatam que o perfil geral gira em torno de resolução de conflitos associados a ameaças, brigas e lesão corporal. O porte de armas e entorpecentes assim como danos ao patrimônio são características de infrações masculinas, segundo a percepção dos policiais.

Quando os policiais refletem sobre as transformações da violência, apenas 25% deles comentaram que houve mudanças. Dos que apontaram as mudanças no perfil da violência, é expressiva a referência ao universo feminino. Em 75% das evocações as meninas são os focos de reflexões. Segundo eles, o comportamento das meninas foi bastante alterado nos últimos tempos, transgredindo do padrão considerado “normal” para uma sociedade, ou seja, estão negando as características tradicionalmente femininas, deixando de serem doces, puras, recatadas, delicadas e meigas e passando a apresentar um perfil mais violento e agressivo, conforme pode ser visto no depoimento abaixo.

Observamos mudanças comportamentais entre as meninas, as quais são chamadas de “malacas”, se vestem mal, às vezes, parecido com os meninos usam bonés, calças de *skatistas*. Mas, têm aquelas que exageram na produção, usam maquiagens fortes, expõem muito sua sexualidade para chamar atenção dos meninos mesmo e com isso acabam brigando entre elas por motivos de namorados. (Entrevista com PM4 em 25/09/07).

Na percepção dos policiais atuantes no Programa da Patrulha Escolar há escolas consideradas mais violentas e as menos violentas conforme o quadro que segue:

Tabela 5 – Relação de escolas e percepção da violência segundo os policiais atuantes no Programa da Patrulha Escolar.

Relação de Escolas mais violentas	Relação de Escolas menos violentas
Colégio Est. Regente Feijó	Escola Est. Sirley Jagas
Colégio Senador Correia	Escola Est. Edson Pietrobelli
Colégio Est. Dr. Colares	Escola Estadual José Gomes do Amaral
Colégio Est. José Elias da Rocha	Escola Est. Medalha Milagrosa
Colégio Est. Profª. Elzira Correia de Sá	Colégio Est. Julio Teodorico
Colégio Est. Nossa Senhora das Graças	Escola Est. Jesus Divino Operário
Escola Est. Profª. Amalio Pinheiro	Escola Est. Maestro Bento Mossurunga
Colégio Est. Profª João R. Von Du Verney	Escola Est. Espírito Santo

Fonte: Entrevistas realizadas com policiais do Programa da Patrulha Escolar – 2008.
Org. IAROCZINSKI, A., (2008)

Dessas escolas citadas nos discursos dos policiais, quadro delas Colégio Est. Regente Feijó, Colégio Est. Senador Correia, Colégio Est. Dr. Colares e Colégio Est. Profª João R. Von Du Verney também foram apontadas com maior registro de boletins de ocorrências no levantamento documental, como apresentado no gráfico nº 11 deste capítulo. Das escolas consideradas menos violentas todas aparecem nas estatísticas do levantamento documental, exceto o Colégio Est. Julio Teodorico que aparece entre as escolas com índices de violência elevados.

Quanto solicitados a pensar nas diferenças dos níveis de violência entre as escolas, os policiais colocam que o elemento mais favorável à violência a proximidade da escola com comunidades carentes em 62,5% das evocações. Em 25,5% das evocações é relatada a proximidade de praças, bares e terrenos baldios e com apenas 12% das referências à presença do tráfico de drogas.

Aqui é importante marcar que no imaginário dos policiais, a presença de famílias pobres ainda é um fator preponderante, o que não se revela como verdadeiro quando os dados dos boletins de ocorrências são espacializados, como vistos no cartograma da figura 3 desta pesquisa.

Por outro lado, quando recorrem às justificativas dos baixos índices de violência de algumas escolas, os policiais revelam um discurso mais pulverizado em termos de categorias de evocações. Atribuíram ao baixo número de ocorrências em 37,5% das evocações ao pequeno número de alunos presentes em algumas escolas, com isso o controle se torna mais fácil por parte dos diretores. Outro grupo de evocações com 37,5% gira em torno da habilidade e competência da direção da escola. Os dois outros grupos, com 12,5% das

evocações cada um, estão relacionados com a procedência dos alunos de áreas rurais e a proximidade entre a escola e a residência que, segundo eles, é possibilitado pelo controle da vizinhança.

Os atos de violência escolar são ainda caracterizados em sua posição interna e externa. Os policiais consideram que as ocorrências atendidas na parte interna se relacionam com indisciplina e desacato a autoridade e na parte externa os padrões de atos violentos são caracterizados por brigas, consumo de bebidas alcoólicas e drogas.

Quando os policiais discutiram a eficácia do Programa da Patrulha Escolar na diminuição da violência, apenas 26,67% das evocações são positivas e estão relacionadas com as conquistas de um trabalho conjunto e bem aceito por parte das escolas. Entretanto, 73,33% das evocações evidenciaram problemas na efetividade do programa para a diminuição da violência. Os problemas citados pelos policiais são: a confusão entre o papel da escola e da polícia, o descompromisso das equipes de patrulheiros, a inadequação da frota de veículos, as trocas constantes de pessoas nas equipes de patrulheiros, a ruptura entre o poder judiciário e a polícia e a incompreensão do trabalho da equipe do Programa da Patrulha Escolar na gestão da polícia, como observado no trecho da entrevista.

Temos que resolver os problemas com os pais e a escola sem encaminhar para as autoridades, exceto em casos mais graves como lesão corporal, armas e drogas, pois as autoridades já estão com a pauta estourando de problemas. Temos a função de manter a tranquilidade ter argumentos e convencer. Nós abordamos mais do que registramos BOs e o pessoal acha que a gente não trabalha não faz nada, pelo contrário é um trabalho extremamente sério e comprometido. Atendemos crianças e adolescentes temos que resolver o problema, pois não adianta protelar sabemos que se não fizermos nada o problema vai estar aí e vai continuar. É um trabalho preventivo e que tem acompanhamento, retornando para saber como está aquele aluno. (Entrevista com PM1 em 11/09/07).

Enfim, a relação entre escola e polícia, refletida em 172 evocações que compõem as categorias semânticas do discurso policial no enfrentamento da violência escolar evidencia contradições e ambigüidades. Os aspectos negativos tendem para a necessidade de integração maior entre Escola e Patrulha Escolar e no entendimento das ações que devem ser desenvolvidas por ambas as partes, cada um com suas responsabilidades no desempenho de suas funções.

As pessoas mais diretamente envolvidas na execução do Programa da Patrulha Escolar são os (as) policiais e os (as) diretores (as) das escolas que acabam desenvolvendo uma série de conflitos em relação às suas competências de ação. Além disso, há situações de rompimento do programa devido às divergências de ambos os campos de atuação. Por

extensão, as gestões escolares também são criticadas por não desenvolverem ações mais rígidas e controladas para coibir os atos violentos dos alunos. Contudo, quando realizaram avaliações do desempenho do programa no cumprimento dos objetivos para diminuição da violência escolar foi apontado, sobretudo, a falta de articulação e desenvolvimento de trabalhos conjuntos entre as escolas, a Patrulha Escolar e a comunidade. Assim, mesmo sabedores dos problemas presentes na operacionalização do programa, ainda não se consegue superar as ações fragmentadas no enfrentamento da violência escolar. O programa possui uma concepção que envolve um trabalho em redes de atores e uma visão ampla das relações entre o espaço escolar e o espaço urbano, mas, o que tem se desenvolvido são ações isoladas e de pequena efetividade, acarretando num quadro de frustrações entre os profissionais envolvidos.

2.3.1 As Relações entre a Escola e a Patrulha Escolar na Visão dos Educadores.

A avaliação dos educadores sobre o aumento da violência urbana e o crescente envolvimento de jovens e adolescentes estrutura-se em torno de categorias discursivas diferentes das constatadas pelos policiais. Em 32% das evocações sobre o tema, são referenciados os problemas de ordem social e econômica que fazem parte da vida dos adolescentes que cometem atos violentos. Tais problemas estão também relacionados com as desigualdades de distribuição de renda e acesso aos bens urbanos. Como observado no trecho da entrevista que segue.

O problema está no social e no econômico vivemos numa sociedade com graves problemas econômicos. A maioria dos nossos alunos são de famílias pobres, muitos sem perspectiva, visão de um mundo melhor e de uma condição de vida adequada. Enquanto nossa sociedade estiver assim digamos “doente”, nossas crianças e adolescentes acabam sendo influenciados. (Entrevista com RE3⁶, em 19/11/07).

A família, concebida como desestruturada, representa 29% do total das evocações sobre as razões do aumento da violência com envolvimento de adolescentes. A concepção de desestruturação familiar, na visão dos educadores, está relacionada à perda de referencial de

⁶ Com o objetivo de proteger as identidades das fontes entrevistadas, optou-se em utilizar códigos fictícios em abreviaturas acompanhadas por um número: RE1, RE2, RE3 e RE4.

valores na vida de crianças e adolescentes. A influência da mídia representa 22,5% das evocações que se referem aos meios de comunicações como internet e televisão que, segundo os educadores, acabam influenciando no envolvimento de adolescentes em atos de violência, já que estes, não sabem filtrar as informações disponíveis. Já a falta de limites e imposições por parte da sociedade foram citados em 16,5% das evocações.

A opinião dos educadores sobre o Programa da Patrulha Escolar é majoritariamente negativa, com 69,24% das evocações. Os apontamentos negativos evidenciaram problemas na execução das ações no cotidiano escolar, avaliaram a formação imprópria (militar e não educacional) e a demora no deslocamento até a escola quando acionados. No total de 30,76% das evocações caracterizaram como positivamente e comentaram como sendo parcerias entre a escola/polícia e sociedade/polícia e com funções de averiguação e aconselhamentos.

Ao analisar os discursos feitos pelos policiais e educadores, observa-se divergências nas ações tanto da escola como dos policiais. Nas entrevistas com os policiais, esses criticaram a dificuldade da escola em resolver questões simples de indisciplinas sobrecarregando seus trabalhos e perda de tempo no deslocamento até o local, os quais poderiam estar resolvendo casos mais graves em outras escolas. A perda de tempo justificado pelos policiais é referenciado pelos educadores na demora no atendimento. Quanto à formação inadequada dos policiais avaliados pelos educadores, nos apontamentos dos policiais há soldados com formação na área da educação para facilitar a execução de suas ações, entretanto, para os educadores isso é insuficiente como observado no trecho da entrevista que segue.

Há policiais com formação superior em educação, mas por serem policiais acabam desviando o que é ser educador como lidar com os alunos, sem maus tratos, saber orientá-los. Se a escola torna-se violenta não haverá referencial para os alunos.
(Entrevista com RE2 em 17/09/07).

Na visão da escola quanto ao seu desempenho para cumprir com os objetivos da diminuição da violência escolar, expressaram em 77,80% das evocações em ações desenvolvidas consideradas para os educadores como positivas. Dessas se referem como desempenhos positivos o uso do regimento escolar, o qual é passado para os alunos onde são referenciadas todas as normas e regras da escola sendo este reestruturado todo ano conforme sua necessidade, o controle de entrada e saída dos alunos por intermédio de carteirinhas de identificação e bilhetes ou atestados justificando os atrasos e realizações de palestras com colaboradores externos abordando a temática da violência. Contudo, citaram também

desempenhos negativos com 22,20% das evocações, em ações que não se concretizam. Desses apontamentos se referem às reuniões pedagógicas realizadas com os pais na tentativa de trazê-los para participarem mais da escola e discutirem sobre a problemática vivenciada no cotidiano escolar, entretanto, na visão dos educadores esta ação não vem surtindo efeito pela falta de comparecimento dos pais nas reuniões mesmo realizando estas em horários de contra turno que não comprometam ao horário de trabalho dos mesmos. Referenciaram também como ação negativa a necessidade de ter maior engajamento por parte do corpo docente da escola em desenvolver projetos sociais como forma de aproximar mais a comunidade escolar

Quando instigados a falar sobre as dificuldades das escolas no combate a violência, os educadores comentaram da dificuldade de conhecer os alunos que são procedentes de localidades muito distintas, em 30,76% do total das evocações. Como observado no trecho na entrevista abaixo.

A dificuldade é que o colégio está situado numa região, rodeada por vários bairros, recebemos alunos de diversas áreas, onde seus moradores são na maioria da classe pobre e o colégio acaba sendo o ponto de encontro entre os adolescentes que vem dessas várias localidades. Temos 1.700 alunos nos três turnos são muitos alunos e apesar dos esforços é difícil combater a violência. (Entrevista com RE3 em 19/11/07).

Alegam que trabalham com um universo de pessoas muito heterogêneo em termos de recursos econômicos e diferentes valores culturais. Em 23,07% das evocações os educadores evidenciaram a perda dos princípios morais como o respeito pelo outro, solidariedade, companheirismo, compaixão etc. Esses princípios para os educadores estão perdidos na sociedade como um todo e a escola tenta resgatá-los, entretanto reconhecem sua fragilidade nesta missão. As referências à falta de colaboração das famílias na educação dos adolescentes são resgatadas por 15,38% das evocações e o trabalho isolado de funcionários representa 15,38%. Além da falta de trabalhos conjuntos verificados pelos educadores referenciaram também em 15,41% das evocações a falta de comprometimento da escola em reavaliar seus valores e seu principal papel de formação social.

Quanto à reação dos alunos com a intervenção da Patrulha Escolar nas escolas, os educadores consideram que os alunos têm medo em 66,67% das evocações e resgatam o respeito aos policiais em 33,33%. Para os educadores, a reação de receio e medo dos alunos na presença dos policiais na escola é por saberem que se fizerem algo errado, vão para a delegacia. Esta visão dos educadores contradiz a filosofia de atuação da patrulha escolar, conforme os apontamentos dos policiais feitos nas entrevistas, de ter um perfil mais de

aconselhamento e mediador de conflitos do que repressivo.

Ao instigarem a falar dos atos mais comuns que recorrem ao atendimento da Patrulha Escolar, citaram recorrer em casos mais graves em 52,95% das evocações. Desses atendimentos consideram graves como a desconfiança de porte de armas brancas e de fogo e denúncias de uso e tráfico de drogas. Entretanto, referenciaram também em 47,05% das evocações em situações conflituosas como ameaças, brigas e agressões físicas seguido de lesão corporal.

Na reflexão dos educadores quanto às mudanças comportamentais de formas violentas entre os gêneros, evidenciaram em 58,33% das evocações maior expressividade entre as meninas. Justificaram que observam as meninas mais agressivas devido à mudança de idade da infância para adolescência e a própria revolução entre as mulheres que ocorrem na sociedade contemporânea de não serem mais taxadas como ingênuas e comportadinhas, como visto no trecho da entrevista.

Observo mudanças comportamentais entre as meninas que estão querendo se “masculinizar”, em termos de agressividade querem equiparar-se pela força dos meninos, querem dessa forma chamar a atenção dos meninos que elas não são ingênuas e se precisar como elas mesmo falam “partem para porrada”. (Entrevista com RE2 em 17/09/07).

Nesta mesma categoria de exploração, comentaram em 41,67% haver mudanças comportamentais entre os meninos. Para os educadores, as ações violentas são por motivos que não variam, entretanto o que muda são as formas violentas de agressividade.

Na visão dos educadores, a localização da escola junto às praças, bares, *lan houses* e terrenos baldios são fatores importantes da violência escolar em 77,77% das evocações e apenas 22,23% das evocações, é lembrada a proximidade de comunidades carentes. Os educadores consideram que no interior das escolas são mais comuns atos violentos como brigas e lesão corporal e na parte externa há supremacia de brigas, tráficos de drogas e consumo de bebida alcoólica. Quando indagados a falar sobre a efetividade do Programa da Patrulha Escolar no desempenho de seus objetivos, as falas dos educadores têm uma posição negativa em 66,66% das evocações. Desta posição, argumentaram problemas na formação imprópria dos policiais para o exercício profissional na escola e troca constante do efetivo policial que fazem o patrulhamento da área em que a escola se encontra. Como observado no trecho da entrevista abaixo.

É um trabalho conjunto entre escola e polícia, entretanto, observo muitas trocas do

efetivo dos policiais, às vezes, têm policiais bem agradáveis de conversar e lidar, mas têm muitos que acho que estão ali apenas para cumprir suas funções, mas que parecem que não são felizes com o que fazem e ficam irritados com certas situações que devem enfrentar, deve haver mais comprometimento independente de trocas das equipes de atendimento. (Entrevista com RE4 em 22/10/07).

Contudo, referenciaram em 33,34% das evocações como positivamente como parcerias entre as escolas, entretanto afirmaram que há necessidade de melhorias nos propósitos e ações do Programa. Na visão dos educadores as mudanças são no sentido de rever seus objetivos de atuação para o atendimento de um público considerado diferente formado por crianças e adolescentes e que as medidas devem ser tomadas de acordo com essa faixa etária como forma de não agredir psicologicamente os alunos, para que esses não tenham uma visão da escola como repressiva e agressiva.

Enfim, a relação entre escola e a polícia, refletida em 127 evocações que compõem o discurso dos educadores no enfrentamento da violência escolar evidencia que há divergências de compreensão sobre o fenômeno e, segundo eles, os problemas estão centrados nas estruturas sociais e econômicas e no despreparo dos policiais na execução do programa. É interessante ressaltar que em nenhum momento os educadores apontaram para os aspectos didáticos da escola, realizados por parte do corpo de funcionários e servidores da escola.

Este capítulo evidenciou as relações entre a Escola, a partir do ponto de vista dos educadores e Patrulha Escolar sob a perspectiva dos policiais. A análise empreendida caracteriza que ambos os agentes apresentam grande insatisfação com relação ao desempenho cotidiano do Programa no combate à violência escolar, embora reconheçam o mérito dos objetivos do projeto. Contudo, um projeto desta envergadura, que necessita construir ações integradas, depende de longo tempo de formação e de criação de valores e trabalhos conjuntos, o que não foi verificado pelo discurso de ambos os grupos. Pelo contrário, quando cada uma das partes era levada a refletir sobre os problemas enfrentados, as referências negativas eram sempre cruzadas. Ou seja, a escola aponta para a polícia e a polícia aponta para a escola os fatores negativos que impedem a efetividade do Programa da Patrulha Escolar. Trata-se de um interessante objetivo que, na prática, ainda necessita de muitos ajustes a fim que construir uma comunidade escolar integrada com a polícia e que realize o trabalho de prevenção em detrimento à repressão.

CAPÍTULO 3

ESPAÇO ESCOLAR COMO ELEMENTO DE ENCONTROS E CONFLITOS SOCIOESPACIAIS NA INSTITUIÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA

O presente capítulo tem por objetivo evidenciar a concepção dos alunos sobre a violência escolar. Primeiramente, é explorada a visão dos alunos da violência promovida no contexto intra-escolar e das relações interpessoais com colegas, corpo docente, direção e coordenação das instituições de ensino. No segundo momento, são analisadas as experiências da violência sofrida e cometida no espaço escolar, evidenciando que o espaço escolar é instituído pela violência urbana, assim como a institui de forma simultânea e complementar. As possibilidades de mudanças estão calcadas em ações que contemplem a escola para além de seus muros e ao mesmo tempo produtora de um espaço singular de diálogo, reflexão e ações transformadoras da situação social.

3.1 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE RELAÇÕES SOCIAIS CONFORME A VIVÊNCIA DO GRUPO SOCIAL INFANTO-JUVENIL.

A escola faz parte da vida cotidiana de crianças e adolescentes tendo como função principal a educação como elemento fundamental de socialização e conscientização. Na construção de sujeitos autônomos, críticos e atuantes que contribuam para a transformação de uma sociedade mais justa, digna e democrática como referenciado no primeiro capítulo neste trabalho por autores como Mochcovitch (1990), Saviani (1991) e Gandin (1997).

Entretanto, a escola atualmente não é compreendida apenas pelo modelo social evidenciado, mas entendida também como espaço tenso e permeados de conflitos, pois atende uma população heterogênea de origens sociais distintas com bagagens culturais diversas como referenciados por Peralva (1995) e Spósito (2001). Mas, para além dessa pluralidade de compreensões que a escola possa trazer, o que é comum à população frequentadora da escola é a necessidade de interação social através do conhecimento e o preparo profissional para o

exercício social produtivo.

Com a finalidade de compreender a percepção dos alunos das complexas relações sociais existentes no contexto intra-escolar a das experiências de violência sofridas e cometidas no espaço escolar foram realizadas 360 entrevistas aos alunos através de questionários não identificáveis, com questões fechadas e abertas, conforme o roteiro do anexo 3, nos quatro Colégios selecionados como objeto de estudo desta pesquisa Colégio Est. Regente Feijó, Colégio Est. Senador Correia, Colégio Est. Prof. João R. V. Borell Du Vernay e Colégio Est. Prof. Dr. Colares, abrangendo a faixa etária entre 11 e 17 anos de idade.

O grupo de estudantes que participou da pesquisa considera a qualidade das relações sociais vivenciadas no cotidiano escolar, com colegas, professores (as) e funcionários (as) “mais ou menos” em 64,54% dos casos. 22,13% das respostas refletem uma percepção de boa a ótima e apenas 12,5% consideram as relações escolares cotidianas péssimas e ruins, havendo ainda 0,83% de respostas em brancos ou nulos.

Enquanto o corpo funcional da escola não apresenta grande percepção de conflito devido à pequena frequência de contatos, o grupo de docentes é aquele que mais deflagra percepções negativas como pode ser visto na tabela 6. O cotidiano da relação entre estudantes e docentes é intensiva, tanto quanto com os colegas. Contudo, a posição de docente traz o elemento do poder que deflagra a tensão a ser administrada continuamente.

Tabela 6 – A qualidade das relações sociais presentes no contexto intra-escolar

	Péssima/Ruim	Mais ou Menos	Boa/Ótima	Brancos/Nulos
Relação entre estudantes	40	251	69	0
Relação com docentes	51	241	60	8
Relação com o corpo funcional da escola (diretoria, pedagogia, inspetoria, zeladoria, etc.)	44	205	110	1
Total	135	697	239	9

Fonte: Pesquisa in loco com alunos em novembro de 2008.
Org. IAROCZINSKI, A., (2008).

Guimarães (1996) ao analisar a conduta docente em sala de aula argumenta que há um papel que segue uma posição normalizadora e planificada. O (a) professor (a) tende a agir de forma indiferenciada pelo controle totalitário e busca eliminar os conflitos interpessoais. Esta busca de neutralidade tem sido marcada pela indiferença que acaba por resultar em relações

instáveis já que é na sala de aula que ocorre encontro de seres que possuem objetivos e contextos distintos. A autora lembra que muitas vezes o aluno apresenta uma conduta condizente com suas vivências fora do ambiente escolar que entram em conflito com as condutas docentes. O encontro destas condutas são mais conflituosas quanto mais repressivas, autoritárias e impositivas forem as ações docentes, já que os (as) estudantes, enquanto grupo tendem a se defender através de ações violentas.

A escola é um espaço em que o encontro de docentes e estudantes, segundo Guimarães (1996), revela toda sua ambigüidade já que combina integração e rejeição, produzindo relações tensas, permeadas pelos jogos de poder em que cada grupo desenvolve as táticas que mais domina como a autoridade institucional da figura do (a) professor (a) e a rebelião por parte dos (as) alunos (as).

A escola é uma instituição regida de normas estabelecidas por órgãos externos a ela que lhe confere certo grau de normalização e generalização, como o Ministério da Educação e, no caso das instituições estaduais, foco deste estudo, há também o Governo do Paraná, juntamente com suas secretarias estaduais e os núcleos regionais que coordenam a organização tanto o físico-estrutural como o político-pedagógico das escolas.

Os padrões instituídos são mediados pelas singularidades que constituem os diferentes espaços escolares. Cada escola possui elementos diferenciados como identidades culturais, localização, processo histórico, arquitetura e notadamente pessoas que desempenham os diversos papéis escolares como professores, alunos, diretores, funcionários e comunidade.

São estes elementos relacionados que fazem de cada escola um espaço único. As relações sociais presentes no cotidiano escolar, criam e assimilam regras que melhor atendam as suas necessidades individuais de acordo com sua dinâmica interna, criando assim seu próprio sistema de normas e valores.

Saviani (1991) acredita que toda esta combinação de elementos deve ser compreendida para que a gestão do espaço escolar crie dinâmicas sociais positivas e menos conflituosas. Segundo ele, há necessidade de construir caminhos conjuntos para a construção de uma escola democrática e participativa que integre a vida de seus sujeitos.

Agregados aos elementos que cotidianamente estão presentes e constituem o espaço escolar está a Patrulha Escolar nas escolas da rede estadual de ensino do Paraná em cidades de médio e grande porte.

A presença da Patrulha Escolar nas quatro escolas pesquisadas remete a discussão já efetuada, da identidade que estas possuem. Dessa forma a Patrulha Escolar é mais um componente social que vai compor as relações sociais presente no cotidiano escolar. Os

apontamentos dos alunos quanto à atuação, a relação entre os alunos e a presença da Patrulha Escolar no espaço escolar são evidenciados na tabela 7.

Tabela 7 – As relações sociais entre estudantes e policiais da Patrulha Escolar

	Péssima/Ruim	Mais ou Menos	Boa/Ótima	Branco/Nulos
Opinião a respeito da Patrulha Escolar	96	156	108	0
Opinião a respeito da reação de estudantes na presença da Patrulha Escolar	110	185	60	5
Avaliação da relação entre estudantes e policiais	149	154	57	0
Avaliação da atuação dos policiais na escola	100	169	87	4
Total	455	664	312	9

Fonte: Pesquisa in loco com alunos em novembro de 2008.
Org. IAROCZINSKI, A., (2008).

A opinião dos alunos sobre as relações entre eles e a Patrulha Escolar possui apenas 21,67% de respostas que consideram a relação positiva, ou seja, boa ou ótima. O peso maior está nas categorias de “mais ou menos” com 46,11% e 31,60% como “péssima e ruim”, havendo ainda 0,62% de respostas em brancos ou nulos. Resgatando o objetivo do programa do Governo do Estado que é a construção de uma relação de confiança e segurança, pode-se afirmar que há uma contradição entre o que se preconiza com o programa e aquilo que é vivido pelo corpo discente das escolas.

Além disso, cabe lembrar que o programa, como analisado no capítulo anterior, não é avaliado de forma satisfatória nem pelos (as) policiais e nem pelas direções das escolas. É curioso como o programa em sua concepção é plenamente aceito e desejado, mas em sua execução ocorrem muitas fraturas e emergem elementos de difícil contorno como a superação do significado repressor da polícia desenvolvido pelo corpo discente. A função mediadora que a patrulha escolar tem como objetivo cumprir, conforme o programa estadual acaba por ser reconhecida por um percentual pequeno de estudantes.

3.2 A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO PROMOTOR DA VIOLÊNCIA.

Compreender a escola em suas peculiaridades e diferenças permite perceber as ações que se manifestam no seu interior. Neste contexto, a percepção de seus atores sociais, responsáveis por essas manifestações, envolvendo ações violentas e conflituosas são fundamentais. Quanto à percepção dos alunos da existência da violência em sua escola 71,12% das respostas apontaram positivamente enquanto 28,88% negaram sua existência. Dessa forma a maioria dos alunos das quatro escolas pesquisadas já vivenciaram a violência em suas escolas.

A presença da violência simbólica, como referenciado por Abramovay (2002) neste trabalho, que é praticada por humilhações ou por atos de marginalização e discriminação, foram citadas em 45,55% das respostas como agressão verbal sofrida por parte dos alunos e 54,45% se manifestaram negativamente. Quando questionados a responder se foram autores de agressões verbais na escola, 45,56% dos entrevistados responderam que sim e 54,44% responderam negativamente à questão.

As agressões verbais, portanto, fazem parte do cotidiano escolar e revelam um contexto de relações tenso e pouco propício à criação de um ambiente de produção de conhecimento, já que a exposição através de perguntas aos professores pode ser motivo, chamar a atenção sobre si ou ainda provocar polêmicas na sala de aula.

Os roubos são violências comuns nas escolas. Em 75,55% das respostas obtidas há uma confirmação da existência da prática do roubo nas escolas e apenas 24,45% das respostas negaram haver este tipo de violência. Desta categoria 78% afirmaram terem sido roubados na escola e com 22% das respostas afirmaram serem autores dos roubos.

Sobre a presença de armas na escola 64,7% dos questionários apresentaram respostas negativas. Ou seja, nunca presenciaram qualquer tipo de arma no espaço escolar e 35,3% confirmaram terem presenciados os mais variados tipos. Nos questionários respondidos positivamente sobre a presença de armas, houve a ocorrência de 72 questionários apontando para a presença de canivetes, 57 de facas, 20 armas de fogo e 18 de punhais, como observado no gráfico 16.

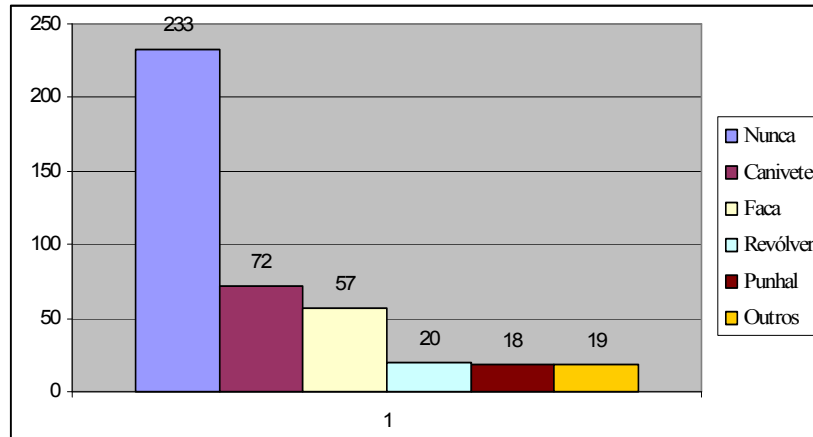


Gráfico 16 – Presença de armas na escola

Fonte: Pesquisa in loco com estudantes em novembro de 2008.

Org. IAROCZINSKI, A., (2008).

Quando questionados se eram autores do ato de levar a arma para dentro da escola, surpreendentemente 9 questionários revelaram que os (as) alunos (as) entraram com facas, 9 com canivetes, 5 com punhais e 3 com armas de fogo, como observado no gráfico 17.

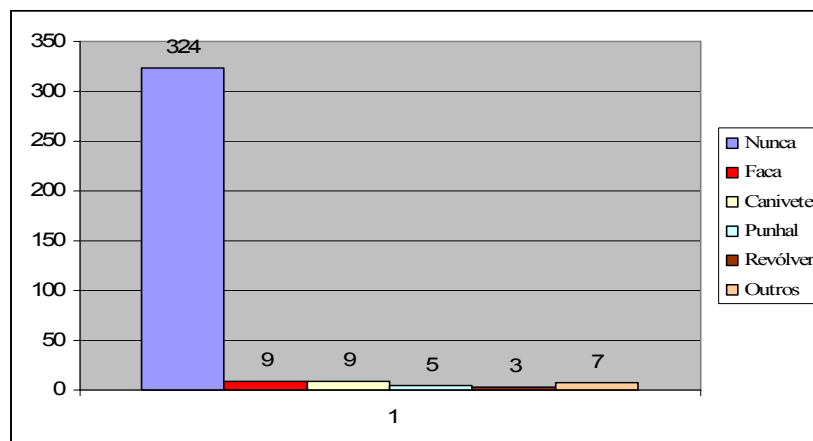


Gráfico 17 – Entrou com armas na escola

Fonte: Pesquisa in loco com estudantes em novembro de 2008.

Org. IAROCZINSKI, A., (2008).

Embora os questionários fossem anônimos é comum que as pessoas tenham receio em confessar atos infracionais ou ilícitos com medo de serem descobertos. Mesmo assim, houve posicionamentos de afirmação do ato infracional, o que provocou certa surpresa, embora que a diferença entre os números apontados nos gráficos 16 e 17 evidencie uma grande diferença entre as respostas positivas e negativas da presença de armas na escola e da autoria do ato de

levar a arma para dentro do ambiente escolar.

A presença de drogas nas escolas onde estudam é afirmada por 61% dos questionários. Apenas 39% afirmaram não ter presenciado drogas no contexto escolar. Entre os questionários com respostas positivas foram referenciadas 139 respostas apontando a maconha, 107 respostas positivas para bebidas alcoólicas, seguidas de respostas que citaram o cigarro, crack e a cocaína, como observado no gráfico 18.

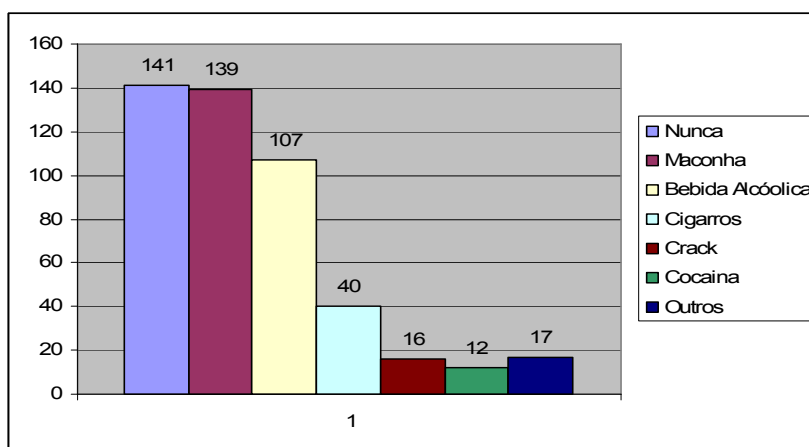


Gráfico 18 – Presença de drogas na escola

Fonte: Pesquisa in loco com estudantes em novembro de 2008.

Org. IAROCZINSKI, A., (2008).

A presença de brigas e agressões é afirmada positivamente por 81,25% dos questionários e apenas 18,75% das respostas negaram a existência. O discurso dos alunos sobre as razões de brigas e agressões envolvendo estudantes do sexo masculino é focado em provocações sistemáticas envolvendo 44,29% dos questionários. As provocações sistemáticas são atos repetitivos envolvendo várias práticas como empurrões, expressões faciais, fofocas e comentários depreciativos dos mais tímidos e daqueles considerados inferiores ou ainda inimigos, demonstração de força física daqueles que se consideram superiores aos demais.

Os atos repetitivos de provocações tendem por constituir a necessidade de agrupamentos, pois o isolamento é sinal de fragilidade e um fator propício para tornar-se vítima. As alianças acabam por criar grupos rivais em que cada um dos membros é protegido e ao mesmo tempo deve ser leal aos companheiros e reconhecer as lideranças. Jamais delatar uma infração de alguém e ser fiel no envolvimento de brigas para proteger companheiros de agressões ou ameaças. O simples fato de “não ir com a cara do outro” possui elementos de rivalidade que são crescentes na dinâmica do convívio escolar e pode desencadear agressões violentas, como visto na fala do estudante. “Os motivos são por não irem com a cara do outro, só porque o cara fica na dele e não se envolve, por andar de achando melhor que outros e por

brincadeiras idiotas ou também por alguma coisa que ocorreu fora da escola.” (Pesquisa in loco com estudantes em 11/11/08).⁷

A forma de intimidar e controlar as relações de poder, pelos grupos⁸, no convívio do cotidiano intra e extra-escolar, avalia-se a partir de ações simbólicas de poder, como referenciado por Tibas (2005) e Hall (1998), neste trabalho, os quais fazem referência às manifestações da construção das identidades culturais entre os indivíduos. Estas manifestações estão relacionadas ao processo da construção de suas identidades na fase infanto-juvenil que as definem a partir de legados e valores adquiridos a partir de suas vivências espaciais.

A disputa de meninas e os ciúmes foram referenciados em 30,71% dos questionários, podendo ser ilustrada pelo trecho do depoimento que caracteriza o perfil de respostas encontrado. “Brigam por qualquer motivo, mas o principal motivo de entrarem na pancada na maioria das vezes é por causa de meninas ou para defender suas namoradas das cantadas de outros caras.” (Pesquisa in loco com estudantes em 11/11/2008).

A rivalidade entre grupos, inclusive oriundos de diferentes vilas da cidade foi motivo revelado em 15,22% dos questionários. As agressões que são deflagradas por estes motivos têm sua origem geralmente fora do contexto escolar e a escola passa a ser o local de encontro e articulação espacial das disputas entre grupos que se identificam com determinadas áreas da cidade, conforme relatado pelo estudante. “Eles se olham torto e não vão com a cara do outro e brigam, geralmente os garotos de uma vila possuem rixa com os garotos de outra vila, e acabam vindo resolver na escola aí começa os desentendimentos com muita agressão.” (Pesquisa in loco com estudantes em 11/11/08).

As agressões desencadeadas por disputas de times de futebol adversários e outros tipos de competições compõem apenas 5,27% das respostas dos questionários e por fim, 4,51% de respostas envolvem o consumo de bebida alcoólica e drogas, bem como dívidas relativas à este perfil de consumo.

Quando solicitados a avaliarem as formas de agressões entre os meninos, expressaram em 68,75% das evocações como agressões físicas com chutes, socos, tapas, rasteiras e

⁷ Pesquisa in loco com questionários desenvolvidos com 360 alunos das quatro escolas pesquisadas no período de novembro a dezembro de 2008.

⁸ Foi optado neste trabalho o termo “grupo”, para definir a agregação de adolescentes envolvidos em ações infracionais. Para Abromovay (2002), o conceito de “gangues” é oriundo dos Estados Unidos, que significa grupos organizados, com históricos de atos e uma estrutura organizada em hierarquias. No Brasil este conceito foi empregado erroneamente para definir grupos “delinquentes”. Para Hall (1998) a identidade se modifica de acordo com o modo como o sujeito é tratado ou representado nas suas relações sociais. Construindo sua identidade cultural vinculado aos valores pertencentes a determinado grupo.

empurrões. Estas foram as mais citadas nas respostas como principais formas de agressões, como observado no trecho do relato. “Muitas vezes, por jogos, alguns já têm brigas entre vilas e vêm resolver na escola outras, por namoradas ou brincadeiras de mau gosto. Eles brigam com socos, chutes, tapas, rasteiras, empurrões, usam pedras, pedaços de pau ou que tiver na mão.” (Pesquisa in loco com aluno em 13/11/08).

A segunda principal forma com 15,78% das respostas evidenciou as agressões com a utilização de armas brancas como facas, canivetes e outros objetos como pedras, garrafas e pedaços de madeiras. Outra forma de agressão com 8,55% das evocações citadas foi com a presença de grupos que se reúnem, para defender seus amigos. Segundo os relatos dos alunos, esta forma de agressão é injusta por que geralmente são várias pessoas que agridem apenas uma, essa não tendo chance de se defender. Com 4,60% das evocações apontaram as agressões verbais. Segundo os relatos iniciam com xingamentos e palavras grosseiras que acabam como conseqüências as brigas. E a última forma apontada com 2,32% foi de derrubar o individuo no chão e pisar na cabeça. Para os alunos essa forma é a mais violenta, que geralmente são os grupos rivais que a utilizam como evidenciado no trecho da entrevista “eles brincam tentando derrubar o outro, se alguém cair praticamente já perdeu, pois os outros dão vários chutes e pisões na cabeça”. (Pesquisa in loco com estudantes em 02/12/08).

Sobre as razões que os (as) estudantes alegam sobre os motivos das brigas entre as meninas, 57,60% das evocações apontaram à disputa de meninos, como evidenciado no trecho relatado. “Principal motivo é disputa entre os meninos, por que outra ficou com ele. Uma menina namora com um rapaz aí o rapaz termina com ela e fica com o outro, a ex não aceita ver ele com a outra e parte para agressão.” (Pesquisa in loco com estudantes em 11/11/08).

Com 17,97% das evocações retiradas dos questionários desenvolvidos junto ao corpo discente, estão o ciúme e a inveja como motivos de brigas entre estudantes do sexo feminino. Estes sentimentos são despertados pela competição em torno da beleza física, do vestuário e de sua capacidade de atração do grupo ou de sua popularidade no grupo de estudantes, como observado no trecho da resposta. “Ciúmes mesmo, por que aquela é mais bonitinha que a outra esta mais arrumada e chama mais atenção para os caras. Não vai com a cara da outra e por outras coisas mais, aí partem para briga mano a mano na maior baixaria”. (Pesquisa in loco com aluno em 02/12/08).

As provocações sistemáticas também são motivos de agressões entre as meninas em 16,19% dos questionários e são caracterizadas por atos repetitivos de expressões faciais de desprezo, desaprovação ou de rejeição, acompanhados muitas vezes por xingamentos, fofocas e comentários depreciativos.

O associativismo ou a formação de grupos que exigem lealdade e cumplicidade é apontado por 3,87% das evocações expostas nas respostas dos questionários que estão associadas às práticas de delitos ou de defesa de alguma agressão sofrida por alguma pessoa do grupo de meninas.

O uso não permitido de objetos pessoais é comentado em 2,83% das evocações sobre os motivos de brigas entre as meninas e envolve o uso de peças de roupas e maquiagens e com apenas 1,54% das evocações são citadas às rixas e rivalidades ocorridas fora da escola como em locais de moradias, clubes e danceterias.

Quando instigados a responder sobre as formas de agressões entre as meninas o grupo de estudantes apontou com 87,10% das evocações puxões de cabelos, arranhões, tapas, chutes, socos, mordidas e empurrões, como observado no depoimento de um (a) estudante: “Tem algumas que se acham demais, são metidas e se acham mais que as outras. Briga básica, puxam os cabelos, empurrões, chutes, tapas na cara e unhas para todo que é lado”. (Pesquisa in loco estudante em 04/12/08).

A segunda principal forma destacada pelos (as) alunos (as) são as agressões verbais em 7,05% das evocações. Segundo os relatos a agressividade verbal está relacionada, em geral, à moral sexual feminina. Em apenas 3,51% das evocações há relatos de organização de agressões em grupos organizados de meninas e em apenas 2,34% das evocações aparecem o uso de armas como canivetes, facas, pedras e pedaços de madeira.

Ao comparar os motivos de agressão do universo feminino e masculino pode-se afirmar que enquanto o universo masculino gira em torno da conquista de prestígio e poder pela superioridade física e da conquista feminina, trazendo elementos de honra, lealdade e apego ao domínio territorial, o universo feminino de disputas gira em torno do controle do masculino, trazendo elementos individuais como ciúmes e inveja, evidenciando práticas pouco associativas e mais individualizadas.

Enfim, os elementos envolvidos nos conflitos de meninos e meninas são diferenciados e possuem dinâmicas específicas. Há diferenças marcantes, pois entre os meninos ocorrem disputas e rivalidades pelo poder de controle dos espaços e as meninas agem de forma mais pulverizada. Isso evidencia uma forte identidade masculina do controle do espaço público, desenvolvendo a identidade “da vila”, enquanto as meninas desenvolvem a relação com o espaço privado, pois é bastante comum a proibição da presença das meninas nas ruas, muito diferente do trato familiar com os meninos. Já as formas de expressão de agressões são mais fortes e de conseqüências mais graves entre estudantes do sexo masculino do que entre as meninas.

3.3 EXPERIÊNCIAS INFANTO-JUVENIS: ESPAÇO ESCOLAR COMO INSTITUIDOR E INSTITUINTE DA VIOLÊNCIA URBANA.

Nesta pesquisa a escola é compreendida como componente da cidade. Apesar da escola e da cidade demandarem escalas de análise diferentes e também possuírem características específicas, há uma permeabilidade de relações sociais que fluem e refluem pelas fronteiras que separam o espaço escolar do espaço urbano. Neste sentido a escola acaba sendo um campo de lutas entre grupos que se aliam e trazem essas relações que estão de fora, promovendo confrontos entre as regras impostas pelas instituições escolares e as identidades, valores e culturas que foram construídas distantes de seus muros, num embate de forças antagônicas. Neste sentido, segundo Guimarães (1996 p.77).

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência e de conflitos advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina.

Nesta mesma linha de análise Aquino (1998, p.10), afirma que:

Não é possível sustentar categoricamente que a escola tão somente reproduz vetores de forças exógenas a ela. É certo, pois que algo de novo se reproduz nos interstícios do cotidiano escolar, por meio da (re) apropriação de tais vetores de fora, por parte de seus atores constitutivos e seus procedimentos instituídos/instituintes.

Os apontamentos de Guimarães (1996) e Aquino (1998) evidenciam que as relações sociais presentes no contexto escolar são diversificadas. E que cada instituição possui sua particularidade e que nem sempre os mesmos mecanismos de gerenciar funcionam por completos, pois seus atores constitutivos possuem formas, referenciado por Aquino (1998) como vetores que dão sentido a escola de maneiras diferenciadas com seus propósitos e objetivos. Contudo, nem sempre são levadas em consideração a diversidade e as características de sua clientela.

As relações sociais internas na escola são complexas, e essas extrapolam o contexto escolar, que foram construídas na relação entre alunos com outros adolescentes de que convivem no mesmo espaço de moradias. Entretanto, na escola esse sujeito é tratado como aluno, porém não visto como uma pessoa que vem com essas relações de identidades externas.

O espaço urbano, compreendido segundo Corrêa (2000 p.145) é visto, enquanto subjetivação geográfica do estudo da cidade apresenta, simultaneamente, várias características “[...] é fragmentado e articulado, reflexo e condição social, e campo simbólico e de lutas”. Para o autor o espaço urbano pode ser assim submetido a diferentes análises evidenciando suas riquezas de abordagens, é neste sentido que esta pesquisa aborda o espaço escolar como reflexo e condições social presente no espaço urbano de Ponta Grossa e também um campo de lutas sociais.

A escola é local considerado protegido, por meios de mecanismo de ações da direção no gerenciamento de conflitos existentes no seu interior. Entretanto, fora de seu contexto escolar esses vão mediar relação de conflito (de alunos de dentro e de fora). Dessa forma a escola ao mesmo tempo promove a vigilância de seus alunos, mas sua fronteira é permeável que acaba agregando relações que estão fora de seu contexto⁹.

Nas imediações do Colégio Estadual Regente Feijó constatou-se que há maiores concentrações de adolescentes, sendo mais expressiva a presença de pessoas do sexo masculino. O cartograma abaixo evidencia os locais em que ocorrem as concentrações de adolescentes no entorno da escola.

⁹ Durante os meses de outubro e novembro de 2008 foram realizadas 16 observações nas quatro escolas foco desta pesquisa, Colégio Estadual Regente Feijó, Colégio Estadual Senador Correia, Colégio Estadual Prof. João R. V. B. Du Vernay e Colégio Estadual Prof. Dr. Colares. Neste período foram privilegiados os pontos de encontros entre grupos de alunos e não alunos nas proximidades das escolas, nos horários de entrada e saída dos estudantes.

pontos de apoio para a compra de alimentos e bebidas.

O Colégio Estadual Senador Corrêa está localizado em área com organização espacial estratégica como a presença da Praça Floriano Peixoto em frente a Catedral Santana, o que facilita a concentração de adolescentes conforme cartograma que segue. A Praça Floriano Peixoto cumpre também a função de suporte para o confronto de grupos de adolescentes rivais e consumo de drogas e álcool, tal como já constatado na dinâmica da Praça Barão do Rio Branco. Há também um local de referência para os adolescentes que é um estabelecimento de comércio de bebidas alcoólicas, conforme pode ser visto no cartograma que se segue.



Figura 5 - Cartograma da localização do colégio Estadual Senador Corrêa e de locais de referência entre os adolescentes.

O Colégio Estadual Prof. João R. V. B. Du Vernay possui áreas livres em seu entorno que servem de referência para conflitos entre grupos de adolescentes. Ao lado do colégio há um campo de futebol abandonado com as grades de proteção danificadas que acabou sendo apropriado pelos adolescentes, seguido de um terreno baldio localizado atrás do colégio, como pode ser visualizado no cartograma a seguir.

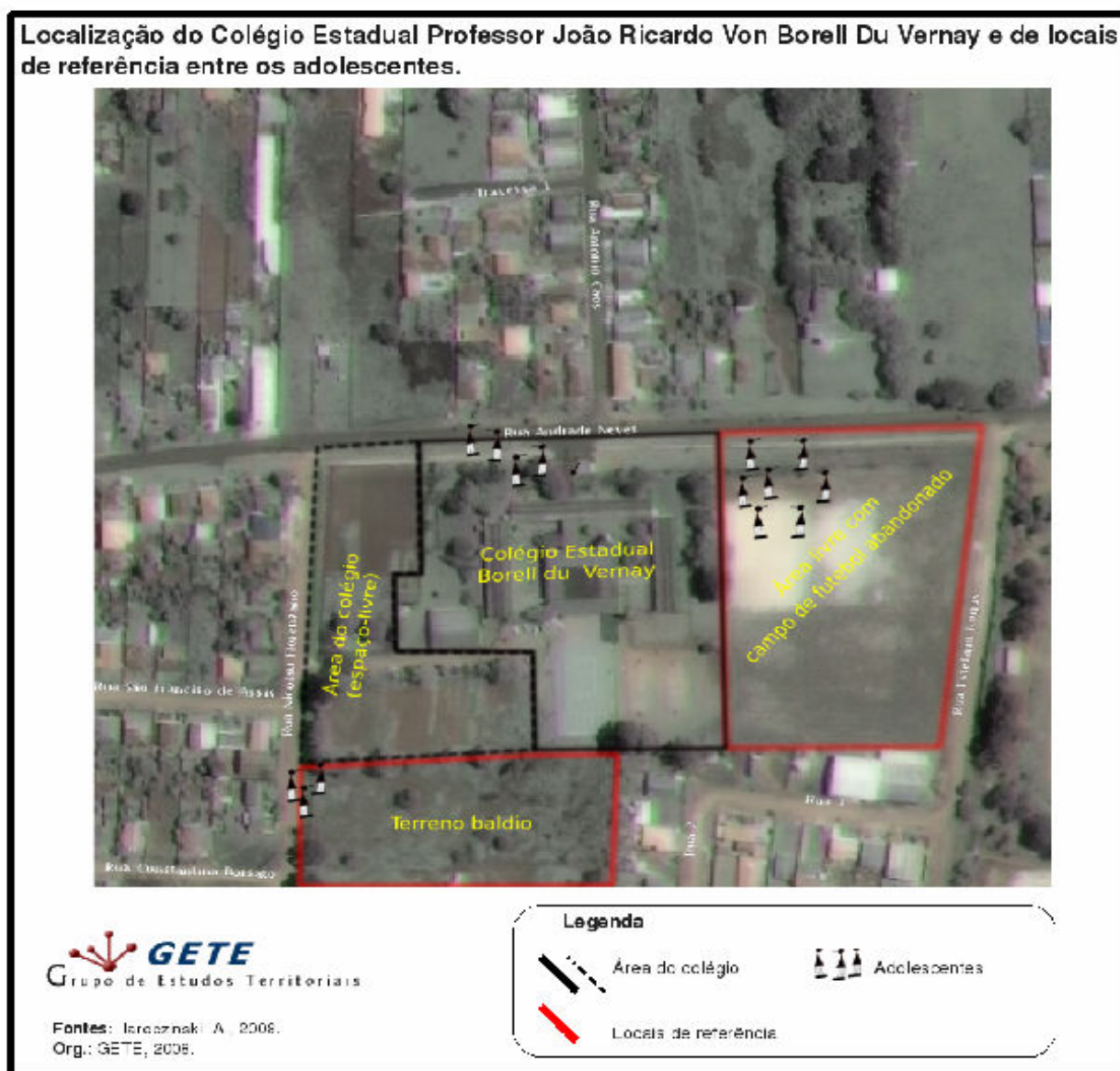


Figura 6 - Cartograma da localização do colégio Estadual Professor João Ricardo Von Borell Du Vernay e de locais de referência entre os adolescentes.

As áreas livres no entorno do Colégio Est. Prof. João R. V. B. Du Vernay são elementos de preocupação do corpo de policiais do Programa da Patrulha Escolar. Os locais são apropriados pelos adolescentes e favorecem a manifestações de violência e são os

principais pontos de encontro de grupos rivais para resolver seus conflitos trazidos também de áreas externas à escola como disputas entre as vilas próximas, como pode ser evidenciado no trecho da entrevista abaixo:

A principal causa notificada no Colégio Est. Prof. João R. Von Du Vernay, refere-se ao entorno da escola, com a presença de lotes baldios e a comunidade pobre que mora próxima. Fizeram um caminho pelo qual as pessoas que saem da comunidade passem pela escola. Essa escola precisa de melhoramentos em termos de infraestrutura, essa movimentação de pessoas causam problemas a escola e geram conflitos. (Entrevista com PM3 em 18/09/07).

A localização da escola junto aos terrenos baldios apropriados por grupos de adolescentes também é um problema apontado pelos (as) educadores (as) que acrescentam também a presença de uma população extremamente carente e conflituosa residindo no entorno do prédio escolar que acaba por influenciar nas relações dentro e fora do espaço escolar conforme o relato que segue: “o colégio está situado numa região extremamente carente que é considerada violenta e conflituosa e também a presença de terrenos baldios aos arredores do colégio, a violência ocorre principalmente à noite onde ocorrem os assaltos.” (Entrevista com RE3 em 19/11/07).

Os espaços apropriados por adolescentes no entorno do Colégio Est. Prof. Dr. Colares são os estabelecimentos de comercialização de bebidas alcoólicas e de jogos eletrônicos como evidenciado na imagem que segue.

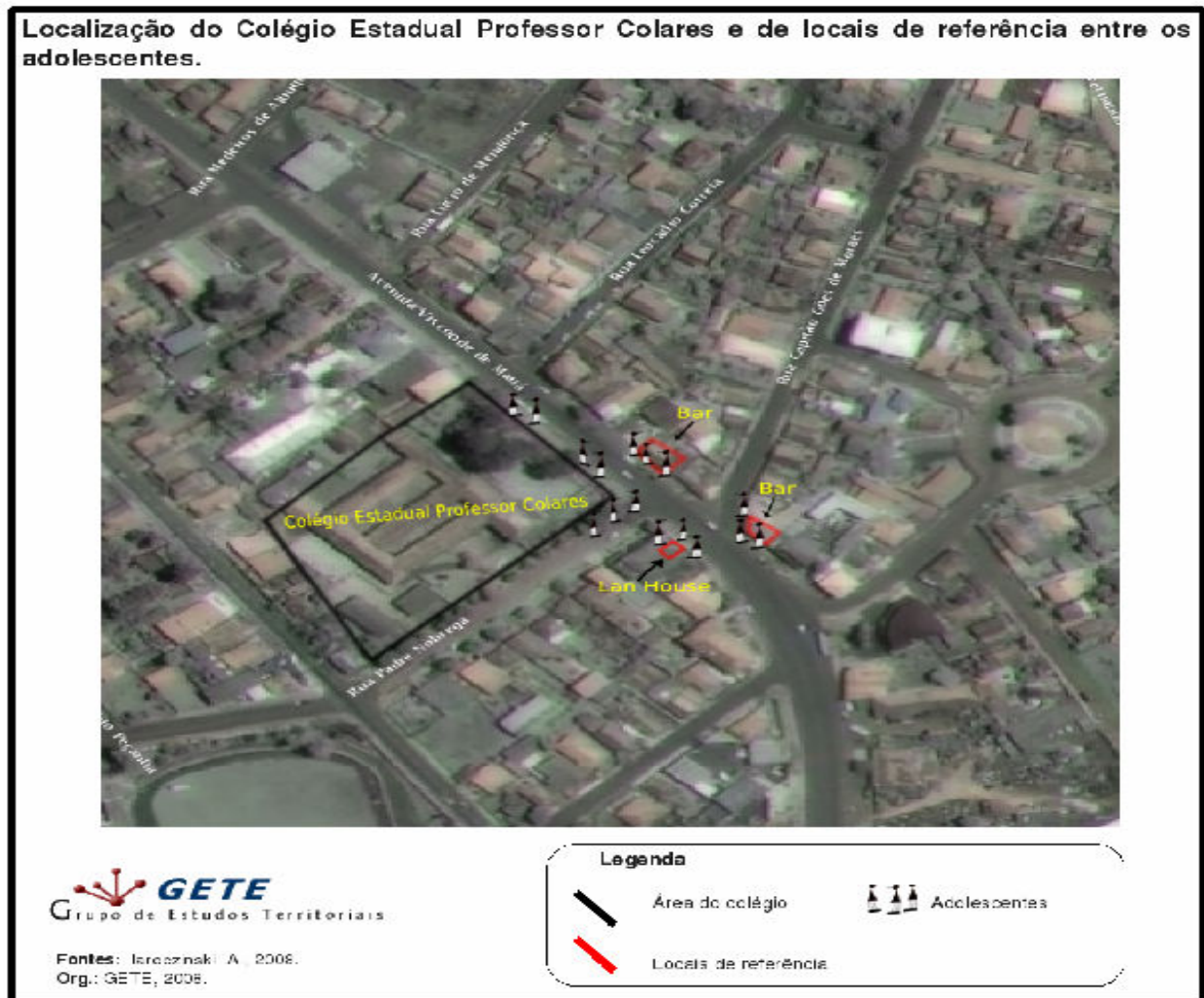


Figura 7 - Cartograma da localização do colégio Estadual Professor Colares e de locais de referência entre os adolescentes.

A presença de bares e *lan houses* no entorno da escola é motivo de preocupação das pessoas responsáveis pela gestão do Colégio Estadual Dr. Colares, como visto no trecho da entrevista abaixo:

Existem pontos favoráveis próximo ao colégio, como bares e *lan houses*. Os alunos ficam na *lan house* jogando e fumando. Muitos gazeiam aulas para ficar nestes locais. É uma compulsão por jogos e principalmente os violentos, saem da *lan house* e vêm para o colégio querendo por em prática a violência que obteve virtualmente. (Entrevista com RE1 em 05/11/07).

Os grupos de adolescentes, na maioria do sexo masculino, apropriam-se de locais no entorno das escolas que servem de pontos de confrontos que, têm a escola como ponto de

referência e ao mesmo tempo, por não estarem dentro dos muros da escola, não estão subordinados às regras escolares. Os grupos de adolescentes são formados por alunos das escolas, ex-alunos e não alunos, constituindo ações em rede que permeiam as fronteiras do espaço escolar.

A pesquisa realizada nas quatro escolas apresenta 74% das evocações confirmando a presença de grupos organizados em sua escola, com apenas 26% negando. Quando solicitados aos alunos a responderem sobre a atuação desses grupos nos locais de referência, as entrevistas evidenciaram que 7,14% das evocações retratam uma atuação na parte interna da escola, 28,29% na parte externa e 64,57% evidenciaram ambas as partes, interna e externa à escola. A composição dos grupos de alunos organizados para realização de atos violentos, há 18,23% de evocações confirmando que os grupos são formados por alunos das escolas, 6,76% por não alunos, 2,66% por ex-alunos e 72,35% afirmaram que os grupos são constituídos pelas três categorias.

Os (as) alunos (as) avaliaram que a escola é o ponto de referência e de encontro de diversos adolescentes, sejam eles estudantes, ex-estudantes e não estudantes. Essa diversidade de relações sociais extrapola as barreiras da escola, tornando-a vulnerável às ações conflituosas e violentas que foram criadas longe de seu espaço, constituindo processos identitários diversos.

Os encontros conflituosos ocorrem com maior frequência nos horários da saída conforme 84,22% de evocações dos estudantes, sendo que 12,68% apontaram para os intervalos das aulas e 3,10% no horário de entrada. As agressões mais graves são mais comuns na parte externa da escola com 76,82% e apenas 23,18% referenciaram para ocorrências na parte interna. Os conflitos que emergem no interior da escola são resolvidos na parte externa na hora da saída, onde os grupos de adolescentes recebem apoio de grupos externos à escola.

A escola é elemento instituído pela violência urbana, mas é também dela instituinte. Spósito (2001) evidencia que na escola ocorre a convivência no mesmo espaço de pessoas que expressam a fragmentação do tecido social e da exclusão social e econômica que cada vez mais evidencia a perversão da concentração de recursos em pequenos grupos sociais privilegiados.

A escola pública é ponto de encontro entre diversos grupos constituídos de diferentes naturezas econômicas, sociais e culturais. A compreensão das relações constituidoras das escolas e seus conflitos devem ser consideradas e jamais negligenciados como fazendo parte do cotidiano escolar, como referenciado por Santos (2001, p. 117).

A compreensão das relações entre a escola e as práticas da violência passa, necessariamente pela reconstrução da complexidade das relações sociais que estão presentes no espaço social da escola, pois são exatamente as combinações entre relações de classes e relações entre grupos culturais que permitem uma abordagem explicativa das práticas de violência na escola. Precisamos tentar entender as mensagens e os atos escondidos ou emparedados dos atos de violência e ter a audácia de afirmar, contra o senso comum e a sociologia convencional, o reconhecimento do conflito como parte da dinâmica social da escola.

José V. Tavares dos Santos (2001) salienta também que a relação da escola com as diversidades culturais dos grupos que a compõem não são levados em consideração pelo corpo docente das instituições de ensino e dessa forma a violência é exercida no contexto escolar por ações sociais de poder que impõem um conjunto de valores de forma igualitária aos sujeitos distintos que a compõem.

Como afirmado por Guimarães (1996), há necessidade das escolas compreenderem as complexas relações sociais presentes no seu espaço para promoverem ações de enfrentamento das práticas violentas cometidas no seu contexto escolar, a fim de formar cidadãos e desenvolver interações construtivas que contribuam para a formação integral de seus educandos.

O papel da escola na vida social das crianças e dos adolescentes vai além de educar e formar cidadãos livres, mas agir na construção da autonomia, criticidade e participação social ativa e efetiva. Contudo, a escola só desempenhará este papel na medida em que desenvolva mecanismos de agir de forma interativa considerando as dinâmicas sociais em escala que ultrapassam seus muros.

Quando questionados sobre o gosto em estar na escola, 51,38% das respostas dos questionários apresentaram a opção “mais ou menos”, 37,56% afirmaram que gostam de estar na escola e apenas 11,06% avaliaram negativamente. A escola é, portanto, o espaço de referência mais importante para crianças e adolescentes, pois é no espaço escolar que se desenvolvem suas principais sociabilidades, sejam elas positivas ou negativas. Cabe à sociedade produzir o conteúdo do encontro social que constrói o espaço escolar e também o papel que a escola desempenhará na constituição da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa elaborou a compreensão da relação entre o espaço escolar e a violência infanto-juvenil no contexto de ação do Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa-PR, centrado na conexão entre o espaço escolar e o espaço urbano nos atos de violência deflagrados e cometidos por crianças e adolescentes.

Como visto no segundo capítulo a Patrulha Escolar já existia antes de 2004, com monitoramentos e patrulhamento dos policiais em torno das escolas estaduais de Ponta Grossa-PR, sem intervenções internas. Contudo, com o aumento do agravante da violência escolar o governo do Estado do Paraná oficializou a implantação da Patrulha Escolar Comunitária – PEC - em 2004, com atividades de intervenções diretas nas instituições escolares com a realização das revistas preventivas.

Com esta problematização que a pesquisa focou nas mudanças e nos resultados obtidos pelo Programa com as análises dos boletins de ocorrências realizados no período de 2005-2007 evidenciando o perfil da violência entre crianças e adolescentes e as escolas com maiores índices de violência escolar registrados neste período.

Com o resultado do levantamento documental a pesquisa partiu para compreensão da violência a partir da visão dos policiais integrantes de cada equipe responsável pelo patrulhamento das áreas e com os representantes das escolas. Com o resultado das entrevistas, evidenciou-se que há divergências na relação entre a escola e a polícia da compreensão do fenômeno da violência, por um lado argumentaram nas condições sociais e econômicas e por outro avaliaram o próprio despreparo tanto dos policiais como das escolas no enfrentamento da violência escolar. A escola aponta para a polícia, assim como a polícia aponta para a escola os fatores negativos na efetivação do Programa, ficando evidente uma relação conflituosa entre ambos, que na prática necessita de ajustes a fim de construir uma comunidade escolar integrada com a finalidade de prevenção e combate a violência no espaço escolar.

A compreensão da violência a partir da visão dos alunos, explorado a partir de suas percepções como atores sociais vistos como vítimas e como produtores da violência escolar, referenciaram as formas de agressões, os motivos, características dos envolvidos e os locais das ocorrências dos atos como apontados no terceiro capítulo. Estudantes são promotores e vítimas da violência, evidenciando a escola como portadora desta mesma ambigüidade, já que

também é promotora da violência que sofre, por meios de mecanismos de repressão e autoridade. Neste sentido, conclui-se que a escola aplica uma regra homogênea de controle e organização ao público que atende, não considerando a diversidade de identidades culturais que foram criadas e moldadas fora do contexto escolar.

As diversidades culturais são marcadas pela fragmentação social existente no meio urbano como argumentada por Correa (2000, p.80), que é caracterizada pela “existência de uma organização espacial urbana desigual e por uma complexa divisão social do espaço, associada a uma enorme diferença nas condições de vida dos diversos grupos sociais da cidade”. Essa fragmentação social vivenciada por crianças e adolescentes nos seus espaços de moradias vão se articular no espaço escolar, promovendo assim a escola como um campo de manifestações de lutas sociais.

Entretanto, a pesquisa apontou que a distribuição espacial das famílias de baixa renda é difusa, e as infrações registradas nos boletins de ocorrências apresentam uma distribuição em áreas de concentração que não coincidem com as áreas de famílias de baixas rendas. Isso permite afirmar que a pobreza não é um fator isolado na explicação da violência, mas sim conjuntamente com as diversidades de identidades culturais e sociais que vão compor a escola como um complexo campo de relações sociais como apontado por Spósito (2001), da convivência no mesmo espaço de dois mundos - excluídos e incluídos. Existindo também a desigual distribuição espacial das ocorrências e no perfil dos atos violentos cometidos pelo grupo focal.

Este trabalho constatou que a escola articulada ao espaço urbano é uma barreira frágil e permeável das relações sociais que estão de fora, que mesmo utilizando o seu controle interno as manifestações de ações violentas externas entram no seu contexto escolar. Dessa forma compreende-se a escola como um espaço complexo de relações sociais conflituosas e tensas que permeiam e compõem o cotidiano escolar.

Embora a escola se constitua num espaço específico no desenvolvimento de papéis formais entre os agentes sociais que a compõem é impossível separar as transformações sociais do espaço escolar atrelado ao espaço urbano. Assim, o aprofundamento das desigualdades sociais presentes no espaço escolar, constituiu-o em um local de encontro de diferentes grupos.

A violência escolar envolvendo crianças e adolescentes com consequências graves como uso de drogas, furtos, agressões físicas, etc., evidenciado neste trabalho no segundo capítulo, encontra-se entre as principais problemáticas vivenciadas pelas instituições de ensino. E na tentativa de minimizar o impacto desse fenômeno, o Programa da Patrulha

Escolar tem encontrado algumas dificuldades no desenvolvimento de suas atividades, devido ao acolhimento não homogêneo por parte das escolas do município de Ponta Grossa-PR tendo várias resistências por parte de professores e diretores das escolas o que dificulta a realização de um trabalho conjunto entre as instituições de ensino e os policiais.

Os resultados das pesquisas e observações das quatro escolas selecionadas como objeto de estudo deste trabalho, demonstraram serem ambientes tensos, compostos por uma população fortemente heterogênea em diversos sentidos, tanto no que diz respeito ao perfil de renda e faixa etária, como dos valores sociais e morais. A complexidade que estrutura o espaço escolar tem sido negligenciada e a escola tem reproduzido os mesmos elementos presentes no espaço urbano como um todo, como a exclusão, a repressão e a submissão. A análise dos dados coletados para esta pesquisa demonstrou que durante o período de 2005 a 2007 os indicadores da violência infanto-juvenil presentes nas instituições de ensino público na cidade de Ponta Grossa-PR continuam constantes. A violência escolar, apesar do Programa da Patrulha Escolar estar presente e atuante, ainda continua sendo um importante desafio da sociedade urbana. Contudo, é necessário que haja a superação da visão da escola como instituição isolada. O espaço escolar é uma criação social, instituído pela sociedade que lhe dá sentido e ao mesmo tempo, dela instituinte. A partir dessa concepção pode-se imaginar a escola enquanto movimento constante de transformação social e sendo assim, ela pode constituir-se em espaço de resistência e contribuir para uma cidade mais solidária e pacífica.

As relações sociais presentes no contexto escolar como referenciados no terceiro capítulo são conflituosas e por sua vez implicam em forças antagônicas, de um lado a escola com suas regras e normas controladoras e de outro o grupo social infanto-juvenil com suas identidades culturais diversas que compõem a realidade das relações sociais no cotidiano escolar.

Entretanto, mesmo com as complexidades de relações sociais entre os diversos grupos que a compõem e a presença da violência, a escola é vista pelos alunos como o principal ponto de encontro e referência em suas vidas.

Tornar a escola pública urbana, um local de acesso democrático e livre que contribua com a formação moral e intelectual de crianças e adolescente é papel primordial da sociedade e do Estado enquanto órgão regulador desta instituição. Contudo, manter as formas de gestão atual mantendo a escola como um órgão isolado com suas regras e normas que a compõem sem levar em consideração os mecanismos que a inter-relacionam, os quais estão presentes no espaço urbano é tornar o espaço escolar cada vez mais conflituoso e tenso com a manifestação das diversas formas de violência, como foram apontados neste trabalho.

A sociedade atual é caracterizada pela desigualdade social, pela pobreza extrema, pela constituição das diversas formações de identidades que são criadas e moldadas nos espaços de moradias do público que a compõem, que são mecanismos favoráveis ao desenvolver a violência. Neste contexto, como referenciado por Santos (2001), a compreensão das relações entre a escola e os fatores que permeiam as práticas da violência devem ser reconhecidos como parte da dinâmica social da escola contemporânea numa combinação entre relações de classes sociais e culturais que permeiam o cotidiano da escola. É partindo deste entendimento que a escola deve ser compreendida como parte integrante do espaço urbano e desenvolver mecanismos, juntamente com os órgãos de segurança pública como a Patrulha Escolar, de forma conjunta com projetos e propósitos seguidos de forma igualitária e não ações isoladas como apontados pelos próprios agentes responsáveis deste processo policiais e educadores, para assim minimizar os impactos da violência escolar e promover a escola num espaço de relações sociais harmoniosas e pacíficas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

ALVES, G. R. L.; PRETTO N. Escola: um espaço de aprendizagem sem prazer. **Revista Comunicação & Educação**, nº16 p. 29-35, set/dez. 1999. Disponível em: <<http://www2.ufba.br/~pretto/textos/criancas.htm>>. Acesso em 31 jul. 2007.

AQUINO, J. G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. In **Cadernos Cedes**, nº47, p. 7-19, dezembro/1998.

BOURDIEU. P.; PASSERON J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. (tradução de Reynaldo Bairão). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CARDIA, N. A violência urbana e a escola. **Revista Contemporânea de Educação**, v.2, n.2, p.26-99, 1997.

CASTEJÓN, Pe Agostinho. A difícil coerência entre utopia e ação. In **Revista de Educação – AEC**. Brasília: AEC do Brasil, Ano 21, n. 82, 1992.

CASTRO, I. (Org.). **Geografia**: Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

CENTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO E INFORMAÇÃO PARA A PAZ/UNIVERSIDADE PARA A PAZ DAS NAÇÕES UNIDAS. **O Estado da Paz e a Evolução da Violência**: A Situação da América Latina. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. 39 p.

CENSO EDUCACIONAL (2007).

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (2005).

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, n. 8, 2002.

CHAVES, N. B. Ponta Grossa: espaço e tempo. In: **O diário dos Campos**: discussões e revelações sociais em Ponta Grossa, década de 1930. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, UNESP, 1998.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2000.

DA MATTA, Roberto. **A Violência Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

DEBARBIEUX E.; BLAYA C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DITZEL, C. H. M.; SAHR, C. L. L.; (Org.). **Espaço e Cultura Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2001.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Brasília: Senado Federal, 1990.

FERNÁNDEZ, I. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo: Madras, 2005.

FRANCO, A. C. **A escola do trabalho e o trabalho da escola**. São Paulo: Cortez, 1987.

FRANCO, J.; PEREIRA F. M. Crescimento e modernização do setor agropecuário paranaense no período de 1970 a 2004. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, v.1, n.2, p.187-210, mai./ago., 2008.

GANDIN, D. **Escola e Transformação Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GONÇALVES, M. A. C.; PINTO, E. A. **Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa: UEPG, 1983.

GETE – GRUPO DE ESTUDOS TERRITORIAS.

GUIMARÃES, A. M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas: Autores Associados, 1996.

HALL, S. A Questão da Identidade Cultural. **In Cadernos da Educação** n. 18, 1998, (Textos Didáticos).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: censo demográfico de 2000.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2007.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, 1997.

KEIL, Ivete Manetzeder. Descrença Política e Violência Urbana. Existe Uma Relação? In: HARTMANN, Fernando et al. **Violências e Contemporaneidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005. p. 30-31.

LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1987.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

LÖWEN, C. L. **Favelas: um aspecto da expansão urbana de Ponta Grossa – PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campos Rio Claro, Rio Claro, 1990.

MARRA, C. A. dos S. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano escolar**. São Paulo: Annablume, 2007.

MAY, T. **Pesquisa Social: Questões, Métodos e Processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOCHCOVITCH, L. G. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1990.

NASCIMENTO, E. **Espaço e desigualdades: mapeamento e análise da dinâmica de exclusão/inclusão social na cidade de Ponta Grossa (PR)**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Ponta Grossa, UEPG, 2008.

OLIVEIRA A. B.; DUARTE, N. **Socialização do saber escolar**. São Paulo: Cortez, 1986.

O’NEILL, Maria Mônica. **Segregação Residencial: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Rio de Janeiro, UFRJ, 1983.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec, 1981.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Núcleo Regional de Educação de Ponta Grossa.

PARANÁ, Polícia Militar. Programa Patrulha Escolar.

PAULA, J. C. M. **População, poder local e qualidade de vida no contexto urbano de Ponta Grossa-PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Rio Claro, Rio Claro, 1993.

_____. Poder Local em Ponta Grossa: algumas considerações sobre sua evolução. In: DITZEL, C. H. M, SAHR, C. L. L., (Org.). **Espaço e Cultura Ponta Grossa e os Campos Gerais**: Ed. UEPG, 2001.

PERALVA, Angelina. **A generalização da violência como modo de regulação das interações humanas na região metropolitana do Rio de Janeiro**: a violência juvenil. São Paulo: Relatório de Pesquisa/CNPq, 1995.

PINHEIRO, P. S. et al. **São Paulo Sem Medo**: um diagnóstico da violência urbana. São Paulo: Garamond, 1997.

POLATO, Amanda. **Revista Nova Escola**: Violência é produzida na escola sim. Artigo disponível em site da USP - REVISTA NOVA ESCOLA ONLINE, 2007. Em <http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=216&Itemid=29 > Acesso em 12 jul. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA.

REVISTA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Ano X, n. 20. Brasília: CRUB, 1. Semestre, 1988.

RIBEIRO, Antônio Giacomini. As transformações da sociedade e os recursos da natureza na região de Palmas e Guarapuava, *in* **Boletim de Geografia** - UEM, ano 07, no 01, Maringá (PR): Universidade Estadual de Maringá, setembro, 1989.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1991.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo, Nobel, 1987.

SANTOS, Vicente Tavares. Violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. In **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, V. 27, nº 1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPÓSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. São Paulo, **Revista Tempo Social**, Vol. 5 números 1-2, Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, 2001.

TIBAS, Içami. **Disciplina**: limite na medida certa. São Paulo: Editora Gente, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à Pesquisa**: ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

VILHAÇA, Flavio. **O espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1998.

ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS POLICIAIS DA PATRULHA ESCOLAR

Data: ____/____/____ **Região atendida:** _____

Local da entrevista: _____

1 - Caracterização do entrevistado:

Nome / idade / procedência / tempo na profissão / tempo no programa / cargo atual / outros cargos / atividades profissionais / voluntárias / família.

2 - O que pensa sobre o aumento da violência urbana e o crescente envolvimento de jovens e adolescentes?

3 - Qual a opinião sobre o Programa da Patrulha Escolar?

4 - Como avalia seu papel e desempenho para cumprir os objetivos do programa?

5 - Como avalia a relação da patrulha escolar com as escolas?

6 - Quais as dificuldades existentes na relação com a escola no combate a violência escolar?

7 - Quais as potencialidades existentes na relação com a escola no combate a violência escolar?

8 - Qual a reação dos alunos em relação a presença de policiais na escola? Houve transformações na trajetória de desenvolvimento do programa?

9 - Aponte os atos mais comuns de atendimento da patrulha escolar. Quais as razões? Diferencie o perfil entre feminino / masculino? Há transformações desse perfil?

10 - O que você observa quanto às mudanças comportamentais no envolvimento em atos de violência? Quais as razões? (Diferenciar entre feminino / masculino).

11 - Aponte as escolas consideradas mais violentas na região em que sua equipe atende. Quais as razões? Período do dia / localização / pontos favoráveis próximos e procedência dos envolvidos.

12 - Pode diferenciar as características dos atos de violência e do atendimento da patrulha no espaço interior e exterior da escola? Frequência / perfil ato / perfil dos envolvidos.

13 - Aponte as escolas, consideradas menos violentas na região em que sua equipe atende. Quais as razões?

14 - Qual sua avaliação da efetividade do programa na diminuição da violência. Apontar alternativas para melhorar?

ANEXO 2 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS PELAS ESCOLAS

Data: ____/____/____ **Escola:** _____

Local da entrevista: _____

1 - Caracterização do entrevistado:

Nome / idade / procedência / tempo na profissão / tempo no programa / cargo atual / outros cargos / atividades profissionais / voluntárias / família

2 - O que pensa sobre o aumento da violência urbana e o crescente envolvimento de jovens e adolescentes?

3 - Qual a opinião sobre o Programa da Patrulha Escolar?

4 - Como avalia a relação da patrulha escolar com a escola?

5 - Como avalia seu papel e desempenho para cumprir os objetivos da diminuição da violência?

6 - Quais as dificuldades existentes na relação com a escola no combate a violência escolar?

7 - Quais as potencialidades existentes na relação com a escola no combate a violência escolar?

8 - Qual a reação dos alunos em relação a intervenção da patrulha escolar na escola? Houve transformações na trajetória de desenvolvimento do programa?

9 - Aponte os atos mais comuns em que recorre ao atendimento da patrulha escolar. Quais as razões? Diferencie o perfil entre feminino / masculino? Há transformações desse perfil?

10 - O que você observa quanto às mudanças comportamentais no envolvimento em atos de violência? Quais as razões? (Diferenciar entre feminino / masculino).

11 - Aponte como considera sua escola em relação à violência. Quais as razões? Período do dia / localização / pontos favoráveis próximos / procedência dos envolvidos.

12 - Pode diferenciar as características dos atos de violência e do atendimento da patrulha no espaço interior e exterior da escola? Frequência / perfil ato / perfil dos envolvidos.

13 - Como a comunidade escolar (alunos / professores / pais), estão reagindo aos atos de violência?

14 - Qual sua avaliação da efetividade do programa da patrulha escolar na diminuição da violência. Apontar alternativas para melhorar?

ANEXO 3 - QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS DAS ESCOLAS.**NÃO SE IDENTIFIQUE!**

1 - Sexo: M () F ()

2 - Série: _____ Idade: _____

3 - Qual a sua percepção sobre a escola que você estuda?

() Péssima / Ruim () Mais ou menos () Boa / ótima

4 - Você acha que existe violência na sua escola?

() sim () não

5 - Qual a sua opinião sobre a relação entre os alunos?

() Péssima / Ruim () Mais ou menos () Boa /ótima

6 - Como é a relação dos alunos com os professores?

() Péssima / Ruim () Mais ou menos () Boa/ ótima

7 - Como é a relação dos alunos com outros adultos da escola? (diretor(a), supervisor(a), inspetor(a), servente etc.)

() Péssima / Ruim () Mais ou menos () Boa/ótima

8 - Há roubos na sua escola?

() sim () não () Não sei

9 - No último ano, você participou de algum roubo na sua escola?

() sim () não

10 - Se você já foi roubado na sua escola, quantas vezes isso aconteceu no último ano?

() nunca () uma vez () mais de uma vez

11 - No último ano, você apanhou de alguém na sua escola?

() sim () não

12 - No último ano, você agrediu alguém na sua escola?

() sim () não

13 - Viu arma na escola?

() Nunca () faca () canivete () punhal () revólver () outros

14 - Entrou com arma na escola?

() Nunca () faca () canivete () punhal () revólver () outros

15 - No último ano, você observou a presença de drogas na sua escola?

() Nunca () bebida alcoólica () maconha () cocaína () crack

() outros Qual? _____

16 - Quem briga mais?

() meninos () meninas

17 - Qual o principal motivo de brigas entre os **meninos**? Descreva como eles brigam.

18 - Qual o principal motivo de brigas entre as **meninas**? Descreva como eles brigam.

19 - Qual sua opinião a respeito da Patrulha Escolar

() Péssima / Ruim () Mais ou menos () Boa/ ótima

20 - Como você avalia a relação entre os alunos e os policiais da Patrulha Escolar

() Péssima / Ruim () Mais ou menos () Boa/ ótima

21 - Na sua opinião qual a reação dos alunos em relação a presença de policiais na escola

☐ Péssima / Ruim ☐ Mais ou menos ☐ Boa/ ótima

22 - Como você avalia a atuação dos policiais na escola quando são acionados para atender uma ocorrência.

☐ são agressivos ☐ são rígidos ☐ são ouvintes e conselheiros

23 - As brigas entre alunos ocorrem mais:

☐ na parte interna da escola ☐ na parte externa da escola

24 - Há gangues na escola

☐ sim ☐ não

25 - As gangues atuam na parte:

☐ interna da escola ☐ externa da escola ☐ tanto internamente como externamente

26 - As gangues são formadas por:

☐ alunos da escola ☐ ex-alunos ☐ não alunos ☐ alunos, ex-alunos e não alunos

27 - Você faz parte de alguma gangue

☐ sim ☐ não

28 - Qual momento que as brigas mais acontecem na escola

☐ na hora da entrada ☐ na hora da saída ☐ no intervalo das aulas

29 - Você sofreu agressão verbal (humilhação e palavras grosseiras), praticadas pelos alunos

☐ sim ☐ não

30 - Você já sofreu algum tipo de discriminação na escola, praticada pelos alunos

☐ sim ☐ não

31 - Você já sofreu algum tipo de discriminação na escola, praticada por diretor (a), supervisor(a), inspetor(a), servente etc.

☐ sim ☐ não

32 - Você já sofreu agressão verbal (humilhação e palavras grosseiras) de diretor(a), supervisor (a), inspetor(a), servente etc.

☐ sim ☐ não

33 - Você já agrediu verbalmente alguém

☐ sim ☐ não

34 - Na sua opinião o controle dos alunos em relação a entrada e saída na escola é organizado

☐ sim ☐ não

35 - Como você avalia a direção da escola

☐ acessível para conversar ☐ autoritária demais

36 - Você gosta de estar na escola, sente-se feliz.

☐ sim ☐ não ☐ mais ou menos

37 - Você vai a escola por que:

☐ gosta, pois além de estudar encontra seus amigos ☐ não gosta, pois é obrigado (a) a frequentar

ANEXO 4 - TABELA DAS OCORRÊNCIAS REGISTRADAS PELO PROGRAMA DA PATRULHA ESCOLAR EM PONTA GROSSA ENTRE 2005 E 2007.

Tabela 8 - Ocorrências Registradas pelo Programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa entre 2005 e 2007.

Escolas/Colégios	Nº Ocorrência	Total Envolvidos	F*	M**	Autor	F*	M**	Vítima	F*	M**
Colégio Est. Senador Correia	35	57	26	31	47	19	28	10	7	3
Colégio Est. Regente Feijó	32	47	26	21	30	12	18	17	14	3
Colégio Est. Prof. João R. V. Borell D. Verney	30	57	21	36	40	12	28	17	9	8
Colégio Est. Professor Colares	25	46	15	31	37	12	25	9	3	6
Colégio Est. Presidente Kennedy	22	33	14	19	18	5	13	15	9	6
Colégio Est. General Osório	16	19	5	14	13	4	9	6	1	5
Colégio Est. 31 de Março	14	25	6	19	17	2	15	8	4	4
Escola Est. Professor Amalio Pinheiro	14	19	11	8	10	4	6	9	7	2
Colégio Est. José Elias da Rocha	13	20	11	9	15	9	6	5	2	3
Colégio Est. Meneleu de Almeida Torres	13	26	8	18	20	5	15	6	3	3
Colégio Est. Polivalente	13	21	8	13	14	3	11	7	5	2
Escola Est. Dorah Gomes Daichman	11	12	2	10	9	0	9	3	2	1
Colégio Est. Professor Julio Teodorico	10	19	3	16	15	3	12	4	0	4
Colégio Nossa Senhora da Glória	10	21	5	16	11	3	8	10	2	8
Colégio Est. Frei Doroteu	9	17	7	10	10	3	7	7	4	3
Colégio Est. Prof. Elzira Correia de Sá	9	18	4	14	14	2	12	4	2	2
Colégio General Antonio Sampaio	9	22	8	14	17	6	11	5	2	3
Colégio Est. Nossa Senhora das Graças	8	16	9	7	13	7	6	3	2	1
Colégio Est. Pe. Carlos Zelesney	7	9	2	7	5	0	5	4	2	2
Escola Est. Professor Becker e Silva	7	15	5	10	11	4	7	4	1	3
Colégio Est. Prof. Linda Salamuni Bacila	6	12	8	4	9	6	3	3	2	1
Escola Est. Edson Pietrobelli	6	6	3	3	6	3	3	0	0	0
Escola Est. José Gomes do Amaral	6	12	7	5	7	3	4	5	4	1
Escola Est. Monteiro Lobato	6	6	1	5	4	0	4	2	1	1
Escola Est. Ana Divanir Boratto	5	3	2	1	2	1	1	1	1	0
Escola Est. Bento Mossurunga	5	7	1	6	4	0	4	3	1	2
Escola Est. Eugênio Malanski	5	8	1	7	5	1	4	3	0	3
Escola Est. Iolando Taques Fonseca	5	10	7	3	7	5	2	3	2	1

Escolas/Colégios	Nº Ocorrência	Total Envolvidos	F*	M**	Autor	F*	M**	Vítima	F*	M**
Instituto de Ed. Prof. César P. Martinez	5	4	3	1	4	3	1	0	0	0
Colégio Est. Padre Arnaldo Jensen	4	7	5	2	5	3	2	2	2	0
Colégio Est. Santa Maria	3	6	4	2	3	1	2	3	3	0
Escola Est. Espírito Santo	3	7	2	5	6	2	4	1	0	1
Colégio Est. Epaminondas Novaes Ribas	2	1	0	1	0	0	0	1	0	1
Escola Est. Prof. Hália Terezinha Gruba	2	4	0	4	4	0	4	0	0	0
Escola Est. Professora Sirley Jagas	2	5	0	5	4	0	4	1	0	1
Escola Est. Alberto Rebello Valente	1	2	0	2	1	0	1	1	0	1
Escola Est. Jesus Divino Opierário	1	3	3	0	2	2	0	1	1	0
Escola Est. Padre Pedro Grzelczaki	1	2	1	1	2	1	1	0	0	0
TOTAL	375	624	244	380	441	146	295	183	98	85

Fonte: Polícia Militar – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.

*F - Feminino

**M - Masculino

Org. IAROCZINSKI A. (2008).

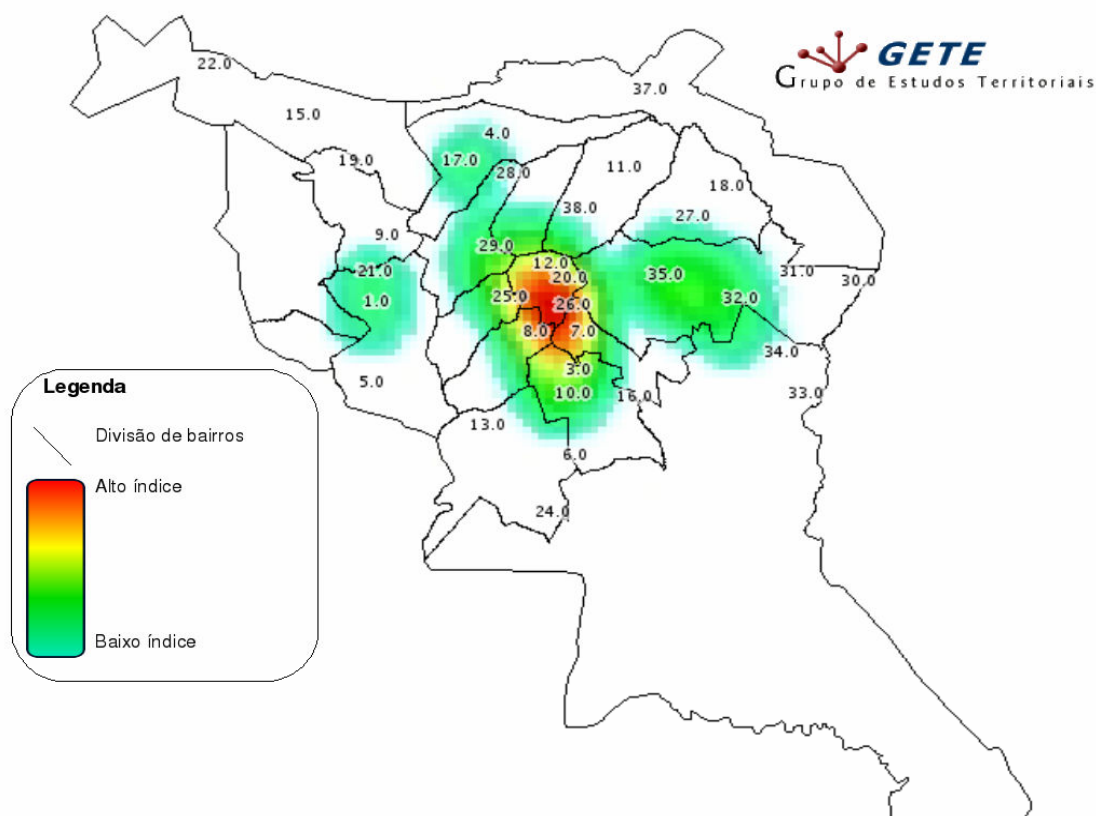
Escolas/Colégios	Nº N. A.	V. F.	L. C.	R.	D. A.	F. N. C.	A.	F. S.	E.	A. F.	O. R.	A. S.	A. B.	C. B. A.	D. P. Pu	E. A.	P. S T.	P. T.	F. Q.	U. S. T.	A. O.	D. P. Pa	A. E.	T. D.
Escola Est. Ana Divanir Boratto	6	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2	0	0	0	0	0
Colégio Est. Padre Arnaldo Jensen	5	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
Escola Est. Eugênio Malanski	5	1	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Escola Est. Bento Mossurunga	5	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Escola Est. Professora Sirley Jagas	4	1	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Escola Est. Espírito Santo	3	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Colégio Est. Santa Maria	3	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Escola Est. Professora Hália Terezinha Gruba	3	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Colégio Est. Epaminondas Novaes Ribas	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Escola Est. Padre Pedro Grzelczaki	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Escola Est. Jesus Divino Opierário	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Escola Est. Alberto Rebello Valente	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	431	72	55	8	23	10	51	45	15	7	1	4	15	9	25	16	9	19	21	6	5	8	6	1

LEGENDA - TABELA Nº. 2			
Nº. N. A.	Número Natureza dos Atos	A.B.	Armas Brancas
V.F.	Vias de Fato	C.B.A.	Consumo Bebia Alcoólica
L.C.	Lesão Corporal	D.P.Pu.	Danos Patrimônio Público
R.	Rixa	E.A.	Encaminhamento Assistencial
D.A	Desacato à Autoridade	P.S.T.	Porte Substâncias Tóxicas
F.N.A	Fato Não Constatado	P.T.	Perturbação da Tranquilidade
A.	Ameaça	F. Q.	Furto Qualificado
F.S.	Furto Simples	U.S.T.	Uso de Substâncias Tóxicas
E.	Embriaguez	A.O.	Ato Obsceno
A.F	Armas de Fogo	D.P.Pa.	Danos Patrimônio Particular
O.R.	Objeto Recuperado	A.E	Artefatos Explosivos
A.S.	Abordagem Suspeito	T.D.	Tráfico de Drogas

Fonte: Polícia Militar do Paraná – Programa Patrulha Escolar, Ponta Grossa- PR, 2005-2007.
Org. IAROCZINSKI, A. (2008).

ANEXO 6 - CARTOGRAMA

Concentração de ocorrências registradas pela Polícia Militar de adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei em colégios estaduais de Ponta Grossa-PR.



Código	Escola	Código	Escola
1	Colégio Est. Nossa Senhora das Graças	20	Colégio Est. Regente Feijó
2	Escola Estadual Edson Pietroboli	21	Colégio Est. Profª. Elzira Corrêa de Sá
3	Colégio Est. Prof. Colares	22	Colégio Estadual Frei Dordau de Pádua
4	Colégio Est. Professora Linda Salamuni bacila	23	Colégio Est. Meneleu de Almeida Torres
5	Escola Est. José Gomes de Amaral	24	Colégio Est. Santa Maria
6	Escola Estadual Espírito Santo	25	Escola Est. Professor Becker e Silva
7	Colégio Est. José Elias da Rocha	26	Colégio Est. Senador Correia
8	Instituto de Educação Prof. César Prieto Martinez	27	Colégio Est. 31 de Março
9	Colégio Est. Pe. Carlos Zelesny	28	Colégio Est. Dr. Epaminondas Novaes Ribas
10	Escola Est. Jesus Divino Operário	29	Escola Est. Prof. Amálio Pinheiro
11	Escola Est. Monteiro Lobato	30	Escola Est. Padre Pedro Grzelczaki
12	Colégio Est. Prof. Julio Teodorico	31	Escola Est. Professora Hália Terezinha Gruba
13	Escola Est. Alberto Rebelo Valente	32	Colégio Est. Proj. João Ricardo Von Borell Du Vernay
14	Colégio Est. Presidente Kennedy	33	Escola Est. Eugênio Malanski
15	Escola Est. Ana Divanir Borato	34	Colégio Estadual Padre Arnaldo Jansen
16	Escola Est. Maestro Bento Mossurunga	35	Colégio Est. General Osório
17	Escola Est. Iolando Taques Fonseca	36	Escola Est. General Antônio Sampaio
18	Escola Estadual Nossa Senhora da Glória	37	Escola Est. Doranli Gomes Daichaman
19	Escola Est. Professora Shirley Jagas	38	Colégio Est. Polivalente

Fonte: Boletins de ocorrência da Polícia Militar de Ponta Grossa dos períodos de 2005 à 2007.

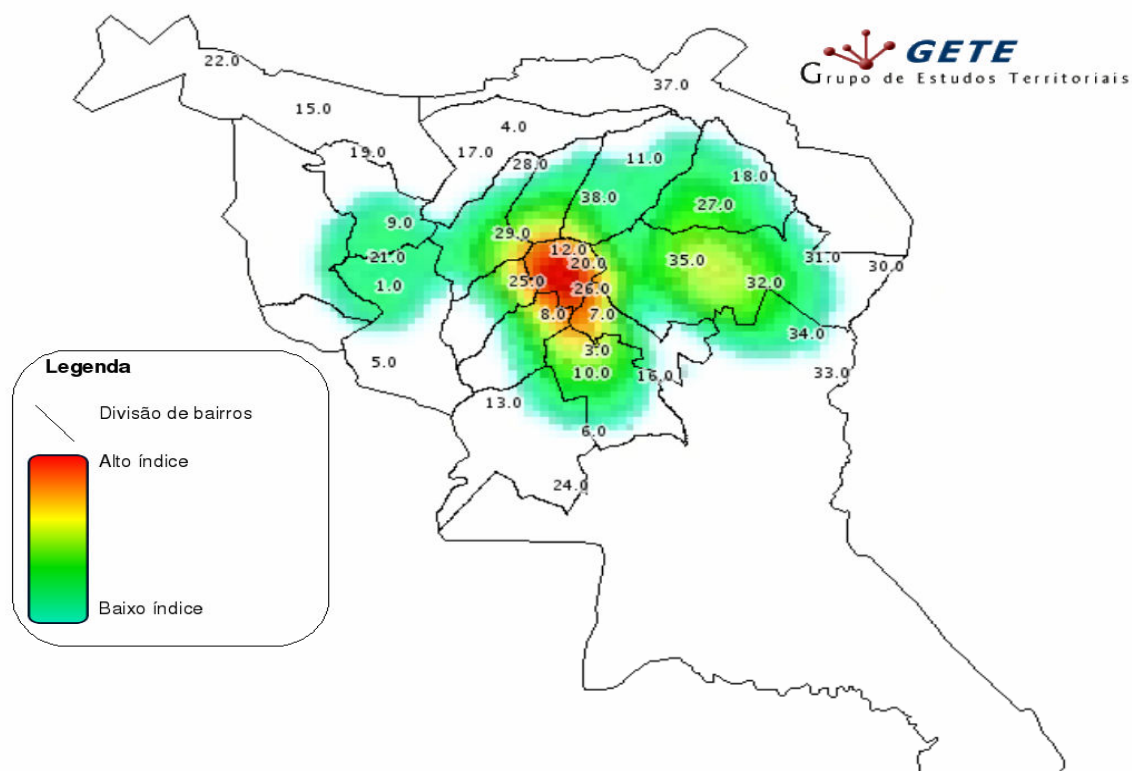
Levantamento: Adriane Iarczinski, 2008.

Organização: GETE, 2008.

Figura 8 – Cartograma da concentração de ocorrências registradas pela polícia militar de adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei em colégios estaduais de Ponta Grossa – PR.

ANEXO 7 – CARTOGRAMA

Concentração de ocorrências registradas pela Polícia Militar de adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em colégios estaduais de Ponta Grossa-PR.



Código	Escola	Código	Escola
1	Colégio Est. Nossa Senhora das Graças	20	Colégio Est. Regente Feijó
2	Escola Estadual Edson Pietrobelli	21	Colégio Est. Profª. Elzira Correia de Sá
3	Colégio Est. Prof. Colares	22	Colégio Estadual Frei Dordetu de Pádua
4	Colégio Est. Professora Linda Salamuni bacila	23	Colégio Est. Menelau de Almeida Torres
5	Escola Est. José Gomes de Amaral	24	Colégio Est. Santa Maria
6	Escola Estadual Espírito Santo	25	Escola Est. Professor Becker e Silva
7	Colégio Est. José Elias da Rocha	26	Colégio Est. Senador Correia
8	Instituto de Educação Prof. César Prieto Martinez	27	Colégio Est. 31 de Março
9	Colégio Est. Pe. Carlos Zelesny	28	Colégio Est. Dr. Epaminondas Novaes Ribas
10	Escola Est. Jesus Divino Operário	29	Escola Est. Prof. Amílrio Pinheiro
11	Escola Est. Monteiro Lobato	30	Escola Est. Padre Pedro Grzelczaki
12	Colégio Est. Prof. Júlio Teodorico	31	Escola Est. Professora Hália Terezinha Gruba
13	Escola Est. Alberto Rebello Valente	32	Colégio Est. Proj. João Ricardo Von Borell Du Vernay
14	Colégio Est. Presidente Kennedy	33	Escola Est. Eugênio Malanski
15	Escola Est. Ana Divanir Borato	34	Colégio Estadual Padre Arnaldo Jansen
16	Escola Est. Maestro Bento Mossurunga	35	Colégio Est. General Osório
17	Escola Est. Iolando Taques Fonseca	36	Escola Est. General Antônio Sampaio
18	Escola Estadual Nossa Senhora da Glória	37	Escola Est. Doranin Gomes Daitchaman
19	Escola Est. Professora Sirley Jagas	38	Colégio Est. Polivalente

Fonte: Boletins de ocorrência da Polícia Militar de Ponta Grossa dos períodos de 2005 à 2007.

Levantamento: Adriane Iaroczinski, 2008.

Organização: GETE, 2008.

Figura 9 – Cartograma da concentração de ocorrências registradas pela polícia militar de adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em colégios estaduais de Ponta Grossa – PR.

ANEXO 8 – CARTOGRAMA

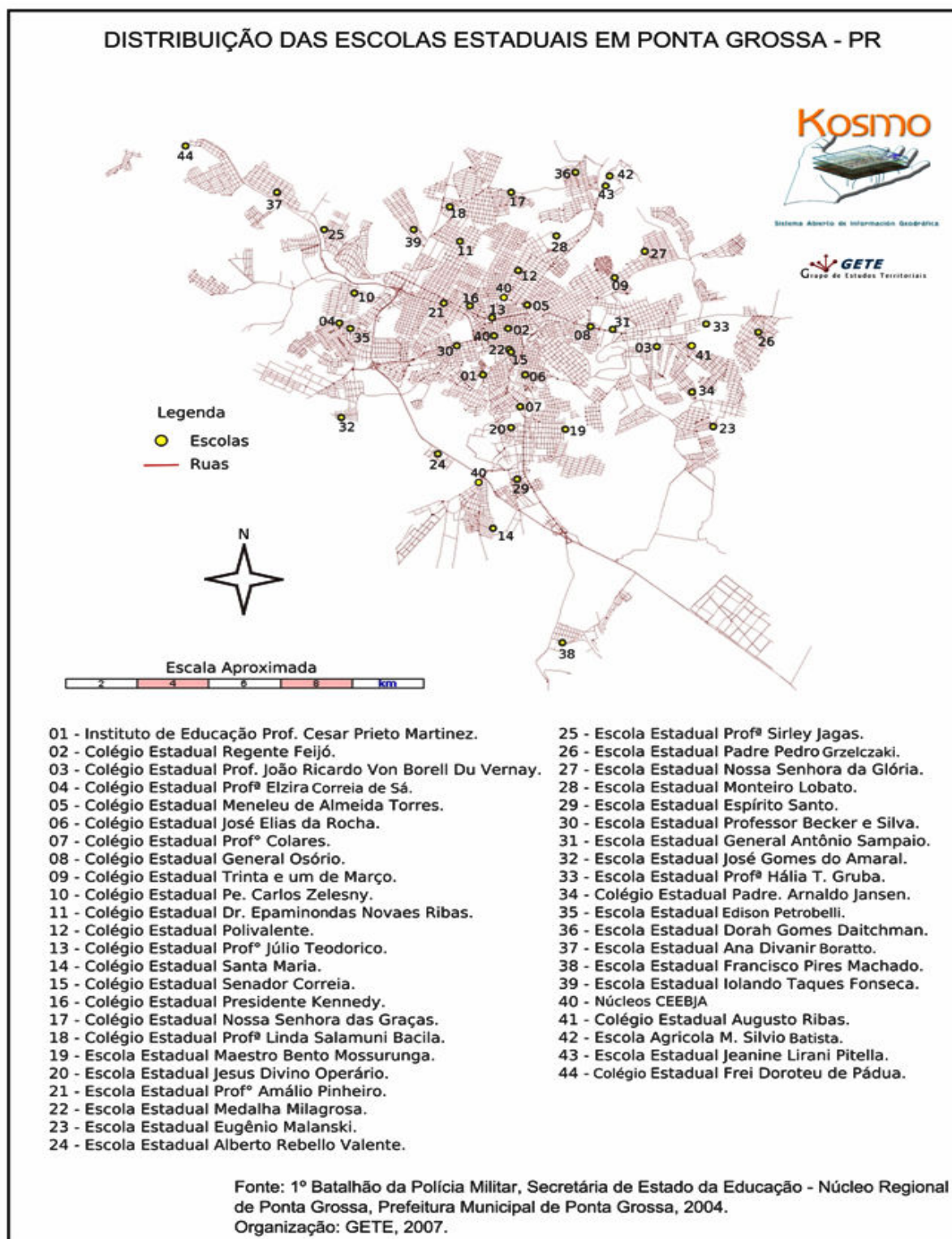


Figura 10 – Cartograma da distribuição das escolas estaduais de Ponta Grossa – PR.